







ROBERT MOORE
DOUGLAS GILLETTE

REI GUERREIRO MAGO AMANTE

A REDESCOBERTA DOS ARQUÉTIPOS DO MASCULINO

Editora Campus

INTRODUÇÃO

Na recente entrevista de Bill Moyers com o poeta Robert Ely, " A Gathering of Men" (Reunião de homens), um jovem perguntou: "Onde estão, atualmente, os homens iniciados com poder?" Escrevemos este livro para responder a essa pergunta que preocupa homens e mulheres. No final do século XX, enfrentamos uma crise na identidade masculina de vastas proporções. Cada vez mais, os observadores do cenário contemporâneo — sociólogos, antropólogos e psicólogos — descobrem as arrasadoras dimensões desse fenômeno que afeta cada um de nós individualmente, da mesma forma como atinge a sociedade em geral. Por que há tanta confusão entre os sexos hoje em dia, pelo menos nos Estados Unidos e na Europa Ocidental? Parece cada vez mais difícil definir o que é masculino e o que é feminino.

Olhamos os sistemas familiares e vemos a ruptura da família tradicional. Um número crescente de famílias revela a triste realidade do pai que desaparece cuja ausência, seja através do abandono físico, emocional, ou ambos, provoca um desastre psicológico nas crianças dos dois sexos. O pai fraco ou ausente mutila a capacidade dos filhos ou das filhas para conquistar a própria identidade sexual e para se relacionar de forma intima e positiva com pessoas do seu sexo e do sexo oposto.

Mas acreditamos e sabemos por experiência própria que não podemos simplesmente mostrar a desintegração dos sistemas familiares modernos, por mais importante que seja na tentativa de explicar a crise da masculinidade. É preciso examinar outros dois fatores subjacentes.

Primeiro, temos que levar bastante a serio o desaparecimento dos rituais de iniciação dos meninos na condição adulta. Nas sociedades tradicionais, existem definições padronizadas para o que constitui o que chamamos de psicologia do Menino e psicologia do Homem. Pode-se ver isso de forma bem nítida nas sociedades tribais que passaram pelo exame atento de antropólogos famosos como Arnold van Gennep e Victor Turner. São rituais cuidadosamente elaborados para ajudar os meninos da tribo a fazer a transição para a condição adulta. Durante séculos de civilização ocidental, quase todos esses processos ritualísticos foram abandonados ou se desviaram por canais mais estreitos e menos energizados — para os fenômenos que hoje chamamos de pseudo-iniciações.

Podemos assinalar os antecedentes históricos do declínio dos rituais de iniciação. A Reforma Protestante e o Iluminismo foram movimentos fortes que compartilhavam o tema do descrédito ao processo ritualístico. E uma vez desacreditado o ritual como processo sagrado e transformador, o que nos resta é o que Victor Turner chamou de "mero cerimonial", que não possui o poder necessário para realizar a autêntica transformação de consciência. Desligados do ritual, abolimos os processos através dos quais tanto os homens como as mulheres conquistavam a sua identidade sexual de uma forma profunda, madura e vivificante.

O que acontece com uma sociedade quando os rituais por meio dos quais se formam essas identidades se tornam desacreditados? No caso dos homens, existem muitos que não foram iniciados ou que tiveram pseudo-iniciações que não proporcionaram a transição necessária para a condição adulta. Predomina a psicologia do Menino. Ela nos cerca por todos os lados, e suas marcas são evidentes. Entre elas, os comportamentos de atuação (acting-out) agressivos e violentos em relação aos outros, tanto homens como mulheres; passividade e fraqueza, a incapacidade de agir de forma eficiente e criativa no que se refere a sua própria existência e para gerar entusiasmo e criatividade nos outros (homens e mulheres); e, com freqüência, uma oscilação entre os dois — agressividade/fraqueza.

Junto com o colapso do ritual significativo para a iniciação masculina, um segundo fator parece estar

contribuindo para a dissolução da identidade do homem maduro. Esse fator, que nos foi mostrado por um esforço da crítica feminista, é o patriarcado: a organização social e cultural que vem governando o nosso mundo ocidental, e grande parte do resto do mundo, desde pelo menos o segundo milênio antes de Cristo até hoje. As feministas verificaram o quanto a dominação masculina no patriarcado oprimiu e maltratou o feminino — as chamadas características e virtudes femininas e as próprias mulheres. Na crítica radical que fazem a esse sistema, algumas feministas concluem que, em suas raízes, a masculinidade; é essencialmente agressiva e que a ligação com o "eros" — com o amor, o relacionamento e a suavidade — se faz apenas pelo lado feminino da equação humana.

Embora algumas dessas percepções tenham sido úteis na defesa da liberação, tanto feminina como masculina, dos modelos patriarcais, acreditamos existir nelas sérios problemas. A nosso ver, o patriarcado não é a expressão de uma profunda e enraizada masculinidade, pois esta não é agressiva. O patriarcado é a expressão da masculinidade imatura. É a expressão da psicologia do Menino e, em parte, o lado da sombra — ou louco — da masculinidade. Expressa o homem atrofiado, fixado em níveis imaturos.

O patriarcado, em nossa opinião, é uma agressão a masculinidade na sua plenitude, assim como à feminilidade no seu todo. Os que se prendem às estruturas e à dinâmica desse sistema buscam dominar igualmente homens e mulheres. O patriarcado fundamenta-se no medo masculino — o medo do menino, o medo do homem imaturo — em relação às mulheres, certamente, mas também em relação aos homens. Os meninos temem as mulheres. E temem também os homens de verdade.

O patriarca não aceita o pleno desenvolvimento masculino de seus filhos ou de seus subordinados, da mesma forma que não acolhe com prazer o desenvolvimento pleno de suas filhas ou de suas funcionárias. É a história do chefe no escritório que não suporta ver o quanto somos bons. Quantas vezes nos invejam, odeiam e atacam de forma direta e passiva quando buscamos revelar o que realmente somos em toda a nossa beleza, maturidade, criatividade e produtividade! Quanto mais nos tornamos belos, competentes e criativos, parece que mais hostilidade despertamos em nossos superiores, e até em nossos colegas. O que realmente nos agride é a imaturidade nos seres humanos, aterrorizados com os nossos avanços no caminho rumo à plenitude do ser masculino ou feminino.

O patriarcado expressa aquilo que chamamos de psicologia do Menino. Não é a expressão da potencialidade masculina amadurecida em sua essência, na plenitude do ser. Chegamos a essa conclusão a partir do estudo que fizemos sobre os mitos antigos e os sonhos modernos, do exame do ponto de vista interno da rápida feminização da principal comunidade religiosa, da nossa reflexão sobre as rápidas mudanças dos papéis sexuais na sociedade como um todo e dos nossos anos de prática clínica, durante os quais nos tornamos cada vez mais conscientes de que falta alguma coisa essencial na vida interior de muitos homens que procuram psicoterapia.

O que está faltando não é, em geral, o que muitos psicólogos supõem; isto é, a ligação adequada com o lado feminino interior. Em muitos casos, esses homens que vêm buscar ajuda foram, e continuam sendo, esmagados pelo feminino. O que lhes faltou foi a ligação adequada com as energias masculinas profundas e instintivas, com o potencial da masculinidade amadurecida. Tiveram essa ligação bloqueada pelo próprio patriarcado, e pela crítica feminista a pouca masculinidade que ainda lhes restava. E estavam sendo bloqueados pela falta, em suas vidas, de qualquer processo de iniciação transformador e significativo através do qual pudessem alcançar um sentido da masculinidade.

Verificamos, quando esses homens buscavam as suas próprias vivências das estruturas masculinas através da meditação, das orações e do que os junguianos chamam de imaginação ativa, que, conforme iam entrando em contato cada vez maior com seus arquétipos interiores de masculinidade madura, eles se tornavam cada vez mais capazes de abandonar os modelos patriarcais de comportamento, a maneira de

sentir e pensar que magoava a si mesmo e aos outros, e se tornavam mais verdadeiramente fortes, centrados e produtivos em relação a si mesmo e aos outros — tanto homens como mulheres.

Na atual crise da masculinidade, não precisamos, como dizem algumas feministas, de menos poder masculino. Precisamos de mais. Porém amadurecido. Necessitamos de mais psicologia do Homem. Temos que desenvolver uma noção de tranqüilidade acerca do poder masculino, para que não precisemos atuar (act-out) de modo dominador e desautorizador em relação aos outros.

Há muita injúria e ofensa tanto do masculino quanto do feminino no patriarcado, assim como na reação feminista. A crítica em defesa das mulheres, quando não é suficientemente sensata, fere ainda mais uma masculinidade autêntica já acossada. É possível, na verdade, que nunca tenha havido na história da humanidade um período de ascendência da masculinidade (ou feminilidade) amadurecida. Não temos certeza quanto a isso. O que sabemos é que ela não predomina atualmente.

Precisamos aprender a amar e ser amados pelo homem amadurecido. Precisamos aprender a louvar a potência e o poder masculinos autênticos, não só em consideração ao nosso próprio bem-estar como homens e ao nosso relacionamento com os outros, como também porque a crise da masculinidade amadurecida sustenta a crise global de sobrevivência que enfrentamos como espécie. O nosso perigoso e instável mundo necessita urgentemente de homens e mulheres amadurecidos, se quisermos que a nossa raça continue existindo no futuro.

Como na nossa sociedade existem poucos rituais, ou nenhum, capazes de nos alçar da psicologia do Menino para a do Homem, temos de buscar sozinhos (com a ajuda e o apoio uns dos outros) as fontes profundas dos potenciais de energia masculina que existem dentro de nós. Precisamos descobrir uma forma de fazer a ligação com essas fontes de poder. Esperamos que este livro contribua para o nosso sucesso nessa tarefa fundamental.

PARTE UM

Da Psicologia do Menino à Psicologia do Homem

CAPÍTULO UM
A Crise dos Rituais Masculinos

Ouvimos dizer de um homem que "ele simplesmente não consegue se encontrar". O que isso significa, no fundo, é que tal indivíduo não está vivenciando, e nem consegue vivenciar as suas estruturas coesas profundas. Está fragmentado e diversas partes da sua personalidade estão separadas, vivem bastante dissociados e, quase sempre, de caótica. O homem que "não consegue fazê-las se encontrar" é alguém que provavelmente não teve oportunidade de estabelecer o elo ritual de iniciação nas estruturas profundas do ser adulto. Continua sendo um menino — não porque o deseje, mas porque ninguém lhe mostrou como transformar suas energias infantis em energias adultas. Ninguém o conduziu às experiências imediatas e curativas do mundo interior dos potenciais masculinos.

Quando visitamos, na França, as cavernas de nossos ancestrais distantes Cro-Magnon, quando descemos aos escuros recessos santuários de outro mundo, de um mundo e acendemos as luzes, ficamos surpresos e maravilhados misterioso e oculto manancial de vigor masculino retratado. Algo profundo mexe com a gente. (Como uma canção, animais mágicos — bisões, antílopes e mamutes — estrondam num espetáculo primitivo de beleza e força, os tetos abobadados e as paredes ondulantes, escondem intencionalmente nas sombras dos recôncavos rochosos e diante de nós outra vez, iluminados pelas lanternas. E, lá estão as impressões das mãos dos homens dos caçadores artistas, antigos guerreiros e provedores que ali se reuniam e realizavam seus rituais primitivos.

Os antropólogos são quase universalmente unânimes em dizer que esses santuários nas cavernas foram criados, pelo menos em parte, por homens para homens e, especificamente, para o ritual de iniciação de meninos no mundo misterioso da responsabilidade e da espiritualidade masculinas.

Mas o ritual para transformar meninos em homens não se limita às nossas conjecturas acerca dessas cavernas antigas. Conforme mostraram vários estudiosos, dentre os quais os mais notáveis são Mircea Eliade e Victor Turner, os ritos de iniciação sobrevivem até hoje em culturas tribais existentes na África, na América do Sul, nas ilhas do Pacífico Sul e em muitos outros lugares. Até há pouco tempo, ainda existiam entre os índios das Grandes Planícies da América do Norte. Os estudos feitos por especialistas tendem a ser uma leitura árida, mas podemos ver esses rituais representados pitorescamente em vários filmes contemporâneos. Estes se assemelham a antigos contos folclóricos e mitos. Histórias que nós contamos sobre nós mesmos — sobre nossas vidas e o que elas significam. Na verdade, o processo de iniciação, tanto de homens como de mulheres, é um dos grandes temas ocultos de muitos de nossos filmes.

Um bom exemplo disso é o filme Florest a de esmeraldas, no qual um menino branco é capturado e criado por índios brasileiros. Um dia, ele está brincando no rio com uma menina bonita. O chefe já vinha há algum tempo observando o interesse do garoto por ela. Esse despertar do interesse sexual é um aviso para o sábio chefe. Ele surge à margem do rio com sua mulher e alguns anciãos da tribo, e surpreende Tommy divertindo-se com a menina. Ergue a voz e diz: "Tommy, chegou a sua hora de morrer!" Todos parecem profundamente abalado s. A mulher, representando o papel de todas as mulheres, de todas as mães, pergunta: "Ele tem que morrer?" O chefe responde ameaçador: "Tem!" Em seguida vemos uma cena noturna, iluminada por uma fogueira, em que Tommy está aparentemente sendo torturado pelos homens mais velhos da tribo e, forçado a entrar na floresta, começa a ser

devorado vivo pelas formigas. O garoto se contorce em agonia, o corpo mutilado pelos insetos famintos. Tememos o pior.

Finalmente o sol desponta, e Tommy, que ainda respira, é levado pêlos homens até o rio, onde lhe dão um banho para livrá-lo das formigas, que ainda estão agarradas ao seu corpo. E o chefe voz alta: "O menino morreu e o homem nasceu!" E com isso concedeu-lhe a primeira experiência espiritual, induzida por uma droga soprada dentro de seu nariz através de um tubo comprido, começa a ter alucinações, descobre a sua alma animal (paira alto sobre o mundo, num novo e mais amplo estado consciência, vendo, como que de uma perspectiva divina, a de do seu universo selvagem. Ele tem então permissão para casar-se. E, assumindo a identidade e as responsabilidades passa a ocupar a posição de guerreiro na tribo e depois a de chefe.

Pode-se dizer que talvez a força dinâmica mais fundamental seja a tentativa de sairmos de uma forma inferior de vivência e percepção para um nível superior (ou mais profundo) de consciência, de passarmos de uma identidade difusa para outra consolidada e estruturada. Toda a vida humana tenta avançar nesse sentido. Buscamos a iniciação na existência nas responsabilidades e deveres em relação a nós mesmos e aos outros, nas alegrias e direitos e na espiritualidade. As sociedades tribais tinham noções muito específicas sobre isso, tanto para os homens como para as mulheres, e sobre os meios para alcançar essa condição. E possuíam rituais, como o que vimos em Floresta de esmeraldas, que permitiam às crianças atingir o que poderíamos chamar de maturidade tranqüila e segura.

A nossa cultura, ao contrário, possui pseudo-rituais. Temos pseudo-iniciações para os homens. O recrutamento militar é uma delas. A idéia fantasiosa é que a humilhação e a não identificação forçada dos campos de treinamento vão "fazer de você um homem". As gangues existentes nas principais cidades do mundo como um outro exemplo dessas supostas iniciações, assim também são os sistemas penitenciários, os quais em grande parte são dirigidos por quadrilhas de criminosos.

Chamamos esses fenômenos de pseudo-vivências. Primeiro, excetuando-se talvez a iniciação militar, esses sós, embora às vezes bastante ritualizados (em especial nas gangues das cidades), quase sempre iniciam o menino em um tipo de masculinidade distorcido, atrofiado e falso. É uma masculinidade patriarcal, agressiva em relação aos outros e, com pouca consciência em relação a si mesmo. Às vezes, exigem que o indivíduo pratique um ritual assassino. Quase sempre o uso excessivo de drogas faz parte da cultura da gangue. O menino pode tornar-se um adolescente que desempenha o seu papel dacting-out dentro desses sistemas e alcançar um nível de desenvolvimento aproximadamente análogo ao expresso pelos valores infantis masculinos da sociedade como um todo, embora de uma forma contra cultural. Mas essas pseudo-iniciações não formarão homens, porque homens de verdade não são arbitrariamente violentos nem hostis. A psicologia do Menino está impregnada de empenhes para dominar de alguma forma as outras pessoas. E isso se percebe muitas vezes pelo dano causado a si mesmo e aos outros. É o sadomasoquismo. A psicologia do Homem é sempre o oposto. Ela nutre e gera, não lesa nem destrói.

Para que a psicologia do Homem exista é preciso haver a morte. Simbólica, psicológica ou espiritual — ela é sempre um dos elementos fundamentais de qualquer rito iniciatório. Em termos psicológicos, o Ego do menino tem de "morrer". O antigo modo de ser, agir, pensar e sentir tem de "morrer" ritualmente para que o novo homem possa surgir. A pseudo-iniciação, embora refreie de certa maneira o Ego infantil, muitas vezes aumenta a luta do Ego pelo poder e pelo controle de outra forma, a de um adolescente ajustado à outros adolescentes. A iniciação eficaz e transformadora mata totalmente o Ego e seus desejos na sua antiga forma, para fazê-lo ressurgir numa nova relação secundária com um poder ou força central desconhecida. A submissão à força das energias masculinas amadurecidas sempre desperta uma nova personalidade no homem, marcada pela calma, compaixão, clareza de visão e capacidade geradora.

Um segundo fator torna falsa a maioria das iniciações em nossa cultura. Em quase todos os casos, simplesmente não há um processo ritualístico controlado. O controle do ritual se faz através de dois elementos. Um é o espaço sagrado e o outro é o ancião, "velho sábio" ou "velha sábia" em que o iniciando confia totalmente e que pode conduzi-lo nessa passagem, entregando-o(a) intacto(a) e mais forte no final.

Mircea Eliade pesquisou exaustivamente o papel do espaço sagrado. Concluiu que um lugar que tenha sido ritualmente santificado é essencial para todos os tipos de iniciação. Nas sociedades tribais, ele pode ser uma cabana ou casa construída especialmente para isso, onde são mantidos os garotos que aguardam sua iniciação. Pode ser uma caverna. Ou um lugar ermo e amplo para onde eles são levados a fim de morrer ou encontrar a sua existência como homens. O espaço sagrado pode ser o "círculo mágico" dos magos. Ou, em civilizações mais avançadas, um recinto secreto dentro de um grande templo. Esse espaço deve ser resguardado da influência do mundo exterior, especialmente, no caso dos meninos, da influência feminina. Muitas vezes, os iniciandos passam por provas emocionais aterrorizantes e provas físicas terrivelmente dolorosas. Aprendem a se sujeitar as dores da vida, aos anciãos do ritual, às tradições e mitos masculinos da sociedade. Ensinam-lhe toda a sabedoria oculta dos homens. E só podem deixar o espaço sagrado, depois de terem conseguido completar a provação e renascer como homens.

O segundo ingrediente essencial para o êxito de um processo iniciatório é a presença de um ancião. No filme Floresta de esmeraldas, ele é representado pelo chefe e pelos outros homens idosos da tribo. No ritual, ele é o homem que conhece a sabedoria secreta, que conhece os costumes da tribo e os mitos masculinos rigorosamente guardados. É ele quem vivência a visão da masculinidade madura.

Com a escassez de homens amadurecidos na nossa cultura, não é preciso dizer que os anciãos para o ritual estão em falta. As pseudo-iniciações, portanto, permanecem desviadas para o reforço da psicologia do Menino, em vez de permitir o avanço em direção à psicologia do Homem, ainda que exista alguma espécie de processo ritualístico, ou até se tenha estabelecido um tipo de espaço sagrado nas ruas das cidades ou nos presídios.

A crise da masculinidade amadurecida nos atinge em cheio. Sem modelos adequados, e na falta de uma coesão social e de estruturas institucionais para a realização dos processos ritualísticos, é "cada um por si". A maioria fica à beira da estrada, sem idéia de qual seja o alvo de nossos impulsos de gênero masculino ou sem saber o que saiu errado nos esforços que fizemos. Sabemos que estamos ansiosos, à beira do sentimento de impotência, desamparados, frustrados, abatidos, mal-amados e pouco valorizados, muitas vezes com vergonha de sermos masculinos. Sabemos que limitaram a nossa criatividade, que nossa iniciativa enfrentou hostilidade, que fomos ignorados, subestimados, e que nos deixaram com a sacola vazia da nossa auto-estima perdida. Submetemo-nos a um mundo onde os lobos se devoram, procurando manter à tona nossos trabalhos e relacionamentos, perdendo energia ou falhando, muitos de nós buscam o pai gerador, afirmador e fortalecedor (embora a maioria não saiba disso), o pai que, para quase todos, jamais existiu na vida real e que não vai aparecer, apesar de todos os nossos esforços nesse sentido.

No entanto, como estudantes da mitologia humana e como junguianos, acreditamos haver boas novas. São essas boas notícias para os homens (bem como para as mulheres), que desejamos compartilhar. E para isso nos voltamos agora.

CAPÍTULO DOIS
Os Potenciais Masculinos

Quem já sofreu a influência do pensamento do grande psicólogo suíço Cari Jung tem motivos suficientes para esperar que as deficiências externas com as quais deparamos no mundo como supostos homens (o pai ausente, o pai imaturo, a falta de um ritual significativo, a escassez de anciãos do ritual) possam ser corrigidas. E não temos apenas esperança, mas experiência real, como clínicos e indivíduos, dos recursos interiores imaginados pela psicologia antes de Jung. Sabemos por experiência própria que no fundo de cada homem existem cópias heliográficas, que podemos também chamar de “fiação pesada”, do ser masculino maduro calmo e seguro. Os junguianos se referem a esses potenciais masculinos como arquétipos, ou “imagens primordiais”.

Jung e seus sucessores descobriram que, em nível do inconsciente profundo, a psique de cada indivíduo está assentada no que o psicanalista chamou de "inconsciente coletivo", formado por padrões instintivos e configurações energéticas provavelmente herdados geneticamente ao longo de todas as gerações da nossa espécie. Esses arquétipos fornecem as próprias bases do nosso comportamento — a maneira como pensamos, sentimos, e as nossas reações humanas características. São os criadores de imagens, tão íntimos dos artistas, poetas e profetas religiosos. Jung relacionou-os diretamente com os instintos nos outros animais.

É comum vermos os patinhos, assim que saem da casca do ovo, se ligarem a qualquer coisa ou qualquer pessoa que esteja por perto na hora. Esse fenômeno chama-se marca de impressão. Significa que o patinho recém-nascido já está programado “pai”, "mãe" ou "responsável". Ele não precisa aprender — externamente por assim dizer — o que é uma ou outra. O arquétipo para essa função fica disponível para o patinho assim que ele vem ao mundo. Infelizmente, porém, a “mãe” que ele encontra nesses primeiros momentos pode não ser adequada para a tarefa de cuidar dele. Mesmo assim, embora no mundo exterior nada satisfaça a expectativa do seu instinto (podem nem ser patos!), o arquétipo molda o comportamento do patinho.

Da mesma maneira, os seres humanos estão sintonizados com "mãe", "pai" e vários outros tipos de relacionamento entre os homens, assim como todas as formas humanas de vivenciar o mundo. E ainda que as pessoas no mundo exterior não satisfaçam a expectativa arquetípica, o arquétipo está presente. É constante e universal em todos nós. Como o patinho que confunde o gato com a sua mãe, nós confundimos nossos verdadeiros pais com os modelos idealizados e potenciais que existem dentro de nós.

Modelos arquetípicos entortados, desviados de forma negativa por encontros desastrosos com as pessoas do mundo exterior — isto é, na maioria dos casos, por pais hostis ou inadequados — se manifestam em nossas vidas como problemas psicológicos incapacitantes. Se nossos pais forem, como diz o psicólogo D. W. Winni-cott, "bons o bastante", seremos capazes de vivenciar e ter acesso aos modelos internos dos relacionamentos humanos de uma forma positiva. Infelizmente, muitos de nós, talvez a maioria, não recebeu um cuidado paterno e materno bom o bastante.

A existência dos arquétipos está bem documentada na enorme quantidade de comprovações clínicas constituídas pelos sonhos e devaneios dos pacientes, e pela observação atenta dos arraigados padrões de comportamento humano. Também está documentada nos estudos profundos de mitologia no mundo inteiro. Vemos repetidas vezes as mesmas figuras essenciais surgindo no folclore e na mitologia. E acontece que elas aparecem também nos sonhos de pessoas que não possuem nenhum conhecimento nessas áreas. O jovem Deus que morre e ressurge, por exemplo, encontra-se nos mitos de povos tão diversos como os cristãos, os persas mulçumanos, os antigos sumerianos e os índios americanos

modernos, assim como nos sonhos das pessoas que se submetem a psicoterapia. São muitos os indícios da existência de padrões subjacentes que determinam a vida cognitiva e emocional humana.

Esses modelos parecem numerosos e se manifestam tanto nos homens como nas mulheres. Existem arquétipos que moldam os pensamentos, os sentimentos e as relações das mulheres, e outros que moldam os pensamentos, os sentimentos e as relações dos homens. Além disso, os junguianos descobriram que em cada homem existe uma subpersonalidade feminina chamada Anima, formada por arquétipos femininos. E em cada mulher há uma subpersonalidade masculina chamada Animus, composto de arquétipos masculinos. Todos os seres humanos têm acesso a esses arquétipos, em maior ou menor grau. Fazemos isso, na verdade, na nossa inter-relação uns com os outros.

Todo esse campo está sendo ativamente discutido e continuamente revisto, à medida que avança o nosso conhecimento interior instintivo dos seres humanos. Estamos apenas começando a definir, de maneira sistemática, o mundo interior do ser humano, que sempre se manifestou para nós em forma de mitos, rituais, sonhos e visões. A psicologia arquetípica está engatinhando. Queremos mostrar aos homens como eles podem ter acesso a esse potencial arquetípico positivo em seu próprio benefício e para o bem de todos os que os cercam, talvez até do planeta.

CAPÍTULO TRÊS

A Psicologia do Menino

O traficante de drogas, o líder político indeciso, o marido que bate na mulher, o chefe eternamente ranzinza, o jovem executivo metido a importante, o marido infiel, o funcionário "capacho", o orientador de pós-graduação indiferente, o pastor "santificado", o membro da gangue, o pai que nunca encontra tempo para participar das programações na escola da filha, o treinador que ridiculariza seus atletas talentosos, o terapeuta que inconscientemente agride o "brilho" de seus clientes e busca para eles uma espécie de normalidade opaca, o yuppie — todos esses homens têm alguma coisa em comum. São, todos, meninos que fingem serem homens. Ficaram assim honestamente, porque ninguém lhes mostrou o que é um homem amadurecido. O tipo de "adulto do sexo masculino" que eles representam é uma pretensão que a maioria de nós quase não percebe como tal. Estamos continuamente confundindo o comportamento controlador, ameaçador e hostil desse homem com a força. Na verdade, ele está mostrando que no fundo é extremamente vulnerável e fraco, que tem a vulnerabilidade do menino magoado.

A terrível realidade é que a maioria dos homens está fixada num nível imaturo de desenvolvimento. Esses primeiros níveis são governados por modelos interiores próprios da meninice. Quando se permite que eles controlem o que deveria ser a idade adulta, quando os arquétipos da infância não são elaborados e transcendidos pelo acesso adequado do Ego aos arquétipos da masculinidade amadurecida, eles nos fazem agir segundo a nossa própria criancice oculta (para nós, porém raramente para os outros).

Na nossa cultura, freqüentemente falamos da infantilidade com afeto. A verdade é que o menino em cada um de nós — quando ocupa o seu lugar apropriado em nossas vidas — é uma fonte de brincadeiras, de prazer, de diversões, de energia, de uma espécie de liberalismo, que está pronto para as aventuras e para enfrentar o futuro. Mas existe outro tipo de infantilidade que interfere nas nossas interações com nós mesmos e com as outras pessoas quando é necessário ser adulto.

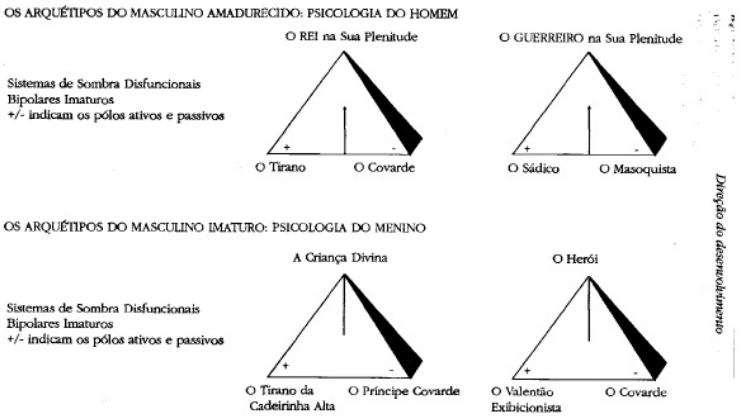
A Estrutura dos Arquétipos

Cada potencial energético arquetípico na psique masculina — tanto nas suas formas imaturas como nas amadurecidas — possui uma estrutura trina, ou tripartite (figura 1).

No topo do triângulo fica o arquétipo na sua plenitude. Na base, ele é vivenciado no que chamamos uma forma disfuncional bipolar, ou de sombra. Tanto na forma imatura como na amadurecida (isto é, em termos de psicologia do Menino assim como na do Homem), essa disfunção bipolar pode ser vista como imatura, por representar uma condição psicológica que não é integrada nem coesa. A falta de coesão da psique é sempre um sintoma de desenvolvimento inadequado. Conforme a personalidade do menino e depois a do homem amadurecem e alcançam o estágio apropriado de desenvolvimento, os pólos dessas formas de sombra se integram e unificam.

Alguns meninos parecem mais "maduros" do que os outros; estão tendo acesso, sem dúvida inconscientemente, aos arquétipos da infância de forma mais completa do que seus colegas. Atingiram um nível de integração e unidade interior que os outros ainda não alcançaram. Outros meninos podem parecer mais "imaturos", mesmo levando-se em conta a imaturidade natural da infância. Por exemplo, é correto um menino ter sentimentos heróicos, ver-se como um herói. Mas muitos não conseguem isso e ficam presos às formas bipolares de sombra do Herói — o Valentão Exibicionista ou o Covarde.

Diferentes arquétipos apresentam-se em diferentes estágios do desenvolvimento. O primeiro arquétipo do masculino imaturo a "acender" é a Criança Divina. A Criança Precoce e a Criança Edipiana vêm em seguida; o último estágio infantil é governado pelo Herói. O desenvolvimento do ser humano nem sempre acontece de forma tão simples, é claro; as influências arquetípicas se misturam ao longo do caminho.



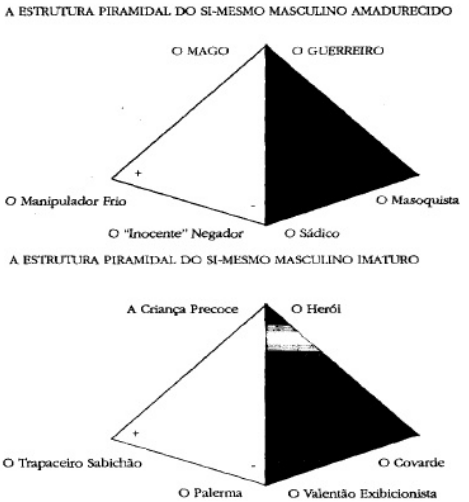


Figura 2

Curiosamente, cada um desses arquétipos de psicologia do Menino dá serem de forma complexa a cada um dos arquétipos da masculinidade amadurecida: o menino é pai do homem. Assim, a Criança Divina, regulada e enriquecida pelas experiências da vida, torna-se o Rei; a Criança Precoce vai ser o Mago; a Criança Edipiana será o Amante; e o Herói vira Guerreiro.

Os quatro arquétipos da infância, cada um com uma estrutura triangular, podem unir-se para formar uma pirâmide (figura 2) que retrata a estrutura da identidade em formação do menino, o Si-mesmo masculino imaturo. O mesmo vale para e estrutura do Si-mesmo masculino amadurecido.

Como dissemos o homem adulto não perde a infantilidade, e os arquétipos que formam a base da infância não desaparecem. Visto que os arquétipos não podem desaparecer, o homem amadurecido transcende as forças masculinas da infância, elaborando-as, em vez de demoli-las. A estrutura resultante do Si-mesmo masculino amadurecido, portanto, é uma pirâmide sobre outra pirâmide (ver figura 3). Embora

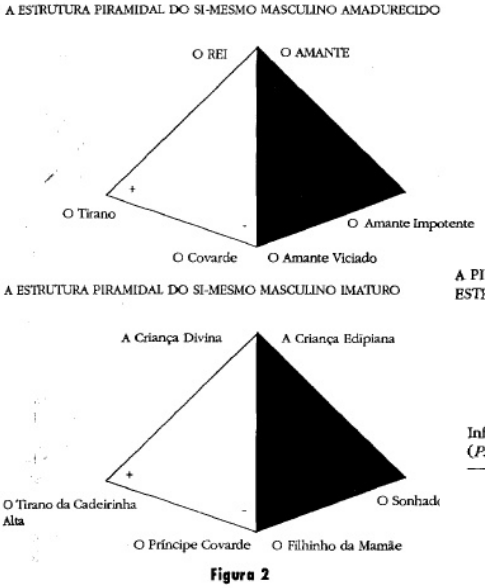
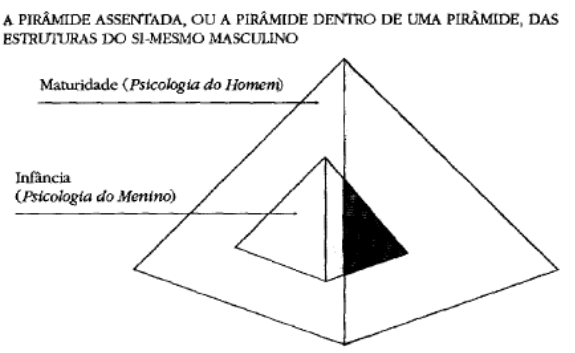


Figura 2



A Criança Divina

A primeira energia masculina imatura, a mais primitiva, é a Criança Divina. Todos nós conhecemos a história cristã do nascimento do menino Jesus. Ele é um mistério. Veio do Reino de Deus, nascido de uma virgem. Coisas e acontecimentos milagrosos aguardam-no: a estrela, os pastores em adoração, os sábios persas. Rodeados por seus adoradores, ele ocupa o centro não só do estábulo, porém do universo. Até os animais, nas populares canções de Natal, cuidam dele. Nos quadros, ele irradia luz, aureolado pela palha brilhante e macia onde está deitado. Porque ele é Deus, é todo-poderoso. Ao mesmo tempo, é completamente vulnerável e indefeso. Assim que ele nasce, o malvado rei Erodes o fareja e procura matá-lo. É preciso protegê-lo e fugir com ele para o Egito até ficar forte o bastante para começar o seu trabalho e até que as forças que o destruiriam percam sua energia.

O que quase nunca se percebe é que esse mito não está sozinho. As religiões no mundo inteiro estão repletas de histórias de bebês milagrosos. A própria história cristã molda-se em parte na lenda do nascimento do grande profeta persa Zoroastro, cheia de milagres na natureza, magos e ameaças a sua vida. No judaísmo, temos a história de Moisés, que nasceu para libertar o seu povo, para ser o Grande Mestre e o Mediador entre Deus e os seres humanos. Foi criado como um príncipe egípcio. Mas, logo nos primeiros dias, sua vida foi ameaçada por um decreto do faraó, e ele foi colocado, indefeso e vulnerável, num cesto de junco, que flutuou à deriva pelo rio Nilo. O modelo dessa história foi a lenda, ainda mais antiga, da infância do grande rei da Mesopotâmia Sargão da Acádia. E no mundo inteiro ouvimos contar as histórias sobre a maravilhosa infância do bebê Buda, do bebê Krishna, do bebê Dionísio.

O que se desconhece ainda mais é que essa figura do Bebê Divino, presente em todas as nossas religiões, também existe sempre dentro de nós mesmos. Podemos observar isso nos sonhos dos homens que fazem psicanálise, os quais, principalmente quando começam a melhorar, sonham com um Bebê que enche o sonho de luz, felicidade e uma sensação de encantamento e conforto. Também é freqüente, quando o homem que está fazendo terapia começa a se sentir melhor, surgir nele, talvez pela primeira vez na vida, a necessidade de ter filhos.

Tudo isso indica que algo novo e criativo, "inocente", está nascendo dentro dele. Começa uma nova fase da sua vida. Elementos criativos da sua própria personalidade de que ele não tinha consciência forçam a passagem para a consciência. Ele experimenta uma nova vida. Mas, sempre que a Criança Divina dentro de nós se faz conhecer, o ataque dos Herodes, internos e externos, vem logo em seguida. Uma vida nova, inclusive uma vida psicológica nova, é sempre frágil. Quando sentimos essa energia diferente manifestando-se dentro de nós, devemos tomar providências para protegê-la, porque ela vai ser atacada. Quando um homem diz na terapia: "Acho que estou melhorando!", logo em seguida pode ouvir uma voz interior responder: "Não, não está, não. Você sabe que nunca vai ficar bom". Então é hora de levar a frágil Criança Divina para o "Egito".

Retomando o tema dos animais em adoração e dos anjos proclamando a paz na terra da história do Natal, podemos ver no mito grego de Orfeu que a Criança Divina é a energia arquetípica que prefigura a energia masculina amadurecida do Rei. O homem-Deus Orfeu está sentado no centro do mundo tocando sua lira e cantando uma canção que faz todos os animais da floresta vir até ele. São atraídos pela canção, presas e predadores. E se reúnem ao redor de Orfeu em perfeita harmonia, todas as divergências solucionadas, os opostos unidos numa ordem que transcende o mundo (funções características do Rei, como veremos).

Mas o tema da Criança Divina que traz a ordem e a paz ao mundo inteiro, inclusive aos animais (e estes, do ponto de vista psicológico, representam nossos próprios instintos, muitas vezes conflitantes), não se limita aos mitos antigos. Um jovem que tinha começado a fazer análise nos contou certa vez a história

de um fato inédito ocorrido na sua infância. Tinha talvez quatro ou cinco anos, disse-nos, quando numa tarde de primavera saiu para o quintal desejando ardentemente uma coisa que não conseguia identificar porque era muito criança, mas que, refletindo sobre isso mais tarde, percebeu que era um desejo de paz interior, harmonia e unidade com todas as coisas.

Encostou-se num imenso carvalho e começou a cantar uma canção que ia inventando. Sentiu-se hipnotizado. Cantava seu anseio. Cantava sua tristeza. E cantava uma espécie de satisfação profunda e melancólica. Era uma melodia de compaixão por todas as coisas vivas. Uma espécie de acalanto para si mesmo e para os outros (para ninar o Bebê). E não demorou a perceber que os pássaros estavam vindo para a árvore, aos poucos. Continuou cantando, e enquanto isso mais pássaros se aproximavam, revoluteando ao redor da árvore e pousando em seus galhos. Por fim, a árvore ficou repleta de passarinhos. Ganhou vida com eles. Ele achou que eles tinham sido atraídos pela beleza e compaixão da sua música. Confirmavam a beleza dele e respondiam ao anseio dele vindo adorá-lo. A árvore tornou-se a Árvore da Vida e, renovado por essa confirmação da sua Criança Divina interior, ele pôde seguir em frente.

O arquétipo da Criança Divina que aparece em nossos mitos, como Orfeu, Cristo ou o pequeno Moisés, e de várias formas nos mitos de muitas religiões, nos sonhos de homens que fazem terapia e nas experiências reais dos meninos, parece estar na "fiação pesada" de todos nós. Parece que nascemos com ele. Recebe muitos nomes, e é avaliado diferentemente pelas diversas escolas de psicologia. Em geral, os psicólogos o condenam e, na verdade, procuram desligar os clientes dele. O importante é ver que a Criança Divina está inserida dentro de nós como padrão primitivo do masculino imaturo.

Freud falou dele como o Id. Via-o como as pulsões "primitivas" ou "infantis", amorais, enérgicas e cheias de pretensões divinas. Eram os impulsos subjacentes da própria Natureza impessoal, preocupados apenas em satisfazer as necessidades ilimitadas da criança.

O psicólogo Alfred Adler referiu-se a ele como a "pulsão do poder" oculta em cada um de nós, como o complexo de superioridade secreto que encobre nosso verdadeiro sentimento de vulnerabilidade, fraqueza e inferioridade. (Lembre-se, a Criança Divina é todo-poderosa, o centro do universo, e ao mesmo tempo totalmente indefesa e frágil. De fato, é isso o que as crianças vivenciam na realidade.)

Heinz Kohut, que criou o que ele chamou de "psicologia do self', chama a isso "a organização grandiosa do self", que exige tanto de nós mesmos e dos outros e que jamais pode ser satisfeita. A teoria psicanalítica mais recente sustenta que as pessoas possuídas por essa grandiosidade "infantil" ou identificadas com ela estão manifestando um "distúrbio narcísico da personalidade".

Os seguidores de Carl Jung, contudo, vêem essa Criança Divina de uma forma diferente. Não a consideram em termos, em grande parte, patológicos. Acreditam que a Criança Divina é um aspecto essencial do Si-mesmo Arquetípico — diferente do Ego, que é o eu. Para os junguianos, essa Criança

Divina dentro de nós é a fonte de vida. Possui características mágicas, que dão poder, e entrar em contato com elas produz uma enorme sensação de bem estar, entusiasmo pela vida, e grande paz e alegria, como aconteceu com o menino sob o carvalho.

Essas diversas escolas de psicanálise , acreditamos, estão todas certas. Cada uma escolhe entre os dois aspectos diferentes dessa energia — um é o integrado e unificado, o outro é o lado da sombra. No topo da estrutura arquetípica triangular, vivenciamos a Criança Divina, que nos renova e mantém "jovens de coração". Na base do triângulo, vivenciamos o que chamamos de Tirano da Cadeirinha Alta e o Príncipe Covarde.

O Tirano da Cadeirinha Alta

O Tirano da Cadeirinha Alta é sintetizado pela figura do Pequeno Lorde Fauntleroy sentado na sua

cadeira de plumas compridas, batendo com a colher na bandeja e gritando que a mãe lhe dê de comer, beije-o e cuide dele. Como uma versão da sombra do Menino Jesus, ele é o centro do universo; os outros existem para satisfazer suas necessidades e desejos todo-poderosos. Mas muitas vezes a comida, quando chega, não satisfaz as suas especificações: não é boa o bastante, não é o que ele pediu, está quente demais ou fria demais, doce demais ou azeda demais. Então ele cospe no chão ou joga o prato longe. Se ele ficar suficientemente convencido de que é o dono da verdade, nenhum alimento, por mais que ele tenha fome, vai servir. E se a mãe o pega no colo depois de "decepcioná-lo" tanto, ele grita, se contorce e rejeita os carinhos dela, porque não lhes foram dados no momento exato que ele queria. O Tirano da Cadeirinha Alta magoa a si mesmo com a sua grandiosidade — suas exigências sem limites — porque rejeita exatamente aquilo que ele precisa para viver: alimento e amor.

As características do Tirano da Cadeirinha Alta abrangem a arrogância (que os gregos chamavam de hubris, ou o orgulho desmedido), a infantilidade (no sentido negativo) e a irresponsabilidade, até em relação a si mesmo como uma criança mortal, que precisa satisfazer suas necessidades biológicas e psicológicas. Tudo isso é o que os psicólogos chamam de inflação ou narcisismo patológico. O Tirano da Cadeirinha Alta precisa aprender que ele não é o centro do universo e que este não existe para satisfazer as suas necessidades, ou, melhor dizendo, as suas ilimitadas necessidades, as suas pretensões a ser um deus. O universo vai alimentá-lo, porém não na sua forma divina.

O Tirano da Cadeirinha Alta, através do Rei na Sombra, pode continuar sendo uma influência arquetípica dominante na idade adulta. É conhecida a história do líder promissor, do presidente de uma empresa ou candidato a presidente, que começa a ganhar muita importância e então dá um tiro no pé. Ele sabota o próprio sucesso, e perde a notoriedade. Os gregos antigos diziam que a hubris vem sempre acompanhada da nêmesis. Os deuses sempre derrubam os mortais que ficam muito arrogantes, exigentes ou inflados, ícaro, por exemplo, fez um par de asas com penas e cera para voar como os pássaros (ler "deuses") e depois, no seu convencimento, desafiando os conselhos do pai, voou até muito perto do sol. O astro derreteu a cera, as asas se desmancharam e ele caiu no mar.

Conhecemos o ditado "O poder corrompe, e o poder absoluto corrompe absolutamente". O rei Luís XVI, da França, perdeu a cabeça por causa da sua arrogância. Muitas vezes, quando nós, homens, vamos ocupando cargos mais elevados na estrutura da empresa, ganhando cada vez mais autoridade e poder, sobe também o risco da autodestruição. O chefe que quer apenas funcionários capachos, que não quer saber o que está acontecendo, o presidente que não ouve os conselhos dos seus generais, o diretor da escola que não tolera críticas dos seus professores — todos são homens possuídos pelo Tirano da Cadeirinha Alta, procedendo temerariamente.

O Tirano da Cadeirinha Alta que ataca o seu anfitrião humano é o perfeccionista; ele espera o impossível de si mesmo e se repreende (assim como sua mãe fez) quando não consegue satisfazer as exigências da criança interior. O Tirano pressiona o homem para mais e melhores desempenhos, e nunca fica satisfeito com o que ele faz. O homem infeliz torna-se o escravo (como foi a mãe) da criança grandiosa de dois anos de idade que existe dentro dele. Ele precisa possuir mais coisas materiais. Não pode cometer erros. E como é impossível satisfazer as exigências do Tirano interno, ele adquire úlceras gástricas e fica doente. Acaba não conseguindo suportar a pressão constante. Nós, homens, quase sempre enfrentamos o Tirano tendo finalmente um ataque cardíaco. Fazemos greve contra ele. No final, a única maneira de escapar do Pequeno Lorde é morrendo.

Quando é impossível controlar o Tirano da Cadeirinha Alta, ele se manifesta num Stalin, num Calígula ou num Hitler —todos perniciosos sociopatas. Vamos tornar-nos o presidente de empresa que prefere ver a empresa fracassar a lidar com a sua própria grandiosidade, com a sua identificação com o

exigente "deus" interior. Podemos ser Pequenos Hítleres, mas vamos destruir o nosso país.

Já disseram que a Criança Divina quer apenas ser e que todas as coisas venham até ela. O artista que quer ser admirado sem ter que mexer um dedo. O presidente da empresa quer ficar sentado na sua sala, deleitando-se com as cadeiras de couro, seus charutos e a atraente secretária, recebendo um alto salário e gozando as suas mordomias. Mas não quer fazer nada pela empresa. Imagina-se invulnerável e importantíssimo. Freqüentemente humilha e rebaixa os outros que estão tentando fazer alguma coisa. Ele está na sua cadeira de pernas altas, pronto para ser despedido.

O Príncipe Covarde

O outro lado da sombra bipolar da Criança Divina é o Príncipe Covarde. O menino (e mais tarde o homem) que está possuído por ele parece ter muito pouca personalidade, nenhum entusiasmo pela vida e pouquíssima iniciativa. Quer ser mimado, comanda todo mundo à sua volta com seu ar de desamparo mudo ou queixoso. Precisa que o levem de um lado para o outro em cima de uma almofada. Tudo é demais para ele. Raramente participa das brincadeiras das outras crianças; tem poucos amigos; não vai bem na escola; é quase sempre hipocondríaco; o seu menor desejo é uma ordem para os seus pais; todo o sistema familiar gira em torno do bem-estar dele. Revela, porém, a falsidade da sua fraqueza nas violentas agressões verbais aos irmãos, no sarcasmo acerbo com que se dirige a eles, na patente manipulação dos sentimentos destes. Tendo conven cido os pais de que é uma vítima indefesa da vida e de que os outros o perseguem, quando surge uma briga entre ele e um irmão ou uma irmã, os pais tendem a desculpá-lo e a punir o outro.

O Príncipe Covarde é o extremo oposto do Tirano da Cadeirinha Alta e, embora raramente tenha os mesmos acessos de raiva, ainda assim ocupa um trono menos evidente. Como acontece com todos os distúrbios bipolares, o Ego possuído por um pólo vai, de tempos em tempos, escorregar pouco a pouco ou pular repentinamente para o outro pólo. Usando a imagem do magnetismo bipolar para descrever esse fenômeno, podemos dizer que a polaridade do imã inverte-se dependendo da direção da corrente elétrica que o atravessa. Quando essa inversão ocorre no menino preso na sombra bipolar da Criança Divina, ele passa das explosões tirânicas para a passividade deprimida, ou da aparente fraqueza para demonstrações de raiva.

O Acesso â Criança Divina

Para chegarmos à Criança Divina de forma adequada, precisamos reconhecê-la, mas não nos identificar com ela. Precisamos amar e admirar a criatividade e a beleza desse aspecto primitivo do Si-mesmo masculino, porque se não tivermos essa ligação com ele, jamais veremos as possibilidades que existem na nossa vida. Jamais aproveitaremos as oportunidades de renovação.

Ativistas, administradores, professores ou artistas, quem estiver numa posição de liderança precisa estar ligado com a Criança criativa e brincalhona para poder manifestar plenamente o seu potencial e promover a sua causa, a sua empresa, a produtividade e a criatividade em si mesmo e nos outros. A ligação com esse arquétipo impede-nos de nos sentirmos vazios, enfadados e incapazes de ver a abundância do potencial humano à nossa volta.

Dissemos que muitas vezes os terapeutas desvalorizam o Si-mesmo grandioso de seus clientes. Embora seja necessário, às vezes, que essas pessoas se distanciem cognitiva e emocionalmente da Criança Divina, nós mesmos não encontramos muitos homens (pelo menos entre aqueles que procuram uma terapia) que se identifiquem com a sua própria criatividade. Ao contrário, em geral eles precisam entrar em contato com ela. Queremos incentivar grandeza nos homens. Queremos incentivar a ambição. Acredita-

mos que ninguém quer realmente ser normal. A definição de normal é, com freqüência, "mediano". Vivemos, segundo nos parece, numa era que sofre a maldição da normalidade, caracterizada pela ascensão do que é medíocre. Provavelmente, os terapeutas que insistem em depreciar o "brilho" do Si-mesmo grandioso de seus clientes estão eles mesmos desligados de sua Criança Divina. Invejam a beleza e o frescor, a criatividade e a vitalidade da Criança existente em seus clientes.

Os romanos antigos acreditavam que todos os bebês humanos nasciam com o que eles chamavam de "gênio", um espírito guardião designado para o menino ou a menina quando vinham ao mundo. As festas de aniversario romanas eram comemorações mais para reverenciar o gênio, o ser divino que veio com aquela pessoa, do que para homenagear o indivíduo. Os romanos sabiam que não era o Ego do homem a serem da sua música, da sua arte, da sua política ou dos seus atos corajosos. Era a Criança Divina, um aspecto do Si-mesmo existente dentro dele.

Precisamos fazer a nós mesmos duas perguntas. A primeira não é se estamos manifestando o Tirano da Cadeirinha Alta ou o Príncipe Covarde, mas sim como estamos fazendo isso — porque todos estamos manifestando os dois em alguma medida e de alguma forma. No mínimo, regredimos à nossa Criança quando estamos cansados ou extremamente assustados. A segunda pergunta não é se a Criança criativa existe em nós mas, sim, como estamos homenageando-a ou deixando de homenageá-la. Se não a sentimos na nossa vida pessoal e no nosso trabalho, então precisamos perguntar-nos como é que a estamos bloqueando.

A Criança Precoce

Existe uma estatueta maravilhosa do antigo mago e vizir egípcio, Imotep, quando criança, sentado num pequeno trono lendo um pergaminho. Sua expressão é suave e pensativa, mas iluminada por um brilho interior. Os olhos baixos miram a palavra escrita que ele segura nas mãos com reverência. Sua atitude demonstra graciosidade, equilíbrio, concentração e autoconfiança. Não é um retrato, essa estatueta é na verdade a imagem do arquétipo da Criança Precoce.

A Criança Precoce manifesta-se num menino quando ele se mostra ávido de conhecimentos, quando sua mente é estimulada e ele quer dividir com os outros o que esta aprendendo. Há um brilho em seus olhos e uma energia no seu corpo e na sua mente que mostra que ele está aventurando-se pelo mundo das idéias. Esse menino (e, mais tarde, o homem) quer saber o "porquê" de tudo. Pergunta aos pais: "Por que o céu é azul?", "Por que as folhas caem?", "Por que as coisas têm que morrer?" Quer saber o "como", o "quê" e o "onde" das coisas. Quase sempre aprende a ler cedo para poder responder às suas próprias perguntas. Em geral, é bom aluno e animado participante das discussões em sala de aula. Com freqüência também, é bom em várias áreas: pode ser capaz de desenhar e pintar bem ou tocar um instrumento com competência. Pode também ser um bom desportista. À Criança Precoce é a serem das chamadas crianças prodígio.

A Criança Precoce é a fonte da nossa curiosidade e dos nossos impulsos aventureiros. Ela nos incita a explorar, a ser pioneiros do desconhecido, do estranho e do misterioso. Faz-nos ficar maravilhados com o mundo ao redor e dentro de nós. O menino cuja Criança Precoce é uma influência poderosa quer saber o que faz as outras pessoas e ele mesmo. Quer saber por que as pessoas agem de certa maneira, por que ele tem certos sentimentos. Tende a ser introvertido e meditativo, e é capaz de ver as ligações secretas entre as coisas. Consegue alcançar a independência cognitiva das pessoas à sua volta muito antes das outras crianças. Embora voltado para dentro e meditativo, ele também é extrovertido e se aproxima animadamente dos outros para compartilhar com eles a sua percepção das coisas e os seus talentos.

Muitas vezes sente uma necessidade muito forte de ajudar os outros com a sua sabedoria, e o amigos procuram o seu ombro para chorar da mesma forma que buscam a sua ajuda para fazer o dever de casa. A Criança Precoce existente no homem conserva vivos o seu encantamento e sua curiosidade, estimula o seu intelecto e o faz avançar em direção ao mago amadurecido.

O Trapaceiro Sabichão

A Sombra bipolar da Criança Precoce, como todas as formas da sombra dos arquétipos do masculino imaturo, pode persistir até a idade adulta, quando faz os supostos homens manifestarem um infantilismo inadequado em sua maneira de pensar, sentir e se comportar. O Trapaceiro Sabichão, como seu nome dá a entender, é a energia masculina imatura que faz trapaças, de natureza mais ou menos séria, com a sua própria vida e com a dos outros. É perito em criar aparências e em nos tapear com essas mesmas aparências. Seduz as pessoas, fazendo-as acreditar nele, e então puxa o tapete. Ele nos faz acreditar, confiar nele, e depois nos trai, rindo da nossa desgraça. Nos conduz a um paraíso no meio da floresta só para nos servir um banquete a base de cianureto. Está sempre atrás de um otário. Faz brincadeiras de mau gosto, gosta de nos fazer de bobo. É um manipulador.

O Sabichão é aquele aspecto do Trapaceiro no menino ou no homem que gosta de intimidar os outros. O menino (ou homem) dominado pelo Sabichão fala muito. Está sempre com o dedo levantado em sala de aula, não porque queira participar da discussão, mas porque quer que seus colegas entendam que ele é o mais inteligente. Quer fazê-los acreditar que, comparados com ele, são uns bobalhões.

O menino possuído pelo Sabichão, porém, não limita necessariamente a sua exagerada precocidade à exibição intelectual. Pode ser um sabe-tudo sobre qualquer assunto ou atividade. Um garoto inglês, de família abastada, veio passar um mês de verão num dos acampamentos da Associação Cristã de Moços nos Estados Unidos. A maior parte do tempo, ele passava contando para os outros meninos, a quem chamava de plebe, as várias viagens que fizera pela Europa e Ásia com o pai diplomata. Quando os garotos queriam saber algum detalhe sobre as cidades estrangeiras, o inglesinho respondia: "Americanos burros. Só conhecem as suas plantações de milho!" E representava o seu show "Eu sou superior a vocês" com sotaque britânico aristocrático. Nem é preciso dizer que os meninos americanos ficavam envergonhados e com raiva.

O menino ou homem dominado pelo Sabichão faz muitos inimigo s. Agride verbalmente os outros, a quem considera seus inferiores. Conseqüentemente, na escola primária poderá ser encontrado muitas vezes debaixo de uma pilha de garotos que o estão moendo de pancadas. Ele sai desses encontros com um olho roxo, porém com a inabalável convicção de sua própria superioridade. Num caso extremo que conhecemos, o menino Sabichão chegou a acreditar que era o Segundo Advento de Jesus Cristo. A única coisa que ele não conseguia entender era por que ninguém parecia reconhecê-lo.

O homem Sabichão que continua possuído pela forma de sombra infantil da Criança Precoce mostra a sua superioridade nos suspensórios e ternos que usa para trabalhar, carrega-a na pasta e a revela na sua atitude de "sou muito importante e estou muito ocupado para falar com você agora". É caracteristicamente presunçoso, e quase sempre tem um sorriso arrogante nos lábios. Domina com freqüência as conversas, transformando discussões amigáveis em sermões e argumentos em críticas. Deprecia quem não sabe o que ele sabe, ou cujas opiniões diferem das suas. Como o Trapaceiro é o guarda-chuva sob o qual atua o Sabichão, o homem preso a essa influência infantil em geral engana os outros — e talvez a si mesmo também — quanto à profundidade dos seus conhecimentos ou ao grau de sua importância.

Mas também tem um lado positivo. É muito bom para esvaziar os Egos, o nosso e os dos outros. E quase sempre precisamos disso. Consegue localizar, num instante, quando, e exatamente de que modo,

estamos inflados e identificados com a nossa grandiosidade. E ataca, para nos reduzir à condição humana e nos expor todas as nossas fraquezas. Esse era o papel do bobo da corte na Europa medieval. Quando todo o mundo, no meio de uma grande cerimônia, estava adorando o rei, e o próprio rei já estava começando a se adorar, o Bobo dava uma cambalhota no meio dos rapapés e peidava! Ele queria dizer: "Não fique inchado, somos todos seres humanos aqui, não importa a condição social que nos conferimos uns aos outros".

Na Bíblia, Jesus chama Satanás de o Pai das Mentiras, identificando-o assim com o Trapaceiro no seu aspecto negativo. Indiretamente, a Bíblia também mostra Satanás, o Trapaceiro, sob uma luz positiva, embora a maioria de nós não perceba isso. A história de Jó, por exemplo, retrata um relacionamento de respeito mútuo entre Deus e ele. Deus proporcionou a Jó grandes riquezas, segurança material, saúde e uma família numerosa. Jó, por seu lado, louva sem cessar a Deus. É uma relação de admiração mútua. Então entra Satanás, farejando a hipocrisia nisso tudo. Ele é um criador de caso, a bem da verdade. A sua idéia é que, se Deus amaldiçoar Jó, este vai acabar deixando de cantar suas louvações. Deus não quer acreditar em Satanás, mas aceita o plano, provavelmente porque seu instinto lhe diz que o outro tem razão. E tem! Quando Deus lhe tirou tudo o que tinha —família, riqueza, saúde —, Jó finalmente abandona a sua devoção superficial, brande o punho contra Deus e rompe com ele. Deus reage intimidando Jó.

Até na história do Paraíso, Satanás cria confusão para expor a natureza fraudulenta e ilusória da criação supostamente "boa". Deus queria acreditar que tudo que ele tinha feito era bom, mas afinal de contas ele fizera o mal e o pendurara na Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal. Satanás, na forma da serpente, estava determinado a revelar o lado sombrio dessa criação "perfeita". E conseguiu isso com a "queda" de Adão e Eva. Só depois que Satanás revelou o mal existente na criação — e, conseqüentemente, no Criador — é que pôde começar a haver honestidade e cura.

No filme Amor, sublime amor, (West side story), os jovens que através de brincadeiras tentam desculpar-se pelos estragos que provocam na cidade diante de uma simulação do guarda Krupke, estão na realidade, e com bastante precisão, expondo o lado da sombra, o lado menos idílico, da sociedade que os fez assim.

Como funciona o Trapaceiro? Digamos que você está preparando-se para aquilo que considera a sua mais brilhante apresentação. Está tão orgulhoso da sua perspicácia! Senta-se diante do computador e manda que ele imprima as notas que você colocou ali antes, e a impressora não funciona. O seu próprio Trapaceiro interno lhe passou a perna.

Ou, você vai comparecer a uma cerimônia importante. Calcula o tempo para garantir que todos o estejam esperando — apenas alguns minutos, o suficiente para perceberem o quanto você é importante. Vai pegar o carro afinal, preparando para fazer a sua viagem triunfal. Mas não consegue achar as chaves. E lá estão elas, trancadas dentro do automóvel, ainda na ignição. A hubris conduz à nêmesis. É assim que o Trapaceiro trabalha contra nós (a longo prazo, talvez, a nosso favor).

Mas ele trabalha, através de nós, contra os outros também. Talvez você goste de fazer brincadeiras de mau gosto, perseguindo sem piedade as pessoas com as suas brincadeiras, até que vem um e dá o troco, aí você é forçado a perceber como isso dói. Você é o vendedor de automóveis que engana os fregueses no preço dos carros — vem a gerência e engana você na comissão.

Conhecemos um estudante de pós-graduação realmente possuído por esse aspecto do arquétipo. Estava sempre expondo as fraquezas dos outros com o seu encantador, mas nem tanto, senso de humor. Ria dos erros que os professores cometiam em sala. Ria quando o diretor da escola tropeçava nas palavras. Tinha aspirações políticas, queria criar um movimento estudantil para defender a sua causa favorita. Mas afastou exatamente as pessoas de que precisava como patronos e mentores. Suas

brincadeiras finalmente o deixaram isolado e impotente. Só mais tarde, na terapia, quando se familiarizou com a força dominadora desse arquétipo, estudando as descrições do Trapaceiro dos índios americanos, é que conseguiu libertar-se do seu comportamento compulsivo e autodestrutivo.

Talvez o Trapaceiro mais conhecido esteja na Bíblia, na história de Esaú e Jacó, em que este conseguiu o direito de primogenitura do irmão "vendendo-lhe" um prato de sopa. Jacó enganou o irmão mais velho fazendo-o desistir da condição e riqueza que por direito lhe pertenciam como herdeiro da fortuna dos pais. Através da manipulação, apossou-se do que não era seu.

Precisamos entender bem essa energia imatura. Embora o seu propósito em sua forma positiva seja expor as mentiras, se não for controlado torna-se negativo e passa a destruir a própria pessoa e os outros. Pois o lado negativo dessa energia masculina imatura é realmente hostil a todos os esforços reais, a todos os direitos, a toda a beleza das outras pessoas. O Trapaceiro, como o Tirano da Cadeirinha Alta, não quer fazer nada. Não quer ganhar nada honestamente. Quer apenas ser, e ser aquilo que não tem o direito de ser. Em linguagem psicológica, é agressivo-passivo.

Essa é a forma de energia que busca a queda dos grandes homens, que se compraz na destruição de homens importantes. Mas o Trapaceiro não quer substituir o homem que caiu. Não quer assumir as responsabilidades deste. Na verdade, não quer ter responsabilidades. Quer fazer apenas o suficiente para causar a desgraça dos outros.

O Trapaceiro faz com que o menino (ou o homem infantil) tenha problemas com a autoridade. Sempre consegue encontrar um homem para odiá-lo e acabar matando-o com um tiro. Acredita facilmente que todos os homens no poder são corruptos e exploradores. Mas, como o homem possuído pelo Príncipe Covarde, está condenado para sempre a ficar à margem da vida, jamais conseguindo assumir a responsabilidade por si mesmo ou por suas ações.

A sua energia provém da inveja. Quanto menos um homem tiver contato com seus verdadeiros talentos e capacidades, mais invejará os outros. Se somos muitos invejosos, estamos negando nossa própria grandeza real, nossa própria Criança Divina. O que devemos fazer, então, é procurar as nossas características especiais, a nossa beleza e criatividade. A inveja bloqueia a criatividade.

O Trapaceiro é o arquétipo que corre para ocupar o vazio deixado no homem imaturo, ou no menino, pela negação ou falta de contato do menino com a Criança Divina. O Trapaceiro entra em ação dentro de nós, evolutivamente, quando nossos pais (ou irmãos mais velhos) nos rebaixaram ou criticaram, quando fomos emocionalmente agredidos. Se não sentirmos que somos especiais, ficaremos nas mãos do Trapaceiro, do "Sabichão", e esvaziaremos nos outros o sentimento de serem especiais, mesmo quando tal esvaziamento não for necessário. O Trapaceiro Sabichão não tem heróis, porque para isso é preciso admirar os outros. E só podemos admirar as outras pessoas quando temos noção do nosso próprio valor e segurança, cada vez maior, quanto às nossas próprias energias criativas.

O Palerma

O menino (ou homem) dominado pelo outro pólo da Sombra disfuncional da Criança Precoce, o ingênuo Palerma, como o Príncipe Covarde, carece de personalidade, vigor e talento criativo. Parece indiferente e embotado. Não aprende a tabuada, não sabe fazer troco nem dizer as horas. Quase sempre é rotulado de aluno de raciocínio lento. Falta-lhe, também, senso de humor e muitas vezes não entende as piadas. Às vezes parece também fisicamente desajeitado. Não tem coordenação, e é com freqüência alvo de zombaria e desprezo quando se atrapalha com a bola no meio do campo ou perde um lance importante no jogo. Esse menino pode também parecer ingênuo. Ele é, ou parece ser, o

último a saber sobre "os fatos da vida".

A inépcia do Palerma, contudo, quase sempre está longe de ser honesta. Ele percebe mais do que demonstra, e o seu comportamento lerdo pode estar mascarando uma grandiosidade oculta, que se acha importante demais (e vulnerável demais) para se revelar. Assim, intimamente interligado com um secreto Sabichão, o Palerma é também um Trapaceiro.

A Criança Edipiana

Todas as energias masculinas imaturas, estão excessivamente atadas, de uma forma ou de outra à Mãe e são diferentes na vivência do masculino amadurecido e nutridor.

Embora o menino cuja Criança Edipiana seja uma poderosa influência arquetípica não vivencie adequadamente o masculino nutridor, ele é capaz de entrar em contato com as características positivas do arquétipo. É emotivo e tem um sentimento de admiração e profundo apreço pela comunicação com suas profundezas internas, com os outros e com todas as coisas. É terno, ligado e afetuoso. Expressa também, através da sua ligação com a Mãe (a relação primordial para quase todos nós), as senes do que podemos chamar de espiritualidade. O seu sentimento de unidade mística e a mútua comunhão com todas as coisas vem do seu profundo anseio pela Mãe infinitamente nutridora, infinitamente boa e infinitamente bela.

Essa Mãe não é a sua mãe mortal, real. Esta fatalmente vai decepcioná-lo na sua necessidade de ligação, amor e nutrição perfeito s ou infinitos. Ao contrário, a Mãe que ele sente existir acima desta outra, acima de toda a beleza e sensibilidade (o que os gregos chamavam eros) existentes nas coisas humanas, e que vivência nos sentimentos profundos e nas imagens da sua vida interior é a Grande Mãe — a Deusa representada em suas várias formas nos mitos e lendas de muitos povos e culturas.

Um jovem que veio fazer análise, em parte porque estava tentando elaborar os problemas relativos à mãe, relatou um insight notável que lhe brotou do inconsciente. Já estava fazendo análise quando foi visitar a mãe e os dois começaram a discutir como de costume. O rapaz não conseguia fazê-la entender o que queria dizer. E deixou escapar, aborrecido: "Mãe Toda-Poderosa!" Foi um lapso freudiano, como dizemos. O que ele queria falar era "Deus Todo-Poderoso!" Pararam de discutir na hora. Ficaram constrangidos e riram nervosamente, pois compreenderam o significado do lapso. A partir daí, ele começou a orientar a sua percepção espiritual da Mãe Todo-Poderosa para a Grande Mãe, arquetípica , que, compreendeu ele com uma íntima convicção, era a Mãe da sua própria mãe mortal. Deixou de vivenciar esta como a Grande Mãe e passou a ser capaz de livrá-la, e todas as outras mulheres, do pesado fardo de serem para ele divinas. Não só os relacionamentos com as namoradas e com a mãe melhoraram, como a sua espiritualidade se tornou bem mais profunda. Começou a transmutar o sentido de união profunda em ouro espiritual.

O Filhinho da Mamãe

A sombra da Criança Epidiana é formada pelo Filhinho da Mamãe e pelo Sonhador. O Filhinho da Mamãe está, como todos sabemos, "preso às saias da mãe". Ele faz o menino fantasiar que está se casando com ela, que a está roubando do pai. Se o pai não existe, ou é fraco, esse chamado anseio edipiano se torna mais forte, e o lado deformante da Sombra bipolar da Criança Edipiana pode dominá-lo.

O termo complexo de Édipo vem de Freud, que viu na lenda do rei grego um relato mitológico dessa forma de energia masculina imatura. A história é conhecida.

O rei Laio e a esposa, Jocasta, tiveram um filho a quem chamaram Édipo. Em virtude de uma profecia que disse que quando crescesse Édipo ia matar o pai, Laio mandou que o levassem para o campo e o expusessem numa colina, onde, supunha-se, os elementos o matariam. Mas, como sempre acontece com as Crianças Divinas, Édipo foi salvo. Um pastor encontrou-o e o criou, fazendo-o chegar à idade adulta.

Um dia, Édipo caminhava por uma estrada quando uma carroça quase o atropelou. Ele discutiu com o dono desta e o matou. O proprietário da carroça, que ele não conhecia, era seu pai Laio. Édipo foi em seguida para Tebas, onde ficou sabendo que a rainha estava procurando um marido. Era Jocasta, sua mãe. Édipo casou-se com ela e subiu ao trono de seu pai. Só alguns anos mais tarde, quando caiu sobre o reino uma praga, é que se revelou a terrível verdade, e Édipo, o rei ilegítimo, foi deposto. A realidade psicológica subjacente na história é que Édipo estava inflado. Caiu pela mão dos deuses por ter matado o pai (o "deus") e se casado com a mãe (a "deusa"). Portanto, foi destruído pela inconsciente inflação de suas pretensões inconscientes à divindade. Para toda criança, do ponto de vista do seu desenvolvimento, a Mãe é a deusa e o Pai é o deus. Os meninos muito ligados à Mãe se machucam.

Existe também a história de Adônis, que foi amante de Afrodite, a deusa do amor. Não era possível aceitar que um rapaz mortal tivesse direito a uma deusa, por isso ele foi atacado por um porco-do-mato (na realidade, um deus na forma de um animal — o Pai) e morto.

Uma outra coisa acontece com o Filhinho da Mamãe. Geralmente ela passa de uma mulher a outra, na busca da beleza, da ternura, da satisfação do seu anseio de se unir à Mãe. Não consegue contentar-se com uma mulher mortal, porque está procurando a Deusa imortal. Temos aqui a síndrome de Dom Juan. A Criança Edipiana, inflada além das suas dimensões mortais, não pode prender-se a uma única mulher.

Além disso, o menino sob o poder do Filhinho da Mamãe é o que se chama de auto-erótico. Ele é capaz de ficar masturbando-se compulsivamente. Pode chegar à pornografia, buscando a Deusa nas formas quase infinitas do corpo feminino. Certos homens sob o poder infantil do aspecto Filhinho da Mamãe da Criança Edipiana têm enormes coleções de fotografias de mulheres nuas, sozinhas ou tendo relações sexuais com homens. Ele está querendo vivenciar a sua masculinidade, o seu poder fálico, a sua capacidade de gerar. Mas, em vez de afirmar a sua masculinidade como um homem mortal, ele está mesmo é procurando ter a experiência do pênis de Deus — o Grande Falo — que conhece todas as mulheres, ou melhor, que conhece a união com a Grande Mãe em sua infinidade de formas femininas.

Masturbando-se e usando de forma compulsiva a pornografia, o Filhinho da Mamãe, como todas as energias imaturas, quer apenas ser. Não quer fazer o que é preciso para realmente se unir a uma mulher mortal e enfrentar todos os sentimentos complexos que implica um relacionamento íntimo. Não quer assumir responsabilidades.

O Sonhador

O outro pólo da Sombra disfuncional da Criança Edipiana é o Sonhador. Este leva ao extremo os impulsos espirituais da Criança Edipiana. Embora também mostre sinais de passividade, o menino possuído pelo Filhinho da Mamãe pelo menos busca ativamente a "Mãe". O Sonhador, entretanto, faz o menino se sentir isolado de todos os relacionamentos humanos. Para o garoto enfeitiçado pelo Sonhador, os relacionamentos se dão com coisas intangíveis e com o mundo imaginário dentro dele. Conseqüentemente, enquanto as outras crianças brincam, ele se senta numa pedra e fica sonhando. Realiza pouco e parece reservado e deprimido. Seus sonhos tendem a ser melancólicos, ou muito idílicos e etéreos.

O menino possuído pelo Sonhador, como aquele dominado por outros pólos de sombra, não é honesto, embora em geral essa desonestidade seja inconsciente. O seu comportamento etéreo, isolado, pode mascarar o pólo oculto, e oposto, da Sombra da Criança Edipiana, o Filhinho da Mamãe. O que esse menino realmente revela, de forma indireta, é o seu ressentimento por não conseguir ter a posse da Mãe. A sua grandiosidade na busca de possuir a Mãe oculta-se sob a depressão do sonhador.

O Herói

Há muita confusão em torno do arquétipo do Herói. Em geral, supõe-se que a forma heróica de abordar a vida, ou uma tarefa, seja a mais nobre, porém, só em parte isso é verdade. O Herói é apenas uma variedade avançada da psicologia do Menino — a mais avançada, o auge, na verdade, das energias masculinas do menino, o arquétipo que caracteriza o máximo no estágio adolescente do desenvolvimento. Mas é imaturo, e se continua até a idade adulta como um arquétipo dominante, impede que o homem atinja a maturidade plena. Se pensarmos no Herói como o Valentão Exibicionista, esse aspecto negativo torna-se mais claro.

O Valentão Exibicionista

O menino (ou homem) dominado pelo Valentão quer impressionar os outros. Suas estratégias destinam-se a proclamar a sua superioridade e o seu direito de dominar as pessoas que o cercam. Reivindica o centro do palco para si como um direito inato. E se desafiam essas exigências de status especial, vejam só o que o que ele apronta! Ataca com palavras ofensivas e muitas vezes agressão física as pessoas que questionam o que elas "farejam" como uma presunção da sua parte. Esses ataques visam impedir o reconhecimento da sua covardia subjacente e da sua profunda insegurança. O homem que continua sob a influência desse aspecto negativo do Herói não trabalha em conjunto. É um solitário. É o executivo importante, o homem de vendas, o revolucionário, o corretor da bolsa de valores. É o soldado que se arrisca desnecessariamente em combate e, se estiver numa posição de liderança, exige o mesmo de seus homens. Descobriu-se muita coisa no Vietnã, por exemplo, sobre esses jovens oficiais "heróicos", cavando promoções, que muitas vezes exigiam que seus homens arriscassem a vida em demonstrações de coragem. Alguns morreram, vítimas de suas atitudes heróicas infladas.

Outro exemplo é o personagem de Tom Cruise no filme Ases Indomáveis (Top Gun), Trata-se de um jovem piloto, altamente motivado, que não ouve ninguém, que precisa provar alguma coisa, um valentão, um rapaz que, embora criativo, arrisca o seu avião e seu navegador. A reação geral de seus colegas pilotos é de repúdio e desagrado. Mesmo o seu melhor amigo, embora gostando muito dele e continuando a lhe ser fiel, acaba tendo que lhe fazer ver que está causando mal a si mesmo e à equipe.

O filme é na verdade a história de um menino que se torna homem. Só depois que o personagem de Tom Cruise contribui acidentalmente para a morte de seu amigo-navegador numa manobra aérea tensa — e sofre com isso — e só depois que perde a competição para Iceman, mais amadurecido, é que começa a sair da adolescência e entrar na idade adulta. A diferença entre o Herói e o Guerreiro amadurecido é exatamente a que existe entre o personagem de Tom Cruise e Iceman.

O homem possuído pelo pólo Valentão Exibicionista da Sombra do Herói tem um senso inflado da própria importância e capacidade. Segundo nos contou recentemente o executivo de uma empresa, ao enfrentar os jovens heróis da sua companhia ele precisa dizer-lhes de vez em quando: "Vocês são bons. Mas não tanto quanto pensam. Um dia chegam lá. Por enquanto ainda não."

O herói começa achando que é invulnerável, que para ele só serve o "sonho impossível", que ele pode "lutar contra o inimigo invencível" e vencer. Mas se o sonho é realmente impossível, e o inimigo realmente invencível, o herói vai ter problemas.

De fato, é o que vemos com freqüência. O sentimento de invulnerabilidade, uma m manifestação do Valentão Exibicionista e das pretensões divinas de todas essas formas de energia masculinas imaturas, deixa o homem sob a influência do Herói da Sombra, exposto ao perigo da própria morte. No final, ele acaba dando um tiro no pé. O heróico general Patton, embora cheio de imaginação, criativo e estimulante para as suas tropas, pelo menos por vezes, boicota a si próprio nos riscos que assume e,

na competição infantil com o general britânico Montgomery, e nas suas observações argutas, porém atrevidas e imaturas. Em vez de lhe destinarem uma missão para a qual está qualificado pelo seu talento (comandar a invasão da Europa pelas tropas aliadas, por exemplo), ele é preterido exatamente por ser um herói, e não um guerreiro.

Como no caso de outros arquétipos masculinos imaturos, o Herói está excessivamente ligado à Mãe. Mas tem uma forte necessidade de superá-la. Trava um combate mortal com o feminino, lutando para conquistá-lo e afirmar a sua masculinidade. Nas lendas da Idade Média sobre heróis e suas donzelas, quase nunca sabemos o que acontece depois que o herói mata o dragão e se casa com a princesa. Não nos contam o que aconteceu com o casamento deles, porque o Herói, como arquétipo, não sabe o que fazer com a princesa depois que a conquista. Não sabe o que fazer quando as coisas voltam ao normal.

A derrocada do Herói é que ele não conhece e é incapaz de aceitar suas próprias limitações. O menino ou o homem dominado pelo Herói da Sombra não consegue realmente perceber que é um ser mortal. A negação da morte — limitação fundamental da vida humana — é a sua especialidade.

Quanto a isso, poderíamos pensar um pouco sobre a heróica natureza da nossa cultura ocidental. Sua preocupação maior parece ser, como se diz sempre, a "conquista" da Natureza, o uso e manipulação desta. A poluição e a catástrofe ambiental são os castigos cada vez mais óbvios por esse projeto tão arrogante e imaturo. A medicina opera na hipótese geralmente tácita de que a doença, e finalmente a própria morte, pode ser eliminada. Nossa visão moderna de mundo tem sérias dificuldades em enfrentar as limitações humanas. Quando não encaramos nossas verdadeiras limitações, ficamos cheios de pretensões, e mais cedo ou mais tarde este Ego inflado será chamado a prestar contas.

O Covarde

O menino possuído pelo Covarde, o outro pólo da Sombra bipolar do Herói, revela uma extrema relutância em se defender sozinho nos confrontos físicos. Costuma fugir da briga, talvez desculpando-se com a alegação de que a atitude mais "viril" é a de se afastar. Mas ele vai sentir-se infeliz, apesar das desculpas. E não são apenas as lutas físicas que ele evita. Tende a permitir que o maltratem emocional e intelectualmente também. Quando alguém lhe exige alguma coisa ou é enérgico com ele, o menino dominado pelo Covarde — e incapaz de se sentir um herói — cede. Submete-se facilmente à pressão dos outros; sente-se invadido e pisado, como um capacho. Quando se cansa, entretanto, a grandiosidade do Valentão Exibicionista oculta dentro dele vem à tona e explode em violentos ataques verbais e/ou físicos ao seu "inimigo", um ataque para o qual o outro está totalmente despreparado.

Mas, tendo descrito os aspectos negativos, ou da sombra, do Valentão/Covarde, ainda fica a pergunta: por que o Herói está presente em nossas psiques, afinal de contas? Por que ele faz parte da história do nosso desenvolvimento pessoal como homens? A que adaptação evolutiva ele serve?

O que o Herói faz é mobilizar as estruturas delicadas do Ego do menino para torná-lo capaz de romper com a Mãe no fim da infância e enfrentar as difíceis tarefas que a vida vai começando a lhe atribuir. As energias do Herói apelam para as reservas masculinas do menino, que se aprimoram conforme ele amadurece, para estabelecer a sua independência e a sua competência, para que ele possa vivenciar suas próprias capacidades desabrochando, para que seja capaz de "abrir o envelope" e testar-se diante das forças difíceis, e até hostis, do mundo. O Herói capacita-o a estabelecer uma cabeça de ponte contra o irresistível poder do inconsciente (vivenciada em grande parte, pelos homens pelo menos, como o feminino, a Mãe), O Herói permite que o menino se afirme e defina como uma pessoa distinta de todas as outras, para que afinal possa relacionar-se com elas de forma plena e criativa.

O Herói lança o menino de encontro aos seus limites, contra o aparentemente intratável.

Encoraja-o a sonhar o sonho impossível, que afinal de contas pode ser possível, se ele tiver coragem suficiente. Dá-lhe poder para lutar contra o inimigo imbatível, que será bem capaz de derrotar, se não estiver possuído pelo Herói.

“Mais uma vez, a nossa posição é a de achar que os terapeutas, com muita freqüência — sem falar nos parentes, amigos, colegas de trabalho e pessoas que representam alguma autoridade — atacam, consciente ou inconscientemente, o ‘‘ brilho” do Herói nos homens. A nossa era não quer heróis. É uma era de inveja, em que a regra é a preguiça e a preocupação consigo mesmo. Quem quer que tente brilhar, que ouse destacar-se na multidão, é puxado para baixo por seus opacos e autodenominados "pares".

Precisamos de um grande renascimento do heróico no nosso mundo. Cada setor da sociedade humana, onde quer que esteja neste planeta, parece estar deslizando para um caos inconsciente. Somente a consciência heróica, exercendo todo o seu poder, será capaz de impedir esse deslize para o esquecimento. Só o renascer maciço da coragem tanto nos homens como nas mulheres salvará o mundo. Enfrentando enormes dificuldades, o Herói ergue a sua espada e investe contra o coração do abismo, a boca do dragão, o castelo enfeitiçado por um poder perverso.

Qual será o fim do Herói? Quase universalmente, nas lendas e nos mitos, ele "morre", é transformado num deus e transportado aos Céus. Lembramo-nos da história da ressurreição e ascensão de Jesus, do desaparecimento final de Édipo num facho de luz em Colona, ou a subida de Elias aos céus numa carruagem de fogo.

A "morte" do Herói é a "morte" da infância, da psicologia do Menino. E é o nascimento do adulto, da psicologia do Homem. A "morte" do Herói na vida de um menino (ou de um homem) significa que ele finalmente encontrou suas limitações. Ele encontrou o inimigo, e o inimigo é ele mesmo. Viu-se diante do seu próprio lado sombrio, não heróico. Lutou contra o dragão e saiu queimado; fez a revolução e bebeu a borra da sua própria desumanidade. Superou a Mãe e depois percebeu ser incapaz de amar a Princesa. A "morte" do Herói sinaliza o encontro do menino ou do homem com a verdadeira humildade. É o fim da sua consciência heróica.

A verdadeira humildade, acreditamos, consiste em duas coisas. A primeira é conhecer as nossas limitações. A segunda é conseguir a ajuda de que precisamos.

Se estamos possuídos pelo Herói, vamos cair no aspecto negativo dessa energia e vivenciar — como o personagem de Tom Cruise — os sentimentos e ações infladas do Valentão Exibicionista. Vamos passar por cima dos outros na nossa insensibilidade e arrogância, e acabaremos autodestruídos, ridicularizados e abandonados pelas pessoas. Se estivermos no pólo passivo da Sombra bipolar do Herói, possuídos pelo Covarde, vai nos faltar motivação para realizar alguma coisa importante para a vida humana. Mas, se tivermos acesso adequadamente à energia do Herói, tentaremos superar as nossas limitações. Vamos nos aventurar até as fronteiras do que podemos ser como meninos, e partindo daí, se conseguirmos fazer a transição, estaremos preparados para a nossa iniciação na condição adulta.

CAPÍTULO QUATRO

A Psicologia do Homem

É imensamente difícil para o ser humano desenvolver-se plenamente. A luta contra as energias infantis interiores exerce uma enorme força "gravitacional" contra a realização plena do potencial adulto. Não obstante, é preciso lutar contra a gravidade por meio de muito trabalho e construir as pirâmides, primeiro do menino depois do homem, que constituem as estruturas centrais do Si-mesmo masculino. Os antigos maias raramente destruíam as primeiras construções de suas cidades. Como eles, não queremos demolir as pirâmides da nossa infância, pois elas foram e serão sempre geradoras de poder e portas para as fontes de energia do nosso passado primordial. Mas precisamos trabalhar colocando nossas camadas de pedra sobre as antigas plataformas e degraus. Precisamos construir, tijolo por tijolo, visando o amadurecimento da masculinidade, até que possamos ficar de pé no topo da plataforma mais alta, vigiando o nosso reino como o "Senhor dos Quatro Quadrantes".

Há diversas técnicas que podemos usar nesse projeto de construção. A análise dos sonhos, a interferência neles, a imaginação ativa (na qual o Ego, dentre outras coisas, dialoga com os modelos energéticos interiores, conseguindo assim a diferenciação e o acesso a eles), a psicoterapia numa multiplicidade de formas, a meditação nos aspectos positivos dos arquétipos, a oração, os rituais mágicos acompanhados pelo mestre espiritual, vários tipos de disciplina espiritual e outros métodos são, todos, importantes no difícil processo de transformar meninos em homens.

As quatro formas principais de energia masculina madura que identificamos são o Rei, o Guerreiro, o Mago e o Amante. Elas se superpõem e, idealmente, se enriquecem umas as outras. Um bom Rei é sempre também Guerreiro, Mago e Amante. E o mesmo se diz dos outros três.

As energias do menino também se superpõem e trocam informações, como já vimos. A Criança Divina dá serem naturalmente à Criança Edipiana, que juntas, formam o núcleo de tudo o que for belo, enérgico, relacionado, terno, cuidadoso e espiritual no homem. O Ego do menino precisa da perceptividade da Criança Precoce para ajudá-lo a se distinguir dessas energias. E todas as três dão serem ao Herói, que as libera do domínio do inconsciente "feminino" e estabelece a identidade do garoto como um indivíduo distinto. O Herói prepara o menino para ser homem.

Os arquétipos são entidades misteriosas ou fluxos energéticos, foram comparados a um imã sob uma folha de papel. Quando se espalham nessa superfície limalhas de ferro, imediatamente elas se organizam em desenhos ao longo das linhas de força magnética. Pode-se ver o desenho das limalhas sobre o papel, mas não o imã que está por baixo — ou, melhor, jamais se vê a força magnética em si, somente a prova visível de sua existência. O mesmo vale para os arquétipos. Eles permanecem ocultos. Mas experimentamos os seus efeitos — na arte, na poesia, na música, na religião, em nossas descobertas científicas, em nossos padrões de comportamento, nos modelos que regem a nossa maneira de pensar e sentir. Todos os produtos da criatividade e interação humanas são como as limalhas de ferro. Podemos ver alguma coisa das formas e padrões dos arquétipos através dessas manifestações. Mas nunca as próprias "energias". Elas se superpõem e interpenetram, mas podem ser distinguidas umas das outras para fins de esclarecimento. Através da imaginação ativa, podem ser recombinadas de modo a conseguirmos realizar o equilíbrio desejado de suas influências em nossas vidas.

Jean Shinoda Bolen deu-nos a ótima sugestão de considerarmos esse processo, desenredando e isolando os arquétipos e depois voltando a combiná-los, como uma reunião de conselho bem orientada. Aqui, a mesa pede a cada um de seus membros que fale honestamente sobre a questão em pauta. Um

bom presidente quer sempre informações completas, com seus motivos, de cada uma das pessoas que compõem o conselho. Certas opiniões não agradarão, outras vão parecer tolas. Alguns membros do conselho podem parecer que estão sempre depreciando e destruindo; outros freqüentemente surgem com idéias brilhantes. As sugestões destes últimos é que geralmente são seguidas, embora às vezes a verdade esteja nas palavras dos membros negativos e descontentes. Mas no final, quando todas as opiniões foram ouvidas e o assunto foi exaustivamente discutido, a mesa faz a votação e se decide o assunto. Com freqüência, o voto decisivo é o do presidente.

Nossos Egos são como o presidente do conselho. E os membros são os arquétipos dentro de nós. Cada um precisa ser escutado. Cada um precisa erguer-se e dar a sua informação. Mas a pessoa inteira sob a supervisão do Ego tem que tomar a decisão final.

Talvez a psicologia do homem, como dissemos, tenha sido sempre uma raridade no nosso planeta. Sem dúvida, é uma coisa rara hoje em dia. As terríveis circunstâncias físicas e psicológicas sob as quais a maioria dos seres humanos vive em quase todas as partes, quase o tempo todo, são desconcertantes. Os ambientes hostis sempre levam à atrofia, deformação e mutação dos organismos. O porquê disso é a matéria que compõe a filosofia e a teologia. Admitamos com franqueza a enorme dificuldade da nossa situação, pois só quando nos permitirmos ver a seriedade de um problema e aceitar o que temos pela frente é que começaremos a agir de forma adequada, a tornar a nossa vida, e a dos outros, mais intensa. Diz-se em psicologia que temos que assumir a responsabilidade por aquilo pelo qual não somos responsáveis. Isso significa que não temos culpa (como nenhuma criança tem) do que aconteceu conosco e que nos atrofiou e nos deixou presos aos nossos primeiros anos de vida, quando nossas personalidades se formaram e quando ficamos empacados em níveis imaturos de masculinidade. Mas de nada nos serve aderir ao coro dos delinqüentes do filme Amor, sublime amor quando acusam a sociedade e deixam as coisas ficarem como estão.

A nossa era é mais psicológica do que institucional. O que costumava ser feito por nós através de estruturas institucionais e processos ritualísticos, hoje temos que fazer interiormente, por conta própria. A nossa cultura é individual, e não coletiva.

A nossa cultura ocidental nos empurra ao combate sozinhos, para nos tornarmos, como disse Jung, "individuados". O que costumava ser compartilhado mais ou menos inconscientemente com todos — como o processo de desenvolvimento de uma identidade masculina madura — hoje em dia precisa ser atingido de forma individual e consciente. É para essa tarefa que agora nos voltamos.

PARTE DOIS

Decodificação da Psique Masculina- Os Quatro Arquétipos do Masculino Amadurecido

CAPÍTULO CINCO
O Rei

A energia do Rei é primitiva em todos os homens. Ela mantém a mesma relação com os outros potenciais masculinos amadurecidos, como faz a Criança Divina com as outras energias masculinas imaturas. É a mais importante, fundamenta e integra o resto dos arquétipos em equilíbrio perfeito. O Rei bom e produtivo é também um bom Guerreiro, um Mago perfeito e um grande Amante, E, no entanto, em geral, o Rei vem em último lugar. Poderíamos dizer que o Rei é a Criança Divina, porém amadurecido e complexo, sábio, e de certa forma tão altruísta quanto ela é preocupada consigo mesma. O Rei bom tem a "sabedoria de Salomão".

Enquanto a Criança Divina, principalmente no seu aspecto de Tirano da Cadeirinha Alta, tem pretensões infantis à divindade, o arquétipo do Rei chega perto de ser Deus na sua forma masculina existente em cada homem. É o homem primordial, o Adão, o que os filósofos chamam de Antropos em cada um de nós. Os hindus chamam essa masculinidade primitiva nos homens de Atman; os judeus e cristãos referem-se a ela como imago Dei, a "Imagem de Deus". Freud falou do Rei como o "pai primordial da horda primordial". E de muitas maneiras a energia do Rei é a energia do Pai. A nossa experiência, porém, nos diz que embora o Rei esteja subjacente ao arquétipo do Pai, ele é mais amplo e fundamental que este último.

Historicamente, os reis sempre foram sagrados. Como homens mortais, porém, tiveram relativamente pouca importância. É o reinado, a energia do Rei em si, que é importante. Todos conhecemos o famoso grito, quando o rei morre e há outro esperando para subir ao trono: "O rei morreu; viva o rei!" O homem mortal que encarna a energia do Rei ou a carrega por algum tempo a serviço de seus semelhantes, a serviço do reino (seja de que dimensão for), a serviço do cosmo, é quase um elemento intercambiável, um veículo humano para trazer ao mundo e às vidas dos seres humanos esse arquétipo ordenador e gerador.

Como Sir James Frazer e outros observaram, os reis no mundo antigo eram em geral mortos ritualmente quando a capacidade de representar o arquétipo do Rei decaía. O importante era que o poder gerador da energia não ficasse preso ao destino de um mortal que envelhecia e ficava cada vez mais impotente. Com a ascensão do novo rei, a energia do Rei era novamente encarnada, e o arquétipo se renovava nas vidas das pessoas que faziam parte do reino. Na verdade, o mundo inteiro se renovava.

Esse modelo — esse ritual de morte e renascimento — é o que está por trás da história cristã da morte e ressurreição de Cristo, o Rei Salvador. O perigo para os homens que se tornam possuídos por essa energia é que eles também vão satisfazer o antigo modelo e morrer prematuramente.

No Capítulo 3, dissemos que a "morte" dos arquétipos infantis, especialmente do Herói, era o nascimento do homem; que o fim da psicologia do Menino era o começo da psicologia do Homem, O que acontece, então, quando o Herói — o adolescente — "morre"?

O sonho de um jovem, bem no ápice da sua transição da condição infantil para a condição adulta, ilustra este momento da morte do Herói e mostra a forma que essa nova maturidade masculina pode, finalmente, tomar. Mostra a energia do Rei entrando em disponibilidade — que não será plenamente entendida por muitos anos. Eis o sonho:

Sou um soldado mercenário na antiga China. Venho causando um bocado de confusão, ferindo muita gente, perturbando a ordem do império em meu próprio proveito e benefício. Sou uma espécie de fora-da-lei, pagam-me para matar os outros. Estou sendo procurado pelos campos, pela floresta,

por soldados do exército chinês, homens do imperador. Estamos, todos, vestidos com uma espécie de armadura, com arcos, flechas e provavelmente espadas. Corro no meio das árvores e vejo um buraco no chão, a entrada de uma caverna, e entro logo nele para me esconder. Uma vez lá dentro, vejo um túnel comprido. Sigo por ele correndo. O exército chinês me vê entrar na caverna e vem atrás de mim.

No final do túnel, vejo ao longe uma luz fraca azulada vindo de cima, provavelmente de uma abertura na rocha. Conforme me aproximo, observo que a luz ilumina um compartimento, subterrâneo e que nesse espaço existe um jardim muito verde. De pé, no meio do jardim, está o próprio imperador com seu manto bordado em vermelho e ouro. Não tenho para onde fugir. O exército se aproxima de mim por trás. Sou forçado a ficar diante do próprio imperador.

Não posso fazer outra coisa senão ajoelhar-me aos seus pés, submeter-me a ele. Sinto uma grande humildade, como se uma fase da minha vida tivesse terminado. Ele baixa os olhos para mim com compaixão paternal. Não está zangado comigo. Percebo que é uma pessoa que já viu tudo, já viveu tudo, todas as aventuras da vida — pobreza, riqueza, mulheres, guerras, intrigas palacianas, traições, dores e alegrias, tudo na vida humana. É com essa sabedoria amadurecida, muito antiga e vivenciada, que ele agora tem piedade de mim.

Diz muito suavemente: "Você tem que morrer. Será executado dentro de três horas." Sei que ele está certo. Há uma ligação entre nós. É como se ele tivesse estado exatamente na minha posição antes; sabe de tudo. Com uma grande sensação de paz, e até de felicidade, entrego-me ao meu destino.

Nesse sonho vemos o Ego Menino heróico do soldado mercenário finalmente encontrando os seus limites, o seu destino necessário, na presença do Rei. O que acontece com o menino é que ele entra em relação direta com o Rei primordial interior e se reconcilia com o "Pai", como diz Joseph Campbell.

John W. Perry, conhecido psicoterapeuta, descobriu o poder de cura do Rei reorganizando a personalidade nos sonhos e visões de pacientes esquizofrênicos. Em surtos psicóticos, e outros estados liminares da mente, as imagens do Rei sagrado irrompiam das profundezas do inconsciente de seus pacientes. No livro que escreveu a esse respeito, Roots of Renewal in Myth and Madness (Raízes de renovação no mito e na loucura), ele descreve um jovem doente mental que ficava desenhando colunas gregas e depois as associava a uma figura que chamava de "o rei branco". Outros relatos contam sobre um paciente que vê a "Rainha do Mar", e um grande casamento dele como Rainha do Mar e o Grande Rei, ou o papa que intervém de repente para salvar o visionário.

Perry percebeu que aquilo que seus pacientes descreviam eram imagens exatamente paralelas às encontradas nos mitos e rituais antigos dos reis sagrados. E viu que eles melhoravam à medida que entravam em contato com essas energias do Rei. Havia alguma coisa no Rei — nos tempos antigos, e nos sonhos e visões de seus doentes — que era imensamente organizadora, ordenadora e, de uma forma criativa, saudável. Ele observou nas visões deles as antigas batalhas míticas dos grandes reis contra as forças do caos e os ataques dos demônios, e em seguida a entronização gloriosa dos reis vencedores no centro do mundo. Perry entendeu que o Rei é, na verdade, o que ele chama de "o arquétipo central", em torno do qual o resto da psique se organiza. Viu que eram nesses momentos em que seus pacientes tinham "níveis reduzidos de consciência' [1], quando caíam as barreiras entre suas identidades conscientes e o poderoso mundo do inconsciente, que surgiam as imagens do Rei, criativas, produtivas, intensificadoras da vida. As pessoas saíam da loucura para um estado mais saudável.

O que acontecia com os pacientes de Perry é semelhante ao que ocorreu no sonho do jovem com o

imperador chinês. O Ego infantil cedeu, caiu no inconsciente e encontrou o Rei. A psicologia do Menino desapareceu quando a psicologia do Homem ficou disponível e reorganizou e reestruturou a personalidade.

As Duas Funções do Rei em Sua Plenitude

Duas funções da energia do Rei tornam possível essa transição da psicologia do Menino para a do Homem. A primeira é ordenar; a segunda é proporcionar fertilidade e bênção.

Rei, como diz Perry, é o "arquétipo central". Como a Criança Divina, o Rei bom está no Centro do Mundo. Senta-se no seu trono na montanha central, ou na Colina Original, como chamavam os antigos egípcios. E desse lugar central irradia-se toda a criação geometricamente até as fronteiras do reino. O "Mundo" é definido como a parte da realidade que é organizada e ordenada pelo Rei. O que está fora dos limites da sua influência é a não-criação, o caos, o demoníaco, o não-mundo.

Essa função da energia do Rei revela-se em toda a mitologia antiga e nas velhas interpretações da história real. Na mitologia do Egito antigo, segundo demonstraram James Breasted e Henri Frankfort, o mundo surgiu da deformidade e do caos de um vasto oceano sob a forma de uma Montanha ou um Monte, central. Nasceu por decreto, pela "Palavra" sagrada, do deus Pai, Ptah, deus da sabedoria e da ordem.

Jeová, na Bíblia, cria exatamente da mesma maneira. As palavras, na verdade definem a nossa realidade, definem nossos mundos. Organizamos nossas vidas e mundos por meio de conceitos, pelo que pensamos acerca deles; e só podemos pensar com palavras . Nesse sentido, pelo menos, as palavras tornam reais a nossa realidade e o nosso universo.

A Montanha Original ampliou-se quando a terra foi criada, e dessa ordenação central surgiram em seguida toda a vida, os deuses e deusas, os seres humanos e todas as suas conquistas culturais. E com o advento dos faraós, sucessores dos deuses, o mundo, definido pelos reis sagrados, espalhou-se em todas as direções a partir do trono dos faraós na Montanha Original. Era isso o que os egípcios contavam sobre o nascimento da civilização deles.

Na antiga Mesopotâmia, um dos grandes reis fundadores dessa civilização, Sargão da Acádia, conquistou um reino, construiu uma civilização e se autodenominou "Aquele que Governa os Quatro Quadrantes". Na maneira de pensar dos antigos, não só o mundo irradia de um ponto central, como é organizado geometricamente em quatro quadrantes. É um círculo dividido por uma cruz. As pirâmides egípcias — elas próprias imagens do Monte central — estão voltadas para os quatro pontos cardeais, aos "quatro quadrantes". Os mapas da antiguidade eram desenhados esquematicamente com essa idéia. E todos os povos antigos do Mediterrâneo, assim como os chineses e outras civilizações asiáticas, tinham a mesma visão. Até na perspectiva dos índios americanos, que se presume não terem tido contato com outros continentes e outras civilizações, era assim. O curandeiro sioux, Black Elk, no livro de John Neihardt, Black Elk Speaks, fala do mundo como um grande "arco", dividido em dois caminhos, um "vermelho" e
outro "negro", que se cruzam. Onde eles se encontram é a montanha central do mundo. É nessa montanha que o grande Deus Pai — a energia do Rei — fala e faz a Elk uma série de revelações para o seu povo.

Os povos antigos localizaram esse centro em vários lugares: no Monte Sinai, em Jerusalém, Hierápolis, no Olimpo, em Roma, Tenochitlán. Mas era sempre o Centro de um universo quadrado, um universo geométrico, ordenado. O Centro desse universo era sempre onde o rei — deus e homem — reinava, e era o local da revelação divina, do poder criativo e organizador, divino.

O que é realmente interessante para nós acerca dessa visão da função ordenadora da energia do Rei é que ela não se revela apenas nos mapas antigos, nas pinturas em areia dos índios do deserto, nos ícones da arte budista e nas rosáceas das igrejas cristãs, mas também, e de modo igualmente persistente, nos sonhos e pinturas modernas das pessoas que se submetem à psicanálise. Percebendo isso, Jung

tomou emprestado do budismo tibetano o nome para essas representações e chamou de "mandalas" as figuras do Centro organizador. Observou que, quando apareciam nos sonhos e visões de seus analisandos, as mandalas eram sempre curativos e vivificantes. Significavam sempre renovação e, como as imagens do Rei de Perry, mostravam que a personalidade estava organizando-se de uma forma mais centrada, estava tornando-se mais tranqüila e estruturada.

O que essa função da energia do Rei faz, através de um rei mortal, é encarnar para as pessoas do reino esse princípio ordenador do Mundo Divino. O rei humano faz isso codificando leis. Ele as leis, ou, mais exatamente, as recebe da própria energia da nação.

No Oriental Institute Museum, de Chicago, existe uma reprodução em tamanho natural do grande pilar das leis do antigo rei da Babilónia Hamurabi (1728-1686 a.C). O pilar, na verdade, tem a forma de um gigantesco dedo indicador apontando para o alto, dizendo "Ouçam! É assim! Assim é que as coisas vão ser!" E no lugar da unha nesse dedo gigante está a figura de Hamurabi postado em contemplação, cofiando a longa barba, ouvindo o grande Pai, o deus Shamash — o sol, o rei dos deuses — , o símbolo supremo da luz da consciência masculina. Shamash está dando a Hamurabi as leis inscritas embaixo e em toda a volta do dedo. O próprio dedo é o que os antigos chamavam, ao se referirem à vontade de Deus, de o "dedo de Deus". A figura de Hamurabi recebendo as leis expressa o incidente primordial ou arquetípico — sempre repetido — da energia do Rei dando ao seu servo humano, o rei mortal, a chave para a paz, a tranqüilidade e a ordem. Esse mesmo acontecimento intemporal está retratado na história bíblica de Moisés recebendo a Tora de Jeová na montanha primordial, o Sinai.

Essa ordem misteriosa, expressa no reinado e até nos palácios e templos (com freqüência construídos como representações do cosmo em miniatura) e nas leis humanas e em toda a ordem social dos homens — costumes, tradições e tabus expressos ou não —, é a manifestação dos pensamentos ordenadores do Deus Criador. Na mitologia do antigo Egito, isso era alternadamente considerado o deus Ptah ou a deusa Maat, a "Ordem Justa". Vemos essa idéia levada avante no pensamento primitivo dos hebreus, na figura da Sabedoria no livro bíblico dos provérbios, e até na idéia grega e mais tarde cristã de Jesus como o Logos, na Palavra ordenadora, geradora e criativa de que fala o Evangelho segundo S João. No hinduísmo, essa "ordem justa" arquetípica chama-se Dharma. Na China, chama-se Tao, o "Caminho".

É dever do rei mortal, não só receber e levar ao seu povo essa ordem do universo e moldá-la numa forma social, mas, até mais fundamentalmente, encarná-la em sua própria pessoa, vivê-la em sua própria vida. A primeira responsabilidade do rei mortal é viver de acordo com Maat, o Dharma ou o Tao. Se ele o fizer, diz a mitologia, tudo no reino — isto é, a criação, o mundo — também seguirá de acordo com a Ordem Justa. O reino florescerá. Se o rei não viver de acordo com o Tao, nada dará certo para o seu povo, nem para o reino como um todo. Este se enfraquecerá; o Centro, que o rei representa não se manterá; e o reino estará pronto para uma rebelião.

Quando isso aconteceu no Médio Império da história do antigo Egito, encontramos o profeta Nefer-rohu descrevendo as desastrosas conseqüências sociais e econômicas resultantes do governo de reis ilegítimos, reis que não viviam segundo Maat. (Lembramo-nos da praga que se abateu sobre Tebas no reinado ímpio do Édipo.) Nefer-rohu escreve:

[outra forma do Deus Criador] deve começar a criação [da terra novamente]. A terra pereceu por

completo. [...] O disco solar está encoberto, [...] Não brilha. [...] Os rios do Egito estão vazios. [...] Arruinadas estão as boas coisas, reservatórios de peixes, [onde estavam] aqueles que limpam os peixes, repletos de peixes e aves. Tudo que era bom desapareceu. [...] Os inimigos vieram do leste, e os asiáticos desceram para o Egito. [...] As feras selvagens do deserto beberão das

águas dos rios do Egito. [...] Essa terra está tumultuada. [...] Os homens pegarão as armas de guerra, [para que] a terra viva em confusão. Os homens farão setas de metal implorarão por sangue, e rirão o riso da náusea. [...] O coração do homem busca a si mesmo [sozinho]. [...] O homem senta-se no seu canto, [dando as cosias enquanto um mata o outro. Eu lhe mostro um filho como inimigo, um irmão como inimigo, e um homem matando o seu [próprio] pai.

Em seguida Nefer-roh u profetiza que surgirá um novo rei, o qual encarnará os princípios da Ordem Justa. Esse rei vai restaurar o Egito e retificar o cosmo:

[Então] virá um rei, do Sul, Ameni, o triunfante, é o seu nome. É filho de uma mulher da terra da Núbia; nasceu no Alto Egito. Tomará a Coroa [Branca]; usará a Coroa Vermelha; unirá as Duas Poderosas; satisfará os Dois Senhores naquilo que desejam. O que rodeia os campos [estará] nas suas mãos [...]. Alegrai-vos, povo desta era! O filho do homem será conheci do para sempre. Os que se inclinam para o mal e planejam a rebelião baixaram a voz por temor a ele. Os asiáticos cairão sob a sua espada, e os líbios sob o seu fogo. [...] Será construída a Muralha do Governant e da vida, da prosperidade e da saúde! — e não se permitirá que os asiáticos desça m ao Egito. [...] E a justiça ocupará o seu lugar, enquanto a maldade será rejeitada. Alegrai-vos, os que puderem ver [isso]!

Da mesma forma, os imperadores chineses governavam pelo "Mandato dos Céus". "Céus" aqui

significa, novamente, "ordem justa". E quando não viviam de acordo com a vontade celeste, havia uma rebelião e se estabelecia uma nova dinastia. "O rei morreu; viva o rei!"

Primeiro, o rei mortal, movido pela energia masculina amadurecida do Rei, vivenciava a ordem na sua própria vida; só depois ele a impunha. E fazia isso tanto no seu reino como nos arredores deste, no ponto de contato entre a criação e o caos exterior. Aqui vemos o Rei como Guerreiro, estendendo e defendendo a ordem contra os "asiáticos" e os "líbios".

O rei mortal fazia isso historicamente como o servo e a encarnação terrena do arquétipo do Rei, que mantinha a ordem no mundo espiritual, ou no profundo e intemporal mundo do inconsciente. Aqui vemos as histórias do deus babilônio Marduque lutando contra as forças do caos sob a forma do dragão Tiamat, derrotando o seu exército de demônios, matando-o e criando a partir do seu corpo o mundo ordenado. Ou vemos o cananeu Baal matando os monstros gêmeos do Caos e da Morte, Yamm e Mot. Encontramos também essa função da energia do Rei na Bíblia, nos chamados salmos da entronização, em que Javé (o Deus hebreu Jeová) vence o dragão Beemot, ou Teom, e em seguida sobe ao trono para ordenar e criar o mundo.

Numa observação mais imediata, vemos nas modernas famílias disfuncionais que, se o pai é imaturo, fraco e ausente, e a energia do Rei não está suficientemente presente, muitas vezes a família fica entregue à desordem e ao caos.

Junto com essa função ordenadora, o segundo bem vital proveniente da energia do Rei é a fertilidade e a bênção. Os povos antigos sempre associaram a fertilidade — nos seres humanos, nas colheitas, nos rebanhos e na natureza em geral — a uma ordenação criativa das coisas pelos deuses. Parece que, nos tempos pré-patriarcais, a terra como Mãe era vista como a principal fonte de fertilidade. Mas, com a ascensão das culturas patriarcais, a ênfase passou do feminino como fonte de fertilidade para o masculino. Não foi uma mudança simples, e a ênfase nunca mudou totalmente. Os mitos antigos, fiéis à biologia, reconheciam que a união do macho com a fêmea é que era realmente geradora, pelo menos no

plano físico. No plano cultural, porém, na criação da civilização e da tecnologia, e no domínio do mundo natural, as energias geradoras masculinas destacaram-se mais.

O rei sagrado na antiguidade tornou-se para muitos povos a expressão básica da energia vital do cosmo, a libido. O nosso Deus judeu, cristão e mulçumano jamais é visto, hoje, numa parceria criativa com uma Deusa. Ele é visto como um ser do sexo masculino, e a única fonte de criatividade e de capacidade geradora. É a única fonte de fertilidade e bênção. Muitas de nossas crenças modernas se surdinam daquilo em que os antigos patriarcas acreditavam.

A função do rei sagrado de proporcionar a fertilidade e a bênção aparece em vários mitos e nas histórias dos grandes reis. No mundo espiritual, vemos os grandes deuses Pai envolvidos prolificamente em relações sexuais com deusas, divindades menores e mulheres mortais. O egípcio Amun-Ra tinha o seu harém no céu, e as proezas de Zeus são bem conhecidas.

Mas não eram apenas os atos sexuais geradores de crianças divinas e humanas que revelavam a capacidade fertilizadora da energia do Rei. Essa capacidade de gerar era também o resultado da sua própria ordenação criativa. O cananeu Baal, por exemplo, depois de derrotar o dragão do mar caótico, e porque amava a terra, organizou as águas caóticas em chuvas, rios e lagos. Esse ato ordenador possibilitou o nascimento das plantas, e depois o dos animais. E isso favoreceu os homens, seus principais beneficiários, com a agricultura e a criação de animais.

No "Hino a Aton" (o Sol) egípcio, foi Aton quem organizou o mundo para que ele pudesse prosperar e ser fértil. Ele colocou o Nilo no Egito, para que os pássaros pudessem alçar vôo de seus ninhos no canavial, cantando alegremente pela vida que Aton lhes dera, para que os rebanhos pudessem crescer e os bezerros pudessem agitar suas caudas felizes e satisfeitos. Aton colocou um "Nilo no céu" para os outros povos, de modo que eles também pudessem experimentar a abundância da vida. E Aton organizou o mundo de tal forma que todas as raças e todas as línguas pudessem ter a bênção da vida e da fecundidade, cada uma a seu modo, segundo o desígnio de Aton.

Da mesma forma como se conduzia o rei, comportava-se o reino, na sua ordem e fertilidade. Se o rei era saudável, sexualmente vigoroso, capaz de atender as suas quase sempre inúmeras esposas e concubinas e ter muitos filhos, a terra ficava cheia de vida. Se ele continuava saudável e forte fisicamente, e com a mente alerta, as plantações cresciam; o gado se reproduzia; os mercadores prosperavam; e o povo tinha muitos filhos. Vinham as chuvas e, no Egito, as enchentes fertilizadoras anuais do Nilo.

Na Bíblia, vemos a mesma idéia expressa nas histórias dos reis e patriarcas hebreus. Duas coisas Javé exigiu deles: primeiro, que seguissem os seus caminhos, o equivalente hebreu de estar no Tao; segundo, que eles "fossem férteis e se multiplicassem", que tivessem muitas esposas e muitos filhos. Vemos nas histórias de Abraão, Isaac e Jacó que, se uma esposa era incapaz de lhes dar filhos, ela arranjava uma outra esposa ou concubina para o marido, de modo que ele pudesse continuar a sua função de fertilidade.

Vemos o rei Davi tomando várias mulheres do seu reino e tendo filhos com elas. A idéia é que, se esses homens prosperavam física e psicologicamente, o mesmo acontecia com suas tribos e reinos. O rei mortal, assim diz a mitologia, era a corporificação da energia do Rei. A terra, o seu reino, era a corporificação das energias femininas. Ele era, na verdade, casado simbolicamente com a terra.

Sempre a ação ordenadora/gera dora culminante do rei era casar-se com a terra na forma de sua primeira rainha. Somente em parceria criativa com ela poderia ele garantir toda a espécie de fartura para o seu reino. Era dever do casal real passar as suas energias criativas para o reino sob a forma de filhos. O reino espelhava a capacidade geradora real, que, vamos lembrar, estava no Centro. Como estava o Centro, estava o resto da criação.

Quando o rei adoecia, ficava fraco ou impotente, o reino definhava. Não chovia. As safras diminuíam. O gado não se reproduzia. Os mercadores não vendiam. A seca assolava a terra, e o povo morria. Portanto, o rei era a ligação terrena do Mundo Divino — o mundo da energia do Rei — com este mundo. Era o mediador entre o mortal e o divino, como Harnurabi postado diante de Shamash. Era a artéria central, digamos, que permitia que o sangue da força vital fluísse para dentro do mundo humano. Como ele estava no Centro, de certo modo tudo no reino (devendo-lhe a existência) lhe pertencia — todas as safras, todos os rebanhos, todas as pessoas, todas as mulheres. Teoricamente, porém. O rei mortal Davi se viu em dificuldades com a linda Betsaba. Mas isso nos leva à análise do Rei da Sombra, de que vamos tratar daqui a pouco.

Não era só a fertilidade, no sentido físico imediato, nem a capacidade geradora e criativa em geral, que provinha da segunda função da energia do Rei através da eficácia de antigos reis; era também a bênção. A bênção é um fato psicológico, ou espiritual. O rei bom sempre era o espelho e a confirmação de quem era merecedor. Fazia isso vendo-os — literalmente, nas audiências no palácio; e, psicologicamente, notando e reconhecendo o valor deles. O rei bom sentia prazer em notar e promover os homens bons a posições de responsabilidade. Realizava audiências, não para ser visto (embora isso fosse importante, na medida em que carregava projetada em si a energia interior do arquétipo do próprio povo), mas para ver, admirar e encantar seus súditos, premiá-los e prestar-lhes homenagens.

Existe uma pintura egípcia antiga muito bonita que mostra o faraó Aquenaton de pé no seu balcão real, esplendidamente envolto nos raios de seu deus Pai, Aton, o sol, lançando anéis de ouro aos seus melhores seguidores, aos seus homens mais competentes e leais. À luz da consciência solar masculina, ele conhece seus homens. Reconhece-os e é generoso com eles. Dá-lhes a sua bênção. Ser abençoado nos traz enormes conseqüências psicológicas. Existem até estudos que mostram que acontecem realmente alterações químicas no nosso corpo quando nos sentimos valorizados, elogiados e abençoados.

Os jovens, hoje em dia, estão carentes das bênçãos dos homens mais velhos, das bênçãos da energia do Rei. Por isso é que eles não conseguem, como dizemos, "encontrar-se". Não precisariam fazer isso. Precisam é ser abençoados. Necessitam ser vistos pelo Rei, porque, se o forem, alguma coisa dentro deles vai fazê-los encontrar-se. Esse é o efeito da bênção; ela cura e integra. É o que acontece quando somos vistos, valorizados e concretamente recompensados (com o ouro, talvez, caindo das mãos do faraó) por nossos autênticos talentos e capacidades.

Sem dúvida, muitos reis antigos, como muitos homens em posições de "realeza" hoje em dia, estavam longe da imagem ideal do Rei bom. Mas esse arquétipo central vive independentemente de qualquer um de nós e busca, por nosso intermédio, entrar em nossas vidas para consolidar, criar e abençoar.

Quais são as características do Rei bom? Com base nos antigos mitos e lendas, quais são as qualidades dessa energia masculina amadurecida?

O arquétipo do Rei na sua plenitude possui as características da ordem, do modelo sensato e racional, da integração e integridade na psique masculina. Estabiliza a emoção caótica e os "comportamentos descontrolados". Estabiliza e centraliza. Traz a calma. E na sua característica "fertilizadora" e centrada, transmite vitalidade, energia vital e alegria. Apóia e equilibra. Defende o nosso próprio sentido de ordem interior, a nossa própria integridade e os nossos propósitos, a nossa própria tranqüilidade central quanto ao que somos, e a incontestabilidade e certeza essenciais da nossa identidade masculina. Observa o mundo com olhar firme, porém bondoso. Vê os outros em toda a sua fraqueza, em todo o seu talento e valor. Homenageia-os e promove-os. Cuida deles e os orienta em direção à plenitude do ser. Não é invejoso, porque está seguro, como o Rei, do seu próprio valor.

Recompensa e incentiva a criatividade em nós e nos outros.

Na sua incorporação e manifestação central do Guerreiro, ele representa o poder agressivo quando necessário, quando a ordem é ameaçada. Ele tem também o poder da autoridade interior. Conhece e discerne (o seu aspecto Mago), e se comporta segundo esse conhecimento profundo. Regozija-se conosco e com os outros (o aspecto Amante) e mostra esse prazer em palavras autênticas de louvor e em ações concretas que realçam nossas vidas.

É essa a energia que se manifesta através de um homem quando ele dá os passos psicológicos e financeiros necessários para garantir que sua mulher e seus filhos vivam melhor. É essa energia que incentiva a sua mulher quando ela resolve voltar a estudar e ser advogada. E que se manifesta num pai quando ele deixa o seu trabalho por algumas horas para assistir ao recital de piano do filho. É essa energia que, através do chefe, enfrenta a rebeldia dos seus subordinados sem despedi-los. E que se manifesta no chefe da linha de montagem que é capaz de trabalhar com os alcoólatras e viciados em drogas que estão se recuperando, no seu encargo de apoiar a sobriedade deles e lhes dar a orientação masculina e o cuidado que os fortalecerão.

É essa a energia que se manifesta em você quando você consegue manter a calma quando todo mundo na reunião já a perdeu. É a voz da tranqüilidade e da confiança, da palavra encorajadora numa época de caos e conflitos. É a decisão clara, depois de cuidadosa deliberação, que acaba com a desordem na família, no trabalho, na nação, no mundo. É a energia que busca a paz e a estabilidade, o crescimento ordenado e o cuidado para todas as pessoas — e não somente para todas as pessoas, mas para o meio ambiente, a natureza. O Rei se preocupa com todo o reino e é quem cuida da natureza assim como da sociedade.

É essa energia, revelada nos mitos antigos, do "pastor do seu povo", do "jardineiro", do administrador das plantas e dos animais do reino. É essa voz que afirma com clareza, calma e autoridade, os direitos humanos de todos. É essa energia que minimiza os castigos e maximiza os louvores. É essa voz que vem do Centro, da Montanha Original dentro de cada homem.

O Rei da Sombra: O Tirano e o Covarde

Embora quase todos nós tenhamos vivenciado um pouco dessa energia do masculino amadurecido – talvez em nós mesmos quando nos sentimos bem integrados, calmos e centrados, e eventualmente em nosso pai, num tio ou avô bondoso, num colega de trabalho, num chefe, professor ou pastor – a maioria tem que confessar que em geral experimentou muito pouco da energia do Rei na sua plenitude. Talvez a tenhamos sentido um pouco aqui, outro pouco ali, mas o triste fato é que essa energia positiva, desastrosamente, está faltando na vida da maioria dos homens. O que vivenciamos, principalmente, é o que chamamos de Rei da Sombra.

Como acontece com todos os arquétipos, o Rei apresenta uma estrutura da sombra bipolar passiva-ativa. Chamamos de Covarde o pólo passivo do Rei da Sombra, e de Tirano o pólo ativo.

Podemos ver o Tirano atuando na história cristã do nascimento de Jesus. Logo após o menino Jesus nascer, o Rei Herodes descobre que o bebê nasceu e que está no mundo, no mundo que ele, o rei, controla. Manda os soldados até Belém procurar o novo rei – a nova vida – e matá-lo. Como Jesus é uma

Criança Divina, ele foge a tempo. Mas os soldados de Herodes matam todas as crianças do sexo masculino na cidade. Sempre que o novo nasce dentro de nós, o nosso Herodes interno (e o de nossa vida exterior) ataca. O Tirano odeia, teme e inveja a nova vida, porque esta, ele sente, é uma ameaça ao pouco controle que tem do seu próprio reinado. O rei tirano não está no Centro e não se sente tranqüilo e produtivo. Não é criativo, apenas destrói. Se estivesse seguro da sua própria capacidade geradora e da sua ordem pessoal

interior – as estruturas do Si-mesmo –, reagiria com prazer ao nascimento de uma nova vida no seu reino. Se Herodes fosse um homem assim, teria percebido que chegara a hora de se afastar para que o arquétipo pudesse encarnar no novo rei Jesus Cristo.

Outra história bíblica, a de Saul, trata de um tema semelhante. Saul é um outro rei mortal que se tornou possuído pelo Tirano. A sua reação ao recém-ungido Davi é a mesma de Herodes a Jesus. Reage com medo e raiva, e procura matá-lo. Embora o profeta Samuel lhe tenha dito que Javé não quer mais que ele seja rei – isto é, que encarne a energia do Rei para seus súditos –, o Ego de Saul tornou-se identificado com o arquétipo e se recusa a abandonar o trono. Os tiranos são aqueles que, em posições de realeza (em casa, no trabalho, na Casa Branca, no Kremlim), se identificaram com a energia do Rei e não percebem que não o são.

Outro exemplo, da Antiguidade, é o doi imperador romano Calígula. Ainda que os imperadores antes dele tivessem um poder enorme sobre as pessoas e o Senado de Roma e, pela sua função, sobre todo o mundo mediterrâneo, e se tornassem deuses depois de mortos, Calígula inovou ao se declarar deus ainda na terra. Os detalhes da sua loucura, e dos maus tratos e sadismo que exercia em relação às pessoas que o cercavam, são fascinantes. A obra de Robert Graves, Eu, Claudius,e o seriado feito para a televisão com base nesse livro, é um arrepiante relato do desenvolvimento do Rei da Sombra como Tirano na pessoa de Calígula.

O Tirano explora e maltrata os outros. É cruel, impiedoso e insensível quando está atrás do que considera seu interesse pessoal. A sua forma de degradar os outros não tem limites. Ele odeia toda beleza, toda inocência, toda força, todo talento, toda energia vital. Age assim, como dissemos, porque lhe falta estrutura interior e porque tem medo – terror, realmente – da sua própria fraqueza oculta e da sua impotência latente.

É o Rei da Sombra, como Tirano, que faz o pai entrar em guerra contra a alegria, a força, a capacidade e vitalidade de seus filhos (e de suas filhas). Ele teme a juventude deles, a nova maneira de ser, a vida nova que surge através deles, e quer matar tudo isso. Faz isso nos ataques verbais e na desvalorização dos seus interesses, esperanças e talentos; ou então ignorando suas conquistas, dando as costas aos seus desapontamentos e demonstrando enfado e falta de interesse quando, por exemplo, eles chegam da escola e lhe mostram uma peça de artesanato ou uma boa nota num teste.

Seus ataques podem não se limitar a agressões verbais ou psicológicas; às vezes abrangem os maus-tratos físicos. As palmadas se transformam em surras. E acontecem também as agressões sexuais. O pai possuído pelo Tirano pode explorar sexualmente a fraqueza e vulnerabilidade de suas filhas e até de seus filhos.

Uma jovem veio aconselhar-se porque estava tendo muitos problemas no seu casamento. O que ela descreveu, logo que começou a terapia, foi uma invasão do seu lar pelo Rei Tirano, no seu aspecto sexualmente maligno. Aos doze anos de idade, mais ou menos, o pai abandonou-a com a mãe e a irmã, e foi viver com outra mulher. O marido dessa mulher foi então morar com elas. Ele não gostou da nova "esposa" e botou logo os olhos na beleza e vulnerabilidade da enteada. Começou exigindo que ela dormisse com ele, no início apenas deitando-se ao seu lado na cama à noite. Depois passou a exigir que ela o masturbasse, e ele ejaculava nuns panos que deixava ao lado da cama. Finalmente, obrigou-a a ter relações sexuais com ele, sob a ameaça de que se ela não concordasse ele as deixaria e elas não teriam a quem recorrer para obter o seu sustento. A mãe da jovem nunca fez um gesto para impedir esse terrível abuso, e de manhã, tratava de limpar debaixo do colchão, onde na noite anterior haviam sido enfiados os panos sujos.

Na história do rei Davi e Betsabá, esta era esposa de outro homem, Urias, o hitita. Um dia, Davi caminhava pelo telhado do seu palácio quando viu Betsabá tomando banho, Ficou tão excitado com a

visão que mandou chamá-la e a obrigou a ter relações sexuais com ele. Teoricamente, lembrem-se, todas as mulheres do reino pertenciam ao rei. Mas elas pertenciam ao arquétipo do Rei, não ao rei mortal. Inconscientemente, Davi identificou-se com a energia e não só tomou Betsabã como mandou matar o marido desta, Urias. Felizmente para o reino, Davi tinha uma consciência na pessoa de Natan, o profeta, que se dirigiu a ele e o acusou. Davi, crédito lhe seja dado, aceitou a veracidade da acusação e se arrependeu.

O Rei Tirano manifesta-se em todos nós uma vez ou outra, quando nos sentimos pressionados até o limite, quando estamos exaustos, quando estamos ficando inflados. Mas podemos vê-lo agindo a maior parte do tempo em certas configurações da personalidade, mais notadamente nos chamados distúrbios narcísicos. Essas pessoas realmente acham que são o centro do universo (embora elas mesmas não estejam centradas) e que os outros existem para servi-las. Em vez de espelhar os outros, elas querem que os outros as espelhem. Em vez de ver, querem ser vistas.

Podemos também observar o Rei Tirano agindo em certas formas de vida, até em certas "profissões". Os grandes traficantes de drogas, os cafetões, os chefões da máfia são exemplos; eles existem para promover o seu próprio status, pensam no próprio bem-estar pessoal, à custa dos outros. Mas também, vemos esse interesse pessoal em funções sancionadas pela sociedade. Quem faz as entrevistas numa firma deveria estabelece r um diálogo com você procurando saber a sua experiência, treinamento, o que espera de si mesmo e da companhia a que está pretendendo servir. Em vez disso, ele passa o tempo todo falando dele mesmo e das realizações dele, do poder dele, do salário dele, e das virtudes da companhia dele, e nunca faz perguntas sobre você.

Muita gente nos Estados Unidos empresarial hoje em dia não está absolutamente interessada nas companhias onde trabalha. Está apenas "girando o moinho", procurando um jeito de subir ou cair fora. Entre essas pessoas encontram-se os executivos que estão mais interessados em promover a própria carreira do que em ser bons administradores do "reino" colocado sob a sua autoridade. Não são verdadeiramente dedicados nem leais à companhia, só a si mesmos. É o presidente que negocia, em seu próprio benefício financeiro, a venda da empresa, para vê-la desmembrada e impotente, que quer ver seus amigos e leais funcionários despedidos como excesso de bagagem, na venda do controle acionário, tão comum hoje.

O homem possuído pelo Tirano é muito sensível às críticas e, mesmo armando-se de uma aparência ameaçadora, diante da menor observação sente-se fraco e esvaziado. Mas não demonstra. O que se vê, a não ser que se saiba o que procurar, é raiva. Sob essa raiva, porém, existe um sentimento de insignificância, de vulnerabilidade e fragilidade, pois atrás do Tirano está o outro pólo do sistema bipolar da sombra do Rei, o Covarde. Se não pode ser identificado com a energia do Rei, ele acha que não é nada.

A presença oculta desse pólo passivo explica a ânsia pelo espelhamento — pelo "Adorem-me!", "Vejam como sou importante!" — que sentimos em tantos chefes e amigos. Ela explica as explosões iradas e os ataques às pessoas que eles consideram fracas, isto é, aquelas em que projetam o seu próprio Covarde interior. O general Patton, com todas as suas virtudes, evidentemente no fundo tinha medo da sua própria fraqueza e covardia. No filme Patton, isso se revela quando ele está visitando um hospital de campanha durante a Segunda Guerra Mundial. Ele vai de leito em leito, cumprimentando os feridos e distribuindo medalhas (o que o Rei na sua plenitude faz). Mas aí ele chega perto da cama de um neurótico de guerra, pergunta- lhe qual o seu problema, e o soldado responde que seus nervos estão em frangalhos. Em vez de reagir com a compaixão do Rei vivificador, que sabe o que seus homens estão passando, Patton parte para cima do outro, irado, esbofeteia lhe o rosto, chama-o de covarde, humilha-o, ofende-lhe e manda-o de volta à frente de batalha. Embora ele não saiba, o que viu foi o rosto do seu próprio medo e fraqueza ocultos projetados no outro. Teve a visão do Covarde interior.

Falta ao homem possuído pelo Covarde a centralização, a calma e a segurança interior, o que também o leva à paranóia. Observamos isso em Herodes, Saul e Calígula, quando, incapazes de dormir à noite, andam pelo palácio, atormentados pelo medo da deslealdade de seus súditos — no caso de Saul, até de seus filhos — e da desaprovação de Deus, o Verdadeiro Rei. O homem possuído pelo Rei da Sombra bipolar tem muito a temer, de fato, porque o seu comportamento opressivo, muitas vezes cruel, pede que lhe paguem na mesma moeda. Achamos graça da expressão "Só porque é paranóico não significa que eles não estejam atrás de você". Talvez estejam. Uma atitude paranóica defensiva e hostil, de "pegue-os antes que eles peguem você" acaba com o senso pessoal de ordem e tranqüilidade, vai destruindo o caráter da pessoa e dos outros, e convida à retaliação.

Um pastor começou a fazer análise logo depois de uma crise na sua igreja. Havia se formado um grupo de dissidentes imprestáveis, um bando de delinqüentes espirituais e psicológicos, que por seus próprios motivos invejosos estavam dispostos a destruir o seu pastor. O líder era um homem que ouvira claramente Deus falando com ele uma noite e que sonhou que o pastor estava planejando matá-lo por trabalhar contra ele. Paranóia pega. A do instigador desse "golpe palaciano" importunou tanto o pastor dia e noite com telefonemas, cartas de ódio com ameaças diretas, explosões iradas no meio dos sermões e discursos nas reuniões da igreja enumerando os seus supostos fracassos, que o pastor, não consolidado no seu relacionamento com a energia do Rei, pouco a pouco foi caindo em poder do Tirano/Covarde. Foi ficando cada vez mais tirânico e ditatorial com a política da igreja, arrogando-se mais e mais poder, e começou a usar táticas escusas contra seus "inimigos" para afastá-los da igreja. Ao mesmo tempo, era perturbado por pesadelos horríveis, que, noite após noite, revelavam-lhe os seus próprios medos e fraquezas subjacentes. A paranóia mútua deu o seu fruto nocivo, e tanto o pastor como a congregação acabaram num mundo de confusões e subterfúgios, totalmente afastado dos valores espirituais que tinha querido ensinar com tanto amor — outra vitória do Rei da Sombra.

É fácil ver a relação do Tirano com o Tirano da Cadeirinha Alta, surgindo desse modelo infantil. A grandiosidade da Criança Divina é, de certo modo, normal. É próprio dela, como do Menino Jesus, querer e precisar ser adorado, até pelos reis. O que os pais precisam fazer, e isso é muito difícil, é proporcionar à Criança Divina de seus próprios filhos a quantidade certa de adoração e afirmação, de modo a deixarem seus filhos humanos descerem da "cadeirinha" facilmente, entrando aos poucos no mundo real, onde os deuses não podem viver como seres humanos mortais. Os pais precisam ajudar seus bebês humanos a aprender gradativamente a não se identificar com a Criança Divina. O menino pode resistir a ser destronado, mas os pais devem perseverar, elogiando-o e "baixando-lhe a crista" alternadamente.

Se eles o adoram demais e não ajudam o Ego do menino a se formar fora do arquétipo, talvez ele jamais desça da sua cadeirinha. Inflado com o poder do Tirano da Cadeirinha Alta, ele simplesmente entra na idade adulta achando que é "César". Se desafiamos alguém assim e lhe dizemos: "Meu Deus, você acha que é o dono do mundo!", é bem provável que ele responda: "É? E daí?" Essa é uma das maneiras como se forma o Rei da Sombra nos homens. A outra maneira é quando os pais maltratam o menino e atacam a sua grandiosidade e glória desde o início. A grandiosidade da Criança Divina/Tirano da Cadeirinha Alta sofre uma cisão e cai em custódia no inconsciente do menino. Este, conseqüentemente, cai em poder do Príncipe Covarde. Mais tarde, quando ele é "adulto" e agindo principalmente sob o domínio do Covarde, sob as enormes pressões do mundo adulto, a sua grandiosidade reprimida pode irromper à superfície, em estado totalmente bruto e primitivo, totalmente não regulado e muito forte. Esse é homem que parece ter a cabeça fria, ser racional e "simpático", porém uma vez promovido torna-se de uma hora para a outra "uma pessoa diferente", um pequeno Hitler. É o homem para quem a frase "O poder corrompe;

o poder absoluto corrompe absolutamente" é exata.

O Acesso ao Rei

A primeira tarefa para os supostos "reis" humanos terem acesso à energia do Rei é a desidentificação de nossos Egos em relação a ela. Precisamos alcançar o que os psicólogos chamam de distância cognitiva do Rei tanto na sua plenitude integrada como nas suas formas partidas bipolares da sombra. Ao contrário da inflação e da grandiosidade, a grandeza realista na vida adulta implica reconhecer o nosso relacionamento adequado com essa e outras energias masculinas amadurecidas. Esse relacionamento é como o do planeta com a sua estrela. Ele não é o centro do sistema estelar; ela, sim. A função do planeta é manter uma distância orbital adequada da estrela vivificante, mas potencialmente mortífera, de forma a intensificar a sua própria vida e bem-estar. A vida do planeta deriva da estrela, por isso ele a tem como um objeto transpessoal de "adoração". Ou, para usar uma outra imagem, o Ego do homem maduro precisa pensar em si mesmo — não importa o status ou poder que tenha alcançado temporariamente — como o servo de uma Vontade ou Causa transpessoal. Precisa pensar em si mesmo como o atendente das energias do Rei, não em benefício próprio, mas em benefício dos elementos interiores do seu "reino", sejam eles quais forem.

Há duas maneiras de se ver as diferenças entre os pólos "ativo" e "passivo" no sistema bipolar das sombras dos arquétipos. Como vimos, uma forma é considerar as estruturas arquetípicas como triangulares ou trinas. A outra é falar sobre a identificação ou desidentificação do Ego do arquétipo na sua plenitude. No caso da identificação, a conseqüência é o Ego inflado, acompanhado pela fixação em níveis infantis do desenvolvimento. No caso da extrema desidentificação, o Ego se sente privado do acesso ao arquétipo. Está, na verdade, preso no pólo passivo da Sombra disfuncional do Rei. O Ego se sente faminto da energia do Rei. Esse sentimento de privação e falta de "propriedade" das fontes e dos estímulos poder são sempre característicos dos pólos passivos dos arquétipos.

O Rei da Sombra, como Tirano, surgindo, segundo essa perspectiva, quando o Ego está identificado com a energia do Rei, não tem compromissos transpessoais. Ele é a sua própria prioridade. Porque o Ego de um homem não foi capaz de manter-se na sua órbita adequada, caiu no sol do arquétipo, ou se aproximou tanto que liberou – como vemos nos sistemas de estrelas duplas – enormes quantidades de gases em ignição e ficou carbonizado. Toda a psique se desestabiliza. O planeta finge ser uma estrela. O verdadeiro Centro do sistema se perde. Isso é o que estamos chamando de "síndrome de usurpação". O Ego usurpa o lugar e o poder do Rei. É a rebelião mitológica celeste, descrita em tantos mitos, quando um deus presunçoso tenta roubar o trono do Deus Supremo. (Lembramo-nos do mito de Satanás tentando derrubar Deus.)

O outro problema no acesso a essa energia, achamos nós, surge quando perdemos totalmente o contato efetivo com o Rei vivificante (por engano, como se fica sabendo). Nesse caso, podemos cair na categoria dos chamados distúrbios de personalidade dependente, um estado em que projetamos a energia do Rei interior (que não sentimos dentro de nós) em outra pessoa. Sentimo-nos impotentes, incapazes de agir, incapazes de experimentar tranqüilidade e estabilidade, sem a presença e a atenção amorosa da outra pessoa que está carregando a nossa projeção da energia do Rei. Isso acontece nos sistemas familiares quando os maridos ficam muito atentos aos humores das esposas e temem tomar a iniciativa, por causa dos ataques irados que suas atitudes podem provocar. Acontece, também, com as crianças, quando os pais não permitem que elas desenvolvam suficiente independência de vontade, gosto e propósitos, e elas permanecem debaixo das asas deles.

Nas nossas situações de trabalho, isso se dá quando nos tornamos muito dependentes do poder e

dos caprichos do chefe, ou quando sentimos que não ousamos dar um espirro perto dos nossos colegas de trabalho. Acontece também na escala mais ampla das nações, quando o povo, considerando-se camponês, inverte toda a sua energia do Rei interior para o "Führer". Essa "síndrome da abdicação", marca registrada do Covarde, é tão desastrosa quanto a síndrome de usurpação.

Um exemplo das conseqüências nefastas da síndrome da abdicação em grande escala é o incidente ocorrido na planície de Otumba, perto do que hoje é a Cidade do México, durante a conquista de Cortez. Ele e seus homens haviam fugido de Tenochtitlán (cidade do México) no meio da noite, seis dias antes, sob o ataque maciço do exército mexicano. Ao amanhecer do sétimo dia, que sobrou do exército exausto e amedrontado de Cortez viu na planície de Otumba o enorme número de guerreiros mexicanos vindo ao encontro deles. O destino dos espanhóis parecia certo. Mas, durante a batalha que se seguiu, Cortez localizou a bandeira do comandante mexicano. Desesperado, sabendo que as vidas deles dependiam disso, Cortez investiu, deixando atrás de si um rastro de cadáveres de soldados inimigos. Quando afinal alcançou o comandante mexicano, matou-o de um só golpe. Imediatamente, para espanto dos espanhóis, os mexicanos entraram em pânico e fugiram.

Os espanhóis saíram atrás deles e mataram muitos. O que aconteceu, que virou a maré do combate de forma tão milagrosa, foi que os guerreiros mexicanos viram seu comandante morrer. Tinham investido esse homem com o poder concentrado da energia do Rei, e quando ele morreu, acreditaram que a energia arquetípica os havia abandonado. O sentimento latente de falta de poder veio à tona com a morte de seu líder, e eles cederam à impotência e ao caos. Se os guerreiros mexicanos tivessem percebido que a energia do Rei estava dentro deles, o México talvez jamais tivesse sido conquistado.

Quando perdemos o contato com o nosso Rei interior e conferimos o poder sobre nossas vidas a outras pessoas, podemos estar cortejando a catástrofe numa escala maior do que a pessoal. Aqueles que coroamos como nossos reis podem levar-nos a batalhas perdidas, a maus-tratos das nossas famílias, ao assassinato em massa, aos horrores de uma Alemanha nazista, ou de uma Jonestown. Ou então podem simplesmente abandonar-nos com as nossas próprias fraquezas ocultas.

Mas, quando temos acesso corretamente à energia do Rei, como servos do nosso Rei interior pessoal, manifestamos em nossas próprias vidas as qualidades do Rei bom e justo, o Rei em sua plenitude. Nossos soldados mercenários se ajoelham, como devem fazer, diante do imperador chinês interior. Sentimos o nível de ansiedade baixar. Sentimo-nos centrados e calmos, e ouvímo-nos falar com uma autoridade que vem de dentro. Somos capazes de espelhar e abençoar a nós mesmos e aos outros. Conseguimos preocupar-nos com as outras pessoas profunda e autenticamente. "Reconhecemos" os outros; olhamos para eles como as pessoas inteiras que realmente são. E temos o sentimento de ser um participante centrado na criação de um mundo mais justo, calmo e criativo. Temos uma devoção transpessoal, não apenas em relação às nossas famílias, nossos amigos, nossas empresas, causas, religiões, mas também em relação ao mundo. Temos uma espécie de espiritualidade, e conhecemos o significado do mandamento central em torno do qual a vida humana parece estar fundamentada ; "Amarás ao Senhor teu Deus (leia-se "o Rei") com todo o teu coração, com toda a tua alma e com toda a tua força. E ao teu semelhante como a ti mesmo."

CAPÍTULO SEIS
O Guerreiro

Vivemos numa época em que as pessoas sentem-se, em geral, constrangidas com a forma do Guerreiro da energia masculina — e com razão. As mulheres, especialmente, se sentem intranqüilas, porque têm sido com freqüência as vítimas; mais diretas da sua Sombra. Em todo o planeta, as guerras neste século atingiram proporções tão amplas e monstruosas que a energia agressiva em si é vista com profundo temor e desconfiança. Essa era é, no Ocidente, a era do "masculino suave", e é uma época em que as feministas radicais erguem suas vozes hostis e veementes contra a energia do Guerreiro. Nas igrejas liberais, comissões retiram dos hinários hinos "guerreiros" como "Avante, soldados de Cristo" e o "Hino da Batalha da República".

É interessante observar, contudo, que aqueles mesmos que no seu zelo cortariam pela raiz a agressividade masculina caem em poder desse arquétipo. Não podemos simplesmente votar a demissão do Guerreiro. Como todos os arquétipos, ele continua vivo, apesar de todas as nossas atitudes conscientes em contrário. E como todos os arquétipos reprimidos, ele segue oculto, para acabar ressurgindo em forma de violência física e emocional, como um vulcão adormecido há séculos, com a pressão do magma aumentado gradualmente. Se o Guerreiro é uma forma de energia instintiva, ela veio para ficar. E vale a pena encará-la.

Jane Goodall, que viveu com tribos de chimpanzés vários anos na África (os chimpanzés são, geneticamente, 98% iguais a nós) relatou primeiro que eles eram amorosos, pacíficos e dóceis. O relatório foi um sucesso nos anos 60, quando milhões de pessoas no Ocidente procuravam entender por que as guerras constituem um passatempo que parece atrair tanto os seres humanos, a fim de achar um outro meio de resolver as grandes disputas. Alguns anos depois do seu primeiro relatório, porém, Jane Goodall revelou novos dados que indicavam que havia muito mais coisas do que ela havia pensado inicialmente. Ela descobriu a guerra, o infanticídio, crianças maltratadas, raptos, roubos e assassinatos entre os seus "pacíficos" chimpanzés. Robert Ardrey, em dois livros polêmicos, African génesis e The territorial imperative, afirmou da maneira mais direta possível que os seres humanos são governados por instintos, os mesmos que governam os sentimentos e comportamentos dos outros animais: o de luta não é o menos importante. Além disso, os estudos mais atuais no campo da etologia primata revelam a presença da ampla variedade de comportamentos humanos nesses nossos parentes próximos, pelo menos em linhas gerais.

O que faz executivos e corretores de seguro se enfiarem no meio do mato nos finais de semana para jogos de guerra, esconder-se entre as arvores, organizar ataques com armas de tinta, praticar exercícios de sobrevivência, brincar de ficar à beira do perigo ou da morte, treinar estratégias, "matar-se" uns aos outros? Qual a forma de energia que se oculta por trás das gangues das cidades, organizadas de acordo com modelos paramilitares? O que responde pela popularidade de Rambo, de Arnold Schwarzenegger, de filmes de guerra como Apocalipse (Apocalypse Now), Platoon, Nascido para matar (Full-metal jackei) e muitos, muitos mais? Podemos deplorar a violência nesses filmes, bem como nas telas das nossas televisões, mas, obviamente, o Guerreiro ainda continua muito vivo dentro de nós.

Basta dar uma olhada na história da nossa espécie, uma história definida em grande parte pela guerra. Vemos a tradição do grande Guerreiro em quase todas as civilizações. Neste século, o globo inteiro foi sacudido por duas guerras mundiais. A terceira, apesar do degelo entre o Leste e o Oeste, continua pendendo sobre nossas cabeças. Alguma coisa está acontecendo por aqui. Certos psicólogos consideram a agressividade humana oriunda da raiva infantil, a reação natural da criança ao que Alice Miller chamou de

"pedagogia venenosa", os maus-tratos aos pequeninos, meninos e meninas, em grande escala.

Acreditamos que há muita verdade nisso, especialmente à luz da supremacia do que vamos chamar de Guerreiro da Sombra. Mas achamos que não basta simplesmente identificar o Guerreiro com a raiva humana — ao contrário. Também acreditamos que essa forma de energia basicamente masculina (há também tradições e mitos do Guerreiro feminino) persiste porque é um dos blocos fundamentais da construção da psicologia masculina, quase certamente enraizados em nossos genes.

Quando examinamos de perto as tradições do Guerreiro, podemos ver o que elas realizaram na História. Por exemplo, os antigos egípcios foram, durante séculos, um povo muito pacífico, basicamente tranqüilo. Estavam seguros no seu vale do Nilo, isolados de quaisquer inimigos em potencial; estes eram mantidos à distância pelo deserto circundante e pelo mar Mediterrâneo ao norte. Foram capazes de construir uma sociedade notavelmente estável. Acreditavam na harmonia entre todas as coisas, num Cosmo ordenado por Maat. Mas, por volta de 1800 a.C, foram invadidos através do delta do Nilo por bandos de ferozes tribos semitas, os hicsos. Esses guerreiros tinham cavalos e carroças — naqueles dias, máquinas de guerra eficientes e devastadoras. Dominar aquele povo desacostumado com tanta agressividade foi fácil. Os hicsos acabaram conquistando grande parte do Egito e o governaram com pulso de ferro.

No século XVI a.C., os egípcios, endurecidos, finalmente revidaram. Novos faraós vieram do Sul unir suas energias do Rei nativas à recém-descoberta energia do Guerreiro. Dirigiram-se ao Norte com enorme ferocidade. Não só esmagaram o poder hicso e colocaram o Egito novamente em mãos egípcias, como continuaram subindo em direção à Palestina e a Ásia e construíram um vasto império. Ao fazê-lo, espalharam a civilização egípcia — arte, religião e idéias — por uma área enorme. Com suas conquistas, os grandes faraós Thutmós III e Ramsés II recuperaram o Egito e também levaram o que havia de melhor da sua cultura a um mundo mais amplo. Foi graças à descoberta do Guerreiro dentro deles que a ética e a moral egípcias, bem como idéias religiosas fundamentais como o julgamento após a morte e um paraíso além-túmulo, onde as almas justas se uniram a Deus, tornaram-se parte do nosso próprio sistema espiritual e ético ocidental. Pode-se contar uma história semelhante sobre as civilizações da Mesopotâmia, que também transmitiram às futuras civilizações, através da energização do Guerreiro, importantes idéias e conhecimentos humanos.

Na índia, a classe dos guerreiros, os Ksbatriya, conquistou e estabilizou o subcontinente indiano, e fixou as condições para o país se tornar centro espiritual do mundo. Seus primos do Norte, na Pérsia — os reis-guerreiros de Zoroastro — espalharam a própria religião por todo o Oriente Próximo. Essa religião causou um profundo impacto no surgimento do moderno judaísmo e cristianismo, e também na visão de mundo básica e em muitos dos valores que informam e moldam até o nosso mundo pós-religioso. E, através da civilização ocidental, como se sabe, os ensinamentos de Zoroastro, com algumas modificações, circulam por todo o planeta e afetam a vida das aldeias e a moral pessoal até nos Mares do Sul.

Os hebreus bíblicos eram socialmente um povo guerreiro e seguidores de um Deus guerreiro, o Deus das escrituras hebraicas, Javé. Sob o rei-guerreiro Davi, os benefícios dessa nova religião, inclusive o seu avançado sistema ético baseado nas virtudes desse arquétipo, se consolidaram. Através do cristianismo, fortemente fundamentado na sua herança hebraica, muitas dessas idéias e valores dos hebreus acabaram sendo levados pelas classes guerreiras européias para os quatro cantos do mundo.

Os imperadores-guerreiros romanos, como o culto filósofo e moralista Marco Aurélio (161-180 d.C.), preservaram a civilização mediterrânea da influência das tribos germânicas o tempo suficiente para que estas se tornassem semi-civilizadas antes de finalmente conseguirem invadir o Império e reescrever toda a história ocidental, uma história que a partir do século XV torna-se cada vez mais a história do mundo.

Não esqueçamos o pequeno bando de espartanos — guerreiros gregos, por excelência — que nas Termópilas, em 480 a.C, derrotaram a invasão da Europa pelos persas e salvaram os florescentes ideais democráticos europeus.

Na América do Norte, os índios viviam e morriam com a energia do Guerreiro, influenciando até mesmo os seus atos mais insignificantes. Viviam suas vidas com nobreza e coragem e eram capazes de suportar grandes dores e sofrimentos, defendendo seu povo do inimigo avassalador (o invasor branco) e entrando nas batalhas com o grito "Hoje é um bom dia para morrer!"

Talvez devamos encarar sem preconceitos os grandes guerreiros do século XX, entre eles os generais Patton e MacArthur, grandes estrategistas, homens de muita coragem, dedicados a causas maiores do que a sua própria sobrevivência pessoal. E talvez precisemos reavaliar a grande tradição samurai dos japoneses e dos homens ascetas, disciplinados e absolutamente leais que construíram a nação japonesa, garantiram a sobrevivência da sua cultura e hoje conquistam de terno e gravata o planeta.

A energia guerreira, portanto, não importa o que mais ela possa ser, esta presente em todos nós, homens, e na civilização que criamos, defendemos e ampliamos. É um ingrediente vital na nossa construção de mundo e desempenha um importante papel na extensão dos benefícios das superiores virtudes humanas e das conquistas culturais a toda a humanidade.

É verdade também que muitas vezes essa energia do Guerreiro se desvia. Quando isso acontece, os resultados são arrasadores. Mas ainda temos de nos perguntar: por que ela está tão presente dentro de nós? Qual é a função do Guerreiro na evolução da vida humana, e qual o seu objetivo nas psiques dos homens, individualmente? Quais as características positivas desse arquétipo? E como podem ajudar a nós, homens, na nossa vida pessoal e no nosso trabalho?

O Guerreiro na Sua Plenitude

As características do Guerreiro na sua plenitude significam todo um estilo de vida, o que os samurais chamam de do. São o Dharma, o Maat ou o Tao do Guerreiro, um caminho espiritual ou psicológico na vida.

Já mencionamos a agressividade como uma das características desse arquétipo. Ela é uma atitude em relação à vida que estimula, energiza e motiva. Força-nos a tornar a ofensiva e sair da posição de "defesa" ou "manutenção de posição" diante das tarefas e dos problemas que surgem na vida. O conselho do samurai é sempre "saltar" para o confronto, com todo o potencial do KÍ, ou "energia vital", disponível. A tradição guerreira japonesa afirma que só há uma posição na qual enfrentar a batalha da vida: frontalmente. E que também só há uma direção: para a frente.

Na famosa cena de abertura de Patton, o general, com todos os acessórios de guerra, os revólveres de cabo de madrepérola nos quadris, está fazendo um discurso para motivar o seu exército.

Avisa às tropas que não está interessado em que mantenham suas posições. Diz: "Não quero receber mensagens dizendo que estamos mantendo nossas posições. [...] Estamos avançando constantemente. [...] Não temos interesse em nos manter agarrados a coisa alguma — exceto ao inimigo! Vamos agarrá-lo pelo pescoço e lhe dar um chute no traseiro! Não vamos dar mole! Vamos acabar com ele!" A agressividade adequada, na hora certa — nas circunstâncias estrategicamente vantajosas para o que se pretende —, já é meia batalha ganha.

Como o Guerreiro sabe qual a agressividade apropriada para aquele momento? Através da clareza de pensamento, do discernimento. O Guerreiro está sempre alerta. Sempre desperto. Não passa a vida dormindo. Sabe concentrar mente e corpo. É o que o samurai chamava de "atento". É o "caçador" na tradição indígena americana, Como diz Dom Juan, o índio feiticeiro-guerreiro yaqui, no livro de Carlos Castaneda Viagem a Ixtlan: o guerreiro sabe o que quer, e sabe como consegui-lo.

Como uma função da sua clareza mental, ele é estratégico e tático. É capaz de avaliar com exatidão as circunstâncias e depois se adaptar à situação.

Um exemplo disso é o fenômeno das guerrilhas, uma tradição antiga, mas que vem sendo muito usada desde o século XVIII. Os colonos rebeldes americanos adotaram essa técnica na Guerra da Independência. Os comunistas na China, e mais tarde no Vietnã, sob a orientação do mestre estrategista Ho Chi Minh, usaram-na com espantoso sucesso para derrotar as operações militares menos ágeis de seus inimigos. Mais recentemente, a resistência afegã usou essa estratégia para expulsar o exército soviético do seu país. O Guerreiro sabe quando tem força para derrotar seu adversário com meios convencionais e quando deve adotar um outro tipo de estratégia. Ele avalia com precisão a sua própria força e habilidade. Se achar que um ataque frontal não resolve, desvia-se do adversário, localiza o ponto fraco dele e "salta" para a luta. É a diferença que existe entre o Guerreiro e o Herói. Este, como dissemos, não conhece suas limitações; é um romântico no que se refere a sua invulnerabilidade. O Guerreiro, no entanto, com a sua clareza de pensamento avalia de forma realista as suas limitações e o que é capaz de fazer em determinada situação.

Na Bíblia, o rei Davi, lutando contra a supremacia dos exércitos de Saul, evita primeiro o confronto direto com as tropas, permitindo que o outro se canse de persegui-lo. Ele e seu bando maltrapilho são guerrilheiros, pessoas que vivem da terra e se movimentam rápido. Depois, avaliando claramente a situação, Davi foge do reino de Saul e vai procurar o rei dos filisteus. Assim, com a força de centenas de filisteus na retaguarda, ele se coloca em posição de dar um xeque-mate no adversário. Em seguida, novamente avaliando com precisão a situação, volta, reúne seu próprio exército e espera a queda de Saul. Às vezes, a máxima "Avante, sempre avante!" significa mudar de tática. Significa uma flexibilidade de estratégia que vem de uma avaliação aguçada.

A arte de esgrimir moderna usa esse tipo de flexibilidade. O esgrimista não treina apenas o corpo, treina também a mente. Aprende a pensar com rapidez, a procurar os pontos fracos nas atitudes e investidas do adversário; e depois se desvia, atava e marca seus pontos. Um jovem universitário disse que, depois que começou a ter aulas de esgrima, seu desempenho em sala de aula mudou. Era capaz de identificar, com a rapidez de um relâmpago, os principais assuntos de uma aula complexa, avaliar as deficiências nos argumentos de defesa, desafiar as afirmações com uma lucidez e autoconfiança que antes não tinha, e forçar seus professores e colegas a ser coerentes ou parar de discutir. Agora sabia o que queria aprender. E sabia como conseguir isso.

Todas as tradições do Guerreiro afirmam que, além do treinamento, o que permite a um Guerreiro alcançar a clareza de pensamento é viver consciente da iminência da própria morte. Ele sabe que a vida é frágil e curta. Um homem sob a orientação do Guerreiro sabe que seus dias estão contados. Em vez de deprimi-lo, essa consciência faz com que haja um grande fluxo de energia vital e o leva a vivenciar intensamente a sua vida, de uma forma que só ele conhece. Cada ato é importante. Cada ação é realizada como se fosse a última. Os espadachins samurais aprendiam a viver como se já estivessem mortos. O Dom Juan de Castaneda ensinou que "não há tempo" para mais nada senão atos significativos, se vivemos com a morte como "nossa companheira".

Não há tempo para hesitações. Esse senso da iminência da morte energiza o homem que busca o Guerreiro para tomar uma decisão. Isso significa que ele quer viver. Jamais se abstrai da vida. Não "pensa demais", porque pensar muito leva à dúvida, e esta à hesitação, que conduz à inércia. A inércia pode causar a perda da batalha. O homem Guerreiro evita a inibição, como costumamos definir. Suas ações tornam-se uma segunda natureza. Tornam-se ações reflexas inconscientes. Mas são ações para as quais ele se treinou por meio do exercício de uma enorme autodisciplina. Assim são os fuzileiros navais. Um bom

fuzileiro naval é capaz de tomar decisões rápidas e agir com determinação.

Juntamente com a agressividade, a lucidez e a consciência da própria morte, o treinamento está envolvido na ação decidida. A energia do Guerreiro preocupa-se com a habilidade, o poder e a exatidão, e com o controle interno e externo, físico e psicológico. Preocupa-se em treinar os homens para que sejam "tudo que possam ser" — em pensamentos, sentimentos, palavras e ações. Ao contrario das ações do Herói, as do Guerreiro nunca são exageradas, dramáticas. O Guerreiro nunca age para provar a si mesmo que é tão forte quanto pensa ser. Não gasta mais energia do que o necessário. E não fala muito. O personagem de Yul Brinner no filme Sete homens e um destino (The magnificent seveti) é um exemplo de autocontrole adquirido por meio de treinamento. Fala pouco, movimenta-se com o controle físico de um predador, ataca apenas o inimigo e tem absoluto domínio da técnica da sua profissão. Esse é outro aspecto do interesse do Guerreiro pela habilidade o domínio da tecnologia que lhe permite atingir o seu objetivo. Tornou-se um perito nas "armas" que usa para executar suas decisões.

O seu controle é, antes de tudo, sobre a mente e as atitudes; se estas estiverem corretas, o corpo acompanha. O homem que tem acesso ao arquétipo do Guerreiro possui "pensament o positivo", como se diz nos cursos para vendedores. Isso significa que ele tem espírito invencível, grande coragem, que ele não tem medo, que assume a responsabilidade por seus atos e que tem autodisciplina. Disciplina significa que ele possui o rigor para desenvolver o controle e o domínio sobre a sua mente e o seu corpo, e que é capaz de suportar a dor, tanto psicológica como física. Está disposto a sofrer para conseguir o que quer. Com "suor e lágrimas", como dizemos. Se você é, literalmente, um caçador agachado há horas na mesma posição no frio da madrugada do Kalahari esperando pela presa, ou um atleta disputando o triatlon, um estudante de medicina, um executivo enfrentando os ataques dos membros do conselho, ou um marido tentando resolver seus problemas com a mulher, sabe que a disciplina mental, e talvez física, é indispensável.

A energia do Guerreiro também mostra o que chamamos de compromisso transpessoal. Sua lealdade é para com algo — uma causa, um deus, um povo, uma tarefa, uma nação — maior do que o indivíduo, embora essa lealdade transpessoal possa concentrar-se numa pessoa importante, como um rei. Nas lendas arturianas, lancelot, ainda que ardorosamente dedicado a Artur e Guínevere, está basicamente comprometido com o ideal da cavalaria e com o que existe por trás das nobres aventuras, do "poder pela justiça e da liberdade para os oprimidos. É claro, amando Guinevere, Lancelot inconscientemente age de forma a destruir o objeto do seu compromisso transpessoal, Camelot. Mas isso porque ele encontrou o alvo paradoxalmente pessoal e transpessoal do amor romântico. Nessa ocasião, já perdeu o acesso às energias do Guerreiro e deixou de ser um cavaleiro.

Esse compromisso transpessoal revela várias características da energia do Guerreiro. Primeiro, torna relativos todos os outros relacionamentos, isto é, torna-os menos centrais do que o compromisso transpessoal. A psique do homem que está tendo acesso adequadamente ao Guerreiro organiza-se em torno do seu compromisso central. Esse compromisso elimina uma boa parte das mesquinharias humanas. Viver à luz de ideais elevados e realidade espiritualizadas como Deus, democracia, comunismo, liberdade ou qualquer outro compromisso transpessoal digno, altera de tal forma o enfoque da vida de um homem que as disputas mesquinhas e as preocupações do Ego deixam de ter tanta importância.

Há uma história sobre um samurai ligado à casa de um grande senhor que foi morto por um homem de uma casa rival. O samurai jura vingar a sua morte. Depois de perseguir o assassino durante um tempo, depois de grandes sacrifícios pessoais e provações, e depois de enfrentar muitos perigos, o samurai encontra-o. Mas, nesse momento, o assassino cospe no seu rosto. O samurai recua, guarda a espada, vira as costas e vai embora. Por quê?

Por que se zangou? Poderia ter matado o assassino naquele instante, com raiva, mas não seria pelo compromisso com o ideal representado pelo seu senhor. A sua atitude de executar o homem teria serem no seu Ego e nos seus próprios sentimentos, não no Guerreiro interior. Para ser fiel à sua vocação guerreira, ele teve que se afastar e deixar o assassino viver.

A lealdade do Guerreiro e o seu senso de dever, portanto, estão acima dele mesmo e das suas preocupações pessoais. A lealdade do Herói, como vimos, é consigo mesmo — para impressionar a si próprio e aos outros. Nesse sentido, também, o homem que tem acesso ao Guerreiro é um asceta. Ele vive uma vida exatamente oposta à da maioria das pessoas. Não vive para satisfazer suas necessidades e desejos pessoais, ou seus apetites físicos, mas para se ajustar a uma máquina espiritual eficiente, treinada para suportar o insuportável a serviço do objetivo transpessoal. Conhecemos as lendas dos fundadores das grandes fés do cristianismo e do budismo. Jesus teve que resistir às tentações de Satanás no deserto, e Buda teve que enfrentar três tentações sob a árvore Bo. Esses homens foram guerreiros espirituais.

A história humana está repleta de guerreiros espirituais. O islamismo, como um todo, baseia-se na energia do Guerreiro. Maomé era um guerreiro. Até hoje, seus seguidores continuam valendo-se da energia desse arquétipo quando recompensam jihad contra os poderes do mal, como eles definem. Ainda que o chamem de "o Misericordioso" e "o Piedoso", o Deus do Islã é um Deus-Guerreiro.

Vemos essa mesma energia manifestando-se na Ordem dos Jesuítas, no cristianismo, que durante séculos pregou a autonegação para que se pudesse levar a mensagem de Deus às regiões do inundo mais hostis e perigosas. O homem guerreiro devota-se a sua causa, seu Deus, sua civilização, até a morte.

Essa devoção ao ideal ou meta transpessoal, a ponto mesmo de se anular, leva o homem a uma das outras características do Guerreiro. Ele é uma pessoa emocionalmente distante enquanto estiver com essa energia. O que não significa que o homem que tem acesso ao Guerreiro em sua plenitude seja cruel, apenas não toma suas decisões e as executa baseado numa relação emocional com alguém ou alguma coisa, exceto com o seu ideal. Como diz Dom Juan, ele "não está disponível" ou "é inacessível". Como afirma ele, "ser inacessível significa tocar o mundo ao redor de leve", com distanciamento emocional. Essa atitude faz parte da lucidez do Guerreiro, também. Ele vê suas tarefas, decisões e ações desapaixonadamente. O treinamento samurai implicava o seguinte tipo de exercício psicológico. Sempre — aprendiam eles — que você se sentir assustado ou desesperado, não diga para si mesmo: "Estou com medo" nem "Estou desesperado". Diga; "Alguém está com medo", "Alguém está desesperado. O que ele pode fazer?" Essa maneira distanciada de vivenciar uma ameaça torna objetiva a situação e permite uma visão mais clara e estrategicamente vantajosa. O guerreiro é, portanto, capaz de agir com menos consideração pelos seus sentimentos pessoais; vai agir com mais vigor, rapidez e eficiência se não estiver no meio do caminho atrapalhando.

Na vida, muitas vezes precisamos "dar um passo atrás", como se diz, numa situação para podermos ver melhor, para podermos agir. O Guerreiro precisa de espaço para vibrar a sua espada. Precisa estar separado dos seus adversários do mundo exterior e daqueles do seu mundo interior configurados em emoções negativas. No boxe, o juiz afasta os lutadores quando eles se aproximam demais e se engalfinham.

O Guerreiro é quase sempre um destruidor. Mas quando essa energia é positiva destrói apenas o que precisa ser destruído para poder surgir algo novo, mais vivo e mais virtuoso. Muitas coisas no nosso mundo precisam acabar — a corrupção, a tirania, a opressão, a injustiça, os sistemas de governo obsoletos e despóticos, as hierarquias das corporações que entravam o desempenho das empresas, os estilos de vida e as condições de trabalho insatisfatórias, os maus casamentos. E no próprio ato de destruir, muitas vezes a energia do Guerreiro está construindo novas civilizações, novas aventuras comerciais, artísticas e espirituais para a humanidade, novos relacionamentos.

Quando a energia do Guerreiro está em contato com outras energias masculinas maduras, algo realmente esplêndido emerge. Quando o Guerreiro está em contato com o Rei, está conscientemente servindo ao "reino", e suas ações decididas, sua lucidez, disciplina e coragem são, de fato, criativas e geradoras. Neste momento histórico, basta pensar em Mikhail Gorbachev, guerreiro e rei, lutando contra a inércia do sistema soviético, de pé no Centro, em luta contra o antigo e o ineficiente, gerando o novo e o mais vigoroso, pastoreando seu povo em direção a uma nova era que eles mesmos não teriam coragem de enfrentar sem a sua liderança, sem o acesso dele a essas duas energias masculinas amadurecidas.

O contato do Guerreiro com o arquétipo do Mago é o que lhe permite alcançar tal domínio e controle sobre si mesmo e suas "armas". É o que permite canalizar e direcionar o poder para realizar seus objetivos.

A sua combinação com a energia do Amante lhe dá a piedade e o senso de ligação com todas as coisas. O Amante é a energia masculina que o liga novamente aos seres humanos, em toda a sua fragilidade e vulnerabilidade. O Amante torna o homem que está sob a influência do Guerreiro piedoso ao mesmo tempo em que cumpre o seu dever. Aqui, temos as imagens dos pracinhas americanos no Vietnã, captadas de forma tão dramática para nós pela televisão. Depois de bombardearem e metralharem uma aldeia vietcongue, eles carregam dali as crianças no colo e administram os primeiros socorros aos inimigos feridos. Há uma cena muito forte no filme Nascido para matar que vários soldados encurralam e ferem fatalmente um atirador vietcongue — uma mulher, como ficam sabendo depois — que tinha matado alguns companheiros deles. Um dos personagens sente piedade da sua inimiga de momentos antes. Ela agoniza, rezando, preparando-se para a morte e implorando que ele atire logo para acabar com o seu sofrimento. O pracinha fica dividido entre deixá-la morrer sofrendo ou atender ao seu pedido. Acaba atirando nela, não por raiva, mas por compaixão.

A aliança com o Amante produz outras influências humanitárias na energia do Guerreiro. Marco Aurélio era filósofo. Winston Churchill, pintor O artista-guerreiro japonês Mishima era poeta. Até o general Patton era poeta, recitou um de seus panegíricos ao general Bradley num antigo campo de batalha norte-africano onde dois mil anos antes os romanos tinham derrotado os cartagineses. Patton afirmou no seu poema místico que estivera ali naquela época e participara do confronto.

Mas se o Guerreiro está agindo sozinho, desligado desses outros arquétipos, os resultados para o homem mortal que esteja em contato até mesmo com o Guerreiro positivo (o arquétipo na sua plenitude) podem ser desastrosos. Como dissemos, o Guerreiro na sua forma pura é emocionalmente distante; a sua lealdade transpessoal relativiza de forma radical a importância de seus relacionamentos humanos. Isso transparece na atitude do Guerreiro quanto ao sexo. As mulheres, para ele, não são para se relacionar com elas, para ser íntimo delas. São para se divertir. É conhecida a canção "Este é meu rifle e este é meu canhão. Este é para a luta e este é para diversão." Essa atitude explica a presença de prostitutas ao redor dos campos militares. Explica também a horrível tradição do estupro das mulheres conquistadas.

Se ele tem família, a devoção do guerreiro a outros deveres conduz freqüentemente a problemas conjugais. A história da mulher do soldado sozinha e rejeitada está sempre se repetindo nos filmes. Basta lembrar de Gordo Cooper afastando-se da mulher, Trudy, no filme The right stuff.

O mesmo ocorre fora do ambiente militar, nos relacionamentos e nas famílias de homens cujas profissões exigem uma grande dedicação transpessoal, longas horas de trabalho disciplinado e auto-sacrifício. Pastores, médicos, advogados, políticos, agentes de vendas dedicados e muitos outros quase sempre têm vidas pessoais muito difíceis. As esposas e namoradas muitas vezes sentem-se ignoradas e rejeitadas, competindo inutilmente com o "verdadeiro amor" do homem, o seu trabalho. Além do mais, esses homens, fiéis às atitudes sexuais do Guerreiro, costumam ter casos com suas enfermeiras, funcionárias, recepcionistas, secretárias e outras mulheres que admiram de uma distância segura (às vezes

não tanto assim) a eficiência e dedicação do Guerreiro masculino deles.

O Guerreiro da Sombra: O Sádico e o Masoquista

O afastamento da energia do Guerreiro das relações humanas traz problemas reais, como afirmamos. Estes se tornam imensamente dolorosos e destrutivos para o homem quando ele está na Sombra bipolar do Guerreiro. No filme The Great Santini, Robert Duval representa um piloto de combate da Marinha que chefia sua família como se fosse um corpo de fuzileiros navais em miniatura. A maioria das suas observações e o seu comportamento com a mulher e os filhos são no sentido de desvalorizar, criticar , comandar, e destinam-se a estabelecer distância entre ele e os membros da família, que estão sempre procurando relacionar-se com ele de forma afetuosa. A destrutividade desse modo de se "relacionar" acaba tornando-se tão óbvia, principalmente para o filho mais velho, que já não se pode esconder o fato de que o comportamento por vezes violento de Santini resulta da sua própria incapacidade de ser terno e autenticamente íntimo. O "Grande Santini", sob o poder do Sádico, está sempre com a "espada" emocional desembainhada, ameaçando todo mundo — as filhas, que precisam ser tratadas como meninas, e não como fuzileiros; o filho mais velho, que precisa da sua orientação e do seu cuidado; e até a esposa. Há uma cena horrível na cozinha, quando finalmente tudo vem à tona; Santini agride fisicamente a mulher, e então as crianças o agridem. Não obstante o afastamento em si não ser necessariamente ruim, como dissemos, ele deixa a porta aberta para o "demônio" da crueldade. Como tem essa área dos relacionamentos muito vulnerável, o homem sob a influência do Guerreiro precisa com urgência ter a mente e os sentimentos sob controle: não reprimidos, mas sob controle. Senão a crueldade se esgueira pela porta dos fundos, quando ele não está olhando.

Há dois tipos de crueldade, com e sem paixão. Um exemplo do primeiro tipo é um exercício que os nazistas usavam no treinamento dos oficiais da SS. Os candidatos à unidade criavam cachorrinhos, cuidavam deles todos os dias, alimentando-os e escovando-os, brincavam com eles. Então, num dia escolhido arbitrariamente pelo treinador, ordenava-se que eles matassem os animaizinhos, e tinham que fazer isso sem demonstrar nenhum sentimento. Esse treino de frio sadismo parece que funcionava porque esses mesmos homens se tornaram as máquinas assassinas que dirigiam os campos de extermínio — sistematicamente, e sem emoção, torturando e matando milhares de seres humanos, sem deixarem de se achar "bons rapazes".

Uma imagem contemporânea do Guerreiro que se transformou numa máquina assassina impiedosa é, sem dúvida, Darth Vader, da saga de Guerra nas estrelas (Starwars). É alarmante como muitos meninos e adolescentes se identificam com ele. Quanto a isso, é também assustadora a quantidade de jovens que se tornaram membros de grupos neonazistas, remanescentes.

Às vezes, porém, a crueldade do Sádico é apaixonada. Na mitologia, ouvimos falar de deuses vingativos e da "ira de Deus". Na índia, vemos Xiva executando a dança da destruição universal. Na bíblia, Javé ordena a destruição pelo fogo de civilizações inteiras. No início do Velho Testamento, encontramos esse Deus irado e vingativo reduzindo o planeta à lama com um grande dilúvio, matando quase todos os seres vivos.

O Guerreiro como espírito vingativo entra em nós quando estamos muito assustados e zangados. Uma espécie de sede de sangue, como é chamada, domina os homens nas situações estressantes de combate real, assim como em outros momentos tensos. Há uma cena no filme Apocalipse em que a tripulação da canhoneira americana, na abordagem de uma sampana, entra em pânico e mata todo mundo na sampana. Só depois que o medo cede é que eles percebem que as pessoas que acabaram de matar na

sua "fúria de lutar" eram inocentes aldeões que estavam indo ao mercado. Uma cena semelhante aparece no filme Platoon, quando os pracinhas abrem fogo contra uma aldeia vietnamita indefesa. Esse tipo de explosão selvagem vem assombrando os americanos desde o incidente em My Lai quando o tenente Çalley, aparentemente aterrorizado e com raiva, mandou que matassem todos os homens, mulheres e crianças da aldeia. Que o Guerreiro sádico realmente gosta dessa carnificina e crueldade fica explícito novamente em Patton, quando o General olha os restos fumegantes e os corpos carbonizados de um grande confronto entre carros blindados das forças americanas e alemães, e suspira: "Puxa, adoro isto!"

Junto com essa paixão pela destruição e pela crueldade, vem um ódio pelo "fraco", pelo indefeso e vulnerável (na verdade, o próprio masoquista oculto do Sádico). Já mencionamos o incidente das bofetadas na carreira de Patton. Vemos esse mesmo tipo de sadismo nos campos de treinamento, em nome do supostamente necessário "ritual de humilhação", destinado a privar os recrutas das suas individualidades e colocá-los dominados pelo poder de uma dedicação transpessoal. Com muita freqüência, os motivos do sargento treinador são os mesmos do Guerreiro sádico que busca humilhar e violentar os homens sob o seu comando. E o que entender da prática revoltante do exército turco na Primeira Guerra Mundial, quando, depois de tomar uma aldeia árabe, os soldados se divertiam abrindo à baioneta as barrigas de mulheres grávidas, arrancando fora os fetos e pendurando-os nos seus pescoços.

Pode parecer improvável, de início, mas a crueldade do Guerreiro sádico relaciona-se diretamente com o que está errado com a energia do Herói; há semelhanças entre o Guerreiro da Sombra e o Herói. O Guerreiro da Sombra leva para a idade adulta a insegurança do adolescente, a emotividade violenta e o desespero do Herói quando procura enfrentar o arrasador poder do feminino, que sempre tende a despertar o pólo masoquista, ou covarde, da Sombra disfuncional do Herói. O homem sob a influência da bipolaridade do Guerreiro da Sombra, inseguro quanto ao legítimo poder fálico, continua lutando contra o que vivência como a energia feminina excessivamente forte e contra tudo supostamente "suave" e relacional. Mesmo na idade adulta, ele ainda sente terror de ser engolido por isso. O seu medo desesperado o leva à brutalidade insensível.

Não é preciso ir longe para ver esse Guerreiro destruidor agindo em nossas vidas. Infelizmente, temos de identificá-lo no ambiente de trabalho sempre que um chefe humilha, atormenta, despede injustamente ou, de muitas outras formas, maltrata seus subordinados. Temos de reconhecer o Sádico também nos nossos lares, na espantosa estatística das esposas que apanham dos maridos e das crianças maltratadas.

Embora todos nós possamos eventualmente ficar vulneráveis ao Guerreiro Sádico, existe um tipo específico de personalidade que possui essa energia "ao extremo", como se diz. É o distúrbio da personalidade compulsiva. Os workaholics, pessoas que só pensam no trabalho, são personalidades compulsivas. Têm uma enorme capacidade para fazer esforço e quase sempre conseguem produzir muito. Mas o que impulsiona o seu motor de rotação contínua é uma profunda ansiedade, o desespero do Herói,

Têm uma percepção muito precária do próprio valor. Não sabem o que querem realmente, o que lhes falta e que gostariam de ter. Passam a vida "atacando" tudo e todo o mundo — seus empregos, as exigências da vida, eles mesmos e as outras pessoas. Nesse processo, são devorados vivos pelo Guerreiro Sádico e não demoram a "queimar".

Todos nós conhecemos pessoas assim. São os gerentes que ficam até tarde no escritório, depois que todos já foram embora; e quando, finalmente, vão para casa não conseguem dormir bem. São os pastores, os assistentes sociais, terapeutas, médicos e advogados, que trabalham literalmente dia e noite procurando sanar as deficiências físicas e psicológicas dos outros, sacrificando as próprias vidas para "salvá-los". Com isso, fazem muito mal — a si mesmos e àqueles que não conseguem estar à altura de

seus padrões inatingíveis. Não são capazes de estar à altura de seus próprios padrões, por isso violentam-se sem piedade. Se você tem de admitir que não está cuidando bem de si mesmo, que não está cuidando do seu bem estar físico e mental, muito provavelmente foi apanhado pelo Guerreiro da Sombra.

Como já dissemos os homens que exercem determinadas profissões estão especialmente ameaçados pela energia disfuncional do Guerreiro. Os militares são um exemplo óbvio. O que talvez não seja tão óbvio é que os revolucionários e ativistas de todos os tipos também caiam no pólo sádico do Guerreiro da Sombra. Aqui se aplica o velho ditado que diz que nos tornamos aquilo que odiamos. É uma triste verdade que líderes de revoluções – políticas, sociais, econômicas, as pequenas revoluções que acontecem dentro das empresas ou das organizações voluntárias –, depois de ter expulsado os tiranos e opressores (quase sempre pela violência e pelo terrorismo), tornam-se eles mesmos os novos tiranos e opressores. Comentou-se muito nos anos 60 que os líderes do movimento pela paz eram tão tirânicos e violentos quanto os que eles combatiam. Os profissionais de vendas e os professores, juntamente com as pessoas das outras profissões já citadas, são presas fáceis dos padrões compulsivos e automáticos do vício do trabalho. Acabam quebrando. Um vendedor de automóveis começou a fazer análise depois de anos na função, ocupando o primeiro lugar em vendas, mês após mês, não só no seu departamento mas em toda a área. Todos os meses, com enorme autodisciplina e determinação, ele lutava com unhas e dentes para chegar ao topo. Um dia, alguma coisa desmoronou-se dentro dele. Vinha sentindo-se sem ânimo e cada vez mais cansado. E muitas vezes comentara que estava se sentindo "queimado". Certa manhã, ao se levantar, percebeu que estava tremendo, apavorado com a perspectiva de ter que ir trabalhar. Não demorou muito e não conseguia mais dormir. Começou a sentir uma vontade insuportável de chorar nas horas mais inadequadas. Forçou-se a continuar mais alguns meses. Mas finalmente chegou o dia em que tudo no trabalho – a sala de exposição, o estacionamento, seus colegas, os fregueses –, tudo parecia estranhamente irreal. Telefonou para o seu médico e se internou num hospital. O Guerreiro Sádico fora mais forte do que ele. Devorara-o vivo. Logo depois, a mulher o deixou, alegando com alguma razão que ele não lhe dava atenção. Ele começou a fazer terapia. No decorrer do tratamento, descobriu o poder autodestrutivo da sua compulsividade e como ela funcionava, afastando-o das outras pessoas. E resolveu mudar de vida.

Qualquer profissão que pressione o indivíduo a dar o melhor de si o tempo todo vai deixá-lo vulnerável ao sistema da sombra do Guerreiro. Se não tivermos segurança suficiente quanto à nossa própria estrutura interior, contaremos com o nosso desempenho no mundo externo para sustentar a nossa autoconfiança. E como a necessidade desse apoio é muito grande, o nosso comportamento vai tender para a compulsão. O homem obcecado com o "sucesso" já fracassou. Está tentando desesperadamente reprimir o Masoquista dentro dele, mas já está revelando comportamentos masoquistas e autopunitivos.

O Masoquista é o pólo passivo da Sombra do Guerreiro, o "galinha-morta" o "cachorrinho escorraçado" que se esconde logo atrás das demonstrações iradas do Sádico. Os homens têm razão de temer o Covarde que existe dentro deles, ainda que não tenham o bom senso de temer o seu macho aparente. O Masoquista projeta nos outros a energia do Guerreiro e faz o homem se sentir impotente. O homem possuído pelo Masoquista é incapaz de se defender psicologicamente; permite que os outros (e ele mesmo) fiquem pressionando, que excedam os limites daquilo que lhe é possível suportar sem perder o respeito por si mesmo, sem falar na saúde física e psicológica. Todos nós, seja como for o modo como vivamos, somos suscetíveis de cair em poder da Sombra bipolar do Guerreiro em qualquer área das nossas vidas. Talvez não saibamos quando terminar um relacionamento insuportável, sair de um círculo de amizades ou de um emprego frustrante. Ouve-se falar muito de "Saia enquanto você estiver com a bola", ou "Aprenda a pular fora". A personalidade compulsiva, não importa os sinais de perigo, a impossibilidade

dos sonhos e a invencibilidade do inimigo, continua dando duro, tentando tirar água da pedra e vendo o seu ouro virar cinza no final. Se estivermos sob o poder do Masoquista, vamos aceitar muitos abusos durante muito tempo e então explodir sadicamente numa violência verbal e até física. Essa oscilação entre os pólos ativo e passivo das Sombras arquetípicas é típico desses sistemas disfuncionais.

O Acesso ao Guerreiro

Se estivermos possuídos pelo pólo ativo da Sombra do Guerreiro, vamos vivenciá-lo na sua forma sádica. Vamos maltratar a nós mesmos e aos outros. Se sentirmos que não estamos nos comunicando com o Guerreiro, porém, estaremos possuídos pelo seu pólo passivo. Seremos masoquistas covardes. Sonharemos, mas não seremos capazes de agir de forma decidida para tornar nossos sonhos realidade. Faltar-nos-á vigor e ficaremos deprimidos. Não teremos capacidade de suportar o esforço necessário para alcançar qualquer objetivo que valha a pena. Se estivermos na escola, não faremos as tarefas, não redigiremos os nossos trabalhos. Se formos vendedores e nos derem uma nova área, ficaremos sentados olhando o mapa e a lista dos contatos que temos que fazer e não seremos capazes de pegar o telefone e começar. Olharemos o trabalho à nossa frente e nos sentiremos derrotados logo de início. Não seremos capazes de "saltar para batalha". Se formos políticos, em vez de conseguirmos atacar "frontalmente" os problemas e as questões públicas, esquivar-nos-emos, procurando evitar a confrontação direta. Se estivermos ganhando pouco, e acharmos que há dinheiro suficiente e que somos bons o bastante para merecer um aumento, caminharemos pelo corredor até a porta do chefe, tremendo de medo, pararemos indecisos, daremos meia-volta e iremos embora. Como fazemos com todos os arquétipos descritos neste livro, precisamos perguntar-nos, não se estamos possuídos por um ou ambos os pólos de seus sistemas da sombra, mas de que forma estamos deixando ter acesso adequadamente aos potenciais de energia masculina à nossa disposição.

Se estivermos entrando em contato corretamente com o Guerreiro, seremos enérgicos, decididos, corajosos, resistentes, perseverantes e leais a um bem maior, que está acima da nossa própria vantagem pessoal. Ao mesmo tempo, temos que dotar o Guerreiro das outras formas de energia masculina amadurecidas: o Rei, o Mago e o Amante. Se estivermos tendo acesso ao Guerreiro da maneira certa, seremos, ao mesmo tempo em que nos mantemos "distanciados", ternos, piedosos, compreensivos e produtivos. Cuidaremos de nós mesmos e dos outros. Travaremos bons combates a fim de tornar o mundo um lugar melhor e mais satisfatório para tudo e para todos. Faremos a guerra pela criação de algo novo, justo e livre.

CAPÍTULO SETE
O Mago

Há uma cena maravilhosa no filme The right stuffem que Gordo Cooper chega à uma estação de rastreamento na região mais remota e deserta da Austrália, de onde vai monitorar o primeiro vôo orbital de John Glenn. Quando se aproxima da estação e desce do seu Land Rover, encontra um bando de aborígenes acampado ali. Um jovem chega perto. Gordo pergunta: "Quem são vocês?" O rapaz responde: "Somos nativos. E você, quem é?" Gordo diz: "Sou astronauta. Vôo lá no alto entre a lua e as estrelas." O jovem retruca: "Ah, você também? Está vendo aquele cara ali?" E aponta para um velho encarquilhado sentado sob um guarda-chuva, os olhos semicerrados fixos ao longe, como se olhasse para uma realidade que só ele vê. O jovem explica: "Ele sabe também. Ele também voa. Ele sabe."

Mais tarde naquela noite, enquanto Glenn esta em órbita no céu, lançando faíscas provocadas pelo atrito no escudo térmico da cápsula, os aborígenes armam uma imensa fogueira, agitam seus zunidores e sopram para o alto as centelhas para que estas se juntem — assim mostra a edição do filme — as da cápsula de Glenn. Através da magia solidária, a canalização de energias ocultas, o mago aborígene tenta dar força a Glenn e ajudá-lo na sua viagem.

Muitas vezes erramos ao pensar que somos muito diferentes de nossos ancestrais primitivos, com o nosso grande conhecimento e nossa surpreendente tecnologia. Mas as senes do que sabemos e de nossa tecnologia está na mente de homens como o velho aborígene. Ele, e todos como ele nas sociedades tribais e antigas tinham acesso à energia do Mago. E é essa energia que impulsiona a nossa civilização moderna. Xamãs, curandeiros, feiticeiros, pajés, bruxos, inventores, cientistas, médicos, advogados, técnicos — todos estes têm acesso ao mesmo modelo de energia masculina, seja qual for a era ou cultura em que vivam. Merlin, das lendas arturianas, constrói uma Camelot com a qual a nossa tecnologia, psicologia e sociologia ainda sonham — temperatura amena, uma sociedade organizada e igualitária, as bênçãos do amor e da troca entre as pessoas e o reconhecimento da necessidade de se buscar alcançar uma meta suprema (neste caso, o Santo Graal). Obe Wan Kanobe, nas aventuras de Guerra nas estrelas, busca orientar a renovação da sua galáxia combinando o seu conhecimento secreto sobre "a Força" com a aplicação de tecnologia avançada.

As energias do arquétipo do Mago, seja onde e quando for que as encontremos, são duplas. O Mago é aquele que sabe e é o mestre da tecnologia. Além disso, o homem guiado pelo poder do Mago é capaz de preencher em parte as funções desse arquétipo usando o processo dos rituais de iniciação. Ele é o "ancião do ritual" que orienta os processos de transformação interna e externa.

O mago humano é sempre, ele mesmo, um iniciado, e a sua tarefa é iniciar os outros. Mas é iniciado em quê? O Mago é um iniciado no conhecimento oculto de todas as coisas. E esse é que é o ponto importante. Todo conhecimento que exige um trabalho especial para ser adquirido é domínio da energia do Mago. Seja o aprendiz de um mestre em eletricidade, descobrindo os mistérios da alta voltagem; seja o estudante de medicina, trabalhando noite e dia, estudando os segredos do corpo humano e usando a tecnologia disponível para ajudar os pacientes; seja o futuro corretor da bolsa de valores ou um estudante de altas finanças; seja o estagiário numa das escolas de psicanálise, todos estão exatamente na mesma posição do aprendiz de xamã ou pajé nas sociedades tribais. Estão gastando uma enorme quantidade de tempo, energia e dinheiro para se iniciarem nos refinados reinos do poder secreto. Passam por provocações que testam suas capacidades para se tornar mestres desse poder. E, como acontece em todas as iniciações, não há garantia de sucesso.

O Mago é um arquétipo universal que vem agindo na psique masculina através da história. Os

homens modernos podem ter acesso a ele, hoje, nos seus trabalhos e nas suas vidas pessoais.

Antecedentes Históricos

Certos antropólogos acham que, num passado muito distante, as energias masculinas do Rei, do Guerreiro, do Mago e do Amante eram inseparáveis e que um único homem — o "chefe" — manifestava todas as funções desses arquétipos de uma forma holística. Como todas as quatro estão no Si-mesmo masculino, e equilibradas ali, talvez o chefe fosse o único na tribo a se sentir um homem total. Seja como for, nas sociedades aborígenes ainda existentes, essas energias masculinas já são um tanto distintas. Existe o rei, ou chefe. Existem os guerreiros do chefe. E existe o mago — o homem santo, o pajé, o xamã. Seja qual for o seu título, a sua especialidade é saber algo que os outros não sabem. Ele conhece, por exemplo, o segredo do movimento das estrelas, as fases da lua, as variações norte-sul do sol. Sabe quando plantar e quando colher, ou quando os rebanhos voltarão na próxima primavera. Sabe prever o tempo. Conhece as ervas medicinais e os venenos. Compreende a dinâmica oculta da psique humana e assim pode manipular os outros seres humanos, para o bem e para o mal. É quem pode efetivamente abençoar e amaldiçoar. Entende as ligações entre o mundo invisível dos espíritos – o Mundo Divino – e o mundo dos seres humanos e da natureza. É a ele que as pessoas se dirigem com perguntas, problemas, sofrimentos e doenças do corpo e da mente. É confessor e sacerdote. É quem pode perceber o que existe nas questões e que não é óbvio para as outras pessoas. É vidente e profeta no sentido não apenas de prever o futuro, mas de ver em profundidade.

Esse conhecimento secreto, é claro, dá ao mago um poder enorme. E, como tem conhecimento da dinâmica dos fluxos e dos modelos das energias na natureza, nos indivíduos e nas sociedades humanas, e entre os deuses – as forças inconscientes profundas –, ele é mestre em conter e canalizar poder.

Foram os magos ao longo do Tigre e do Eufrates, e do Nilo, no Egito, que criaram a civilização tal como a conhecemos. Foram eles que inventaram os segredos da língua escrita, que descobriram a matemática e a engenharia, a astronomia e o direito. Os faraós mantinham em suas cortes o que a Bíblia chama de feiticeiros para aconselhá-los sobre todas essas coisas. O lendário mago egípcio Ímhotep (ca. 800 a.C.) tem o crédito de importantes descobertas na medicina, engenharia e em outras ciências. Ele projetou e construiu a primeira grande pirâmide, a chamada Pirâmide Escalonada do faraó Djoser. Foi o

Einstein e o Jonas Salk do seu tempo.

Um aspecto do conhecimento do mago, da sua visão profunda não só da natureza, mas dos seres humanos também, era a sua capacidade de reduzir a arrogância, especialmente dos reis, mas também de qualquer funcionário público importante. O arquétipo do Mago num homem é o seu "detector de mentiras"; ele percebe a falsidade e exercita o discernimento. Ele descobre a maldade onde ela estiver oculta por trás da bondade, como tantas vezes acontece. Nos tempos antigos, quando o rei se tornava possuído pela ira e queria punir a aldeia que se recusava a pagar os impostos, o mago, com idéias equilibradas e sensatas com golpes contundentes de lógica, reavivava a consciência e o bom senso do rei livrando-o de seu humor tempestuoso. O mago da corte, na verdade, era o psicoterapeuta do rei.

O profeta Natan, mago do rei Davi, prestou-lhe os seus serviços terapêuticos mais de uma vez. Mas o incidente mais dramático foi o de Betsabá, a que já nos referimos. Depois de Davi ter feito o que queria com Betsabá e de ter mandado matar o seu marido, Urias, Natan entrou de mansinho na sala do trono e postou-se diante do rei. E lhe contou uma história. Disse que havia numa cidade dois homens, um rico e outro pobre. O pobre tinha apenas um cordeirinho. O rico tinha vários. Um dia, um viajante foi visitar o homem rico, e este foi obrigado a lhe oferecer um suntuoso banquete. Em vez de matar um de seus próprios carneiros, ele foi até a casa do homem pobre e pegou o único animal que ele tinha, matou-o e

serviu ao seu hóspede. Explodindo de raiva, o rei Davi proclamou que quem quer que tivesse feito isso merecia morrer. Natan respondeu: "Foi você," Davi se arrependeu. No futuro, foi menos pretensioso.

Merlin, o mago do rei Artur, funcionava da mesma maneira. Ajudava o rei a entender as coisas e, ao fazê-lo, reduzia às vezes a arrogância de Artur. No musical Camelot e no magnífico The once and future king, de T.H. White, em que se baseia a peça, Merlin freqüentemente orienta Artur e está sempre trabalhando para iniciá-lo nas formas adequadas de entrar em contato com a energia do Rei. O resultado é que Artur se desenvolve para uma maturidade cada vez mais plena, ao mesmo tempo em que se torna um rei melhor.

Nos primeiros séculos da nossa era, saciando-se das antigas religiões gregas dos mistérios e renovado pelas primeiras idéias cristas, houve um movimento chamado gnosticismo. Gnosis era o termo grego para designar o "conhecer" num nível psicológico ou espiritual profundo. Os gnósticos eram conhecedores do que havia de mais secreto na psique humana e da misteriosa dinâmica do universo. Eram realmente protopsicólogos profundos. Ensinavam seus iniciados a descobrir seus próprios motivos e impulsos inconscientes, a abrir o seu caminho através da traiçoeira escuridão dos delírios humanos e, finalmente, a atingir a unidade com o Centro que existe bem no interior de cada um. Concentrando-se na percepção profunda e no autoconhecimento, esse movimento gnóstico não agradava à grande maioria dos primeiros cristãos e foi perseguido pela Igreja Católica. A aquisição de qualquer tipo de conhecimento, mas especialmente das operações ocultas da psique, é um trabalho difícil e doloroso que a maioria de nós jamais quis ter.

Mas, apesar da perseguição sofrida pela classe maga dos primeiros cristãos, o arquétipo do Mago não pôde ser eliminado, é claro; nenhum a energia instintiva da psique pode ser. Essa tradição de conhecimentos secretos ressurgiu na Europa durante a Idade Média como "alquimia". Quase todos nós sabemos que a alquimia era a tentativa de se conseguir ouro a partir de substâncias comuns. Nesse sentido, estava destinada a fracassar. Mas o que em geral desconhecemos é que a alquimia era também uma técnica espiritual para ajudar os próprios alquimistas a alcançarem a percepção profunda, a autoconsciência e a transformação pessoal — isto é, a iniciação num maior amadurecimento.

Em grande parte, foi a alquimia que deu serem às ciências modernas — principalmente à química e à física. É interessante perceber que a nossa ciência moderna, como o trabalho dos antigos magos, também se divide em dois aspectos. O primeiro, a "ciência teórica" é o aspecto conhecedor da energia do Mago. O segundo, a "ciência aplicada", é o aspecto tecnológico da energia do Mago, o conhecimento aplicado de como conter e canalizar poder.

Acreditamos que a nossa era é a do Mago, porque é tecnológica. É a era do Mago pelo menos na sua preocupação materialista de compreender e dominar a natureza. Mas, quanto ao processo de iniciação psicológico, espiritual, não-materialista, a energia do Mago parece estar em falta. Já observamos a ausência do ancião do ritual que pode iniciar os homens nos níveis mais profundos e maduros da identidade masculina. Ainda que as escolas técnicas e os sindicatos, as associações profissionais e muitas outras instituições que manifestam a energia do Mago no mundo puramente material desenvolvam e proporcionem processos iniciatórios para os que procuram tornar-se "mestres" nesse sentido, a energia do Mago não está se saindo muito bem na área da transformação e do crescimento pessoal. A nossa era, como dissemos, é de caos no que se refere à identidade pessoal e sexual. E o caos é sempre o resultado do acesso inadequado ao Mago em alguma área essencial da vida.

Duas ciências — a física subatômica e a psicologia profunda — continuam fazendo o trabalho dos antigos magos de uma forma holística que reúne os aspectos materiais e psicológicos da energia do Mago.

Cada uma busca conhecer e depois, pelo menos em parte, controlar as fontes das mesmas energias ocultas que os antigos sondavam tão profundamente.

A física subatômica moderna, dizem, assemelha-se muito ao misticismo oriental quando aborda as intuições do hinduísmo e do taoísmo. Essa nova física está descobrindo um microcosmo sob o nosso aparentemente sólido macrocosmo de percepções sensoriais. Esse mundo invisível de partículas subatômicas é bem diferente do macrocosmo que normalmente vivenciamos. Nesse mundo oculto sob a superfície das coisas, a realidade torna-se bastante estranha. Partículas e ondas, tão radicalmente diversas em suas propriedades no macrocosmo, no microcosmo são a mesma coisa. Uma "partícula" pode parecer estar em dois lugares ao mesmo tempo, sem nunca ter-se dividido . A matéria perde a sua "solidez" e tem a aparência de nodos de energia, concentrados em pontos definidos por períodos mais ou menos breves. A própria energia parece surgir de um padrão semelhante a uma tela, ainda mais profundamente oculto, do espaço vazio, que já não se pode considerar "nada". As partículas sobem desse campo energético subjacente como ondas do mar, para em seguida baixar – ou "decair " – novamente no nada de onde vieram. Surgem perguntas sobre o tempo: o que é, em que direção vai. Ele volta atrás? Alguns tipos de partículas subatômicas voltam atrás no tempo e depois invertem seu sentido para se moverem no nosso tempo de novo? Qual a serem do universo e o seu destino final? À luz dessas novas descobertas e dúvidas afloram antigas questões: qual a natureza do ser e do não ser? Existem, de fato, as outras dimensões profetizadas pêlos matemáticos? De que modo equivalem ao que as antigas religiões chamavam de outros "planos" ou "mundos"? Os físicos entraram no campo do conhecimento verdadeiramente oculto e secreto. E estão avançando num mundo de pensamento muito parecido com o do antigo mago.

O mesmo vale para a psicologia profunda. Ao fazer os seus primeiros mapas do inconsciente, Jung surpreendeu-se com as semelhanças entre o que estava descobrindo sobre correntes energéticas e padrões arquetípicos da psique humana e a física quântica de Max Planck, dentre outros. Jung percebeu que tinha tropeçado num mundo vasto que as pessoas da era moderna em grande parte negligenciaram, um mundo de símbolos e imagens vivas que surgia e desaparecia como as ondas de energia aparentemente responsáveis pelo nosso universo material. Essas realidades arquetípicas, ocultas no vazio profundo do inconsciente coletivo, pareciam ser as peças que constituíam a nossa maneira de pensar e sentir, e os nossos padrões habituais de comportamento e reação, o nosso macrocosmo da personalidade. Para Jung, esse inconsciente coletivo parecia-se muito com os campos energéticos invisíveis dos físicos subatômicos, e segundo ele ambos eram bem semelhantes ao misterioso "pleroma" subjacente descrito pêlos gnósticos.

A conclusão a que chegaram a física moderna e a psicologia profunda é que as coisas não são o que parecem ser. O que vivenciamos como realidade normal — sobre nós mesmos e a natureza — é apenas a ponta de um iceberg que surge de um incomensurável abismo. O conhecimento desse reino oculto pertence ao Mago, e só através da energia dele chegaremos a entender nossas vidas num grau de profundidade não sonhado durante pelo menos mil anos de história ocidental.

Há indícios de que Jung se considerava Mago. Quando lhe perguntaram certa vez se acreditava em Deus, ele respondeu, bem ao estilo gnóstico: "Não acredito em Deus; eu sei". Alguns de seus mais antigos seguidores diziam que Jung contava-lhes segredos que só poderiam revelar aos iniciados nos mais elevados, ou profundos, níveis de consciência psíquica.

Não é mistificação. Todo analista sabe que tem que tomar cuidado com o que vai revelar a um analisando em determinado momento. O poder das energias inconscientes é tão grande que se não forem

controladas, contidas e canalizadas, se o acesso a elas não se der no momento certo e na dose exata, elas podem explodir em pedacinhos a estrutura do Ego, Excesso de energia sem os "transformadores" adequados e sem o "isolamento" na quantidade certa vai sobrecarregar os circuitos do analisando e destruí-lo. A revelação de informações secretas tem que ser controlada, porque algum motivo as fez ficarem escondidas do Ego.

Há uma outra área no nosso mundo moderno em que o conhecimento psicológico e espiritual e a canalização da energia característicos do arquétipo do Mago estão sendo reavivados. É a área das chamadas ciências ocultas. Há muitos magos ritualistas, vindos de todos os tipos de atividade — banqueiros, operadores de computador, donas-de-casa, engenheiros químicos e outros — que cumprem suas funções "diurnas", como todo mundo, e depois se retiram para o seu verdadeiro trabalho, geralmente à noite, em que buscam a iniciação nos "planos superiores". Entram em contato com o que chamam de "entidades" que os ensinam a enxergar mais profundamente e a usar o poder que fica disponível para o bem ou para o mal. Essas pessoas — exatamente como os antigos magos — preocupam-se com o conhecimento da sabedoria e dos poderes secretos e com as questões tecnológicas de contenção (quase sempre através de efeitos isolantes como "círculos mágicos" e palavras de invocação e expulsão) e canalização (freqüentemente usando a conhecida 'Varinha de condão") das energias.

O problema do espaço "sagrado" está presente em todos os processos ritualísticos e em todos os tipos de conhecimento profundo e controle de energias. O espaço sagrado é o recipiente da energia em seu estado bruto — o "transformador redutor" que isola e depois canaliza as energias atraídas para ele. É o escudo do reator na usina nuclear. É o santuário na igreja. São os hinos e as preces comuns, as inovações e bênçãos, usados para invocar o Poder Divino, e em seguida proteger os fiéis da sua crua intensidade, ao mesmo tempo em que lhes dá o acesso a esse poder.

Há uma história fascinante na Bíblia sobre essa questão da contenção e do espaço sagrado. O rei Davi e seu exército recapturaram a Arca da Aliança — uma espécie de "estação geradora" portátil do poder de Javé — das mãos dos filisteus. Estavam transportando-a de volta a Jerusalém quando os bois que puxavam a carroça tropeçaram. A Arca começa a tombar. Um soldado, que caminha ao lado da carroça, estende instintivamente os braços e toca na Arca, tentando firmá-la. Na mesma hora morre, porque apenas os sacerdotes, os magos, treinados para lidar com o "núcleo reator" do poder de Deus, podem tocá-la. Eles conhecem o segredo da isolação; sabem como conter e canalizar o poder de Javé na Terra. O infeliz soldado, apesar de todas as suas boas intenções, não sabia.

No filme Caçadores da arca perdida (Raiders ofthe lost arfè)vemos o tema desse poder gerador com um tratamento atual. Nele, Indiana Jones está competindo com os nazistas para encontrar a Arca e depois usar o enorme poder dessa antiga "tecnologia". Os nazistas chegam primeiro. Há uma cena maravilhosa em que o comandante alemão, envergando convenientemente o manto cerimonial, recita as invocações ritualísticas para ativar o poder da Arca. Está ligando o interruptor. Mas, evidentemente, não é mago. Porque, tendo acionado o gerador não consegue conter as forças que liberou. Não consegue achar o interruptor que desliga. O poder de Javé está solto e, na ausência do mago como conhecedor e técnico, o exército nazista é pulverizado.

Um tema semelhante aparece numa seqüência de Fantasia, de Walt Disney. Mickey Mouse, o aprendiz de feiticeiro, fica responsável pela limpeza do estúdio de seu mestre – o feiticeiro (mago). Em vez de fazer o trabalho da maneira convencional, com esforço, ele resolve usar o poder da magia. Ativa o esfregão e o balde, e no início tudo vai bem. Mas ele perde o controle do poder que liberou. Não passa de um aprendiz, afinal de contas, e não sabe como conter a energia que colocou em ação. Os esfregões e

baldes começam a se multiplicar. A. situação se torna frenética, o infeliz Mickey não consegue acertar com as palavras que interromperiam essa explosão de poder. Os esfregões e os baldes não param de despejar água na sala, até que o aprendiz é apanhado por uma onda e corre o risco de se afogar. Somente a volta do mestre resolve a situação.

Com a física subatômica, muitas vezes descobrimos tarde demais que o nosso conhecimento e a nossa técnica de contenção são inadequados. O desastre soviético de Chernobyl é o exemplo mais dramático e infeliz.

O mesmo ocorre na psicoterapia. Muitas vezes o terapeuta que não foi adequadamente iniciado e não é conhecedor o bastante — e é ainda um "aprendiz" de certas formas fundamentais – libera no analisando energias que nenhum dos dois é capaz de conter. Esse problema da contenção está sempre surgindo no contexto da terapia de grupo, especialmente nos "grupos de encontro" dos anos 60 e 70. Quase sempre, nenhum dos participantes nem o líder possuíam uma compreensão real das forças que poderiam ser liberadas. O líder não tinha nem o conhecimento, nem a competência técnica, da dinâmica psicológica para controlar o processo.

O grupo, conseqüentemente, se tornava negativo e ocorria a "desintegração", primeiro dos indivíduos depois do grupo inteiro. O mesmo acontece nos concertos de rock, de tempos em tempos. Os músicos invocam as emoções agressivas e passageiras do público e então, se não têm acesso suficiente ao Mago, não conseguem conter e canalizar as energias. A platéia fica violenta, cria um tumulto no teatro, e até nas ruas, numa orgia de destruição.

O Mago na Sua Plenitude

O que tudo isso significa para nós, homens, interessados na nossa própria busca de felicidade pessoal e de uma vida mais plena para nossos entes queridos, nossas firmas, nossas causas, nossos povos, nossas nações e o mundo? Que funções exerce no nosso cotidiano a forma masculina amadurecida da energia do Mago?

O Mago é o arquétipo da consciência e da percepção, principalmente, mas também do conhecimento de tudo que não é imediatamente visível ou captado pelo bom senso. É o arquétipo que governa o que em psicologia se chama o "Ego observador".

Embora se admita às vezes na psicologia profunda que o Ego tem uma importância secundária em relação ao inconsciente, na verdade ele é fundamental para a nossa sobrevivência. Só quando está possuído por uma outra forma de energia – um arquétipo ou "complexo" (um fragmento arquetípico, como o Tirano) –, identificado ou inflado com ela é que ele funciona mal. O seu papel é recuar e observar, sondar o horizonte, monitorar as informações vindas de dentro e de fora e depois, com a sua sabedoria – o seu conhecimento do poder, interno e externo, e a sua habilidade técnica de canalização –, tomar as decisões necessárias.

Quando o Ego observador está alinhado com o Si-mesmo masculino ao longo de um "eixo Ego-Si-mesmo", ele é iniciado na sabedoria secreta do Si-mesmo. É, de certo modo, o servo do Si-mesmo masculino. Mas, em outro sentido, é o líder e o canalizador dessa energia do Si-mesmo. Tem, portanto, um papel fundamental na personalidade como um todo.

O Ego observador está afastado do fluxo normal dos fatos, sentimentos e experiências do dia-a-dia. De certo modo, não vive a vida. Observa a vida, e depois aperta os botões certos na hora certa para ter acesso às correntes energéticas, quando necessárias. É como o operador de uma represa hidrelétrica, que observa seus medidores e as telas do computador para controlar a pressão superficial da represa e então decide se vai ou não abrir as comportas para deixar a água sair.

O arquétipo do Mago, de comum acordo com o Ego observador, nos mantém isolados do poder arrasador dos outros arquétipos. É o matemático e o engenheiro existentes em cada um de nós que regula as funções da psique e sabe como canalizá-la para o seu proveito máximo. Conhece a força inacreditável do "sol" interior e sabe como canalizar essa energia solar, tirando o máximo proveito de seus benefícios. O modelo do Mago regula as correntes de energia internas dos diversos arquétipos em prol de nossas vidas individuais.

Muitos magos humanos, em qualquer profissão ou atividade (os ocultistas também), estão conscientemente usando seus conhecimentos e competência técnica para ajudar os outros e a si mesmo. Médicos, advogados, sacerdotes, executivos, bombeiros e eletricistas, cientistas pesquisadores, psicólogos e muitos outros estão, quando têm acesso adequadamente à energia do Mago, trabalhando para transformar a energia bruta em algo vantajoso para os outros. É o que acontece com os pajés e xamãs e suas matracas, amuletos, ervas e fórmulas mágicas. E é igualmente válido para os técnicos de pesquisa na área da medicina que estão procurando a cura para as nossas doenças fatais.

A energia do Mago está presente, no arquétipo do Guerreiro sob a forma da sua clareza de pensamento, que já examinamos em detalhes. O Mago sozinho não tem capacidade para agir. Isso é especialidade do Guerreiro. Mas é capaz de pensar. Sempre que nos defrontamos com o que parece ser uma decisão impossível no nosso dia-a-dia — a quem promover na empresa quando há questões políticas complexas e difíceis a serem consideradas, como lidar com a falta de motivação de nosso filho na escola, como projetar uma casa de modo a satisfazer as especificações do cliente e as normas de construção da cidade, o que revelar a um analisando sobre o significa do dos seus sonhos quando o vemos na iminência de uma crise, até mesmo como equilibrar um orçamento apertado —, sempre que fazemos coisas desse tipo, sempre que tornamos essas decisões, ponderando com cuidado e discernimento, estamos tendo acesso ao Mago.

O Mago, portanto, é o arquétipo da reflexão. E, por conseguinte, da energia da introversão. O que entendemos por introversão não é timidez, mas sim a capacidade de se afastar das tormentas internas e externas e entrar em contato com as verdades e os recursos internos profundos. Os introvertidos, neste sentido, vivem muito mais centrados do que as outras pessoas. A energia do Mago, ao ajudar a formação do eixo Ego-Si-mesmo, é inarredável na sua estabilidade, centralização e afastamento emocional, Não é facilmente empurrado de um lado para o outro.

O Mago quase sempre entra em ação numa crise. Um senhor de meia-idade nos contou o que lhe aconteceu recentemente num desastre de carro. Era inverno, e ele descia uma montanha. Um automóvel que ia na sua frente parou num sinal mais abaixo. Quando viu, o senhor brecou, mas encontrou uma superfície coberta de gelo. Os freios travaram e o carro desceu a montanha feito um bólido. O homem entrou em pânico quando viu que deslizava na direção da traseira do outro carro. Então uma coisa incrível aconteceu: uma mudança de estado de consciência. De repente, tudo parecia estar movendo-se em câmara lenta. O homem se sentiu calmo e firme. Dispunha agora de "tempo" para decidir entre as poucas opções que tinha. Era como se um computador assumisse a direção, um outro tipo de inteligência dentro dele. Uma "voz" interior disse-lhe para soltar o pedal do freio, bombeá-lo algumas vezes e virar tudo o que pudesse para a direita. Assim, bateria de canto no carro lá embaixo, diminuindo o impacto, e chegaria mais ou menos inteiro no barranco macio, coberto de neve, na beira da estrada. O homem executou com sucesso as manobras.

Achamos que o que ele estava relatando era o repentino acesso à energia do Mago, uma energia cujo "conhecimento" desapaixonado dos diversos resultados possíveis e cuja compreensão das linhas de força (de contenção e canalização) poderiam ajudá-lo, com a competência técnica, a sair de uma

situação ruim.

Se pensarmos por um momento em todas as áreas da nossa vida em que o pensamento claro, cuidadoso, baseado na sabedoria interior e na competência técnica, ajudaria, perceberemos a necessidade do acesso adequado ao Mago.

Freqüentemente, em situações difíceis como essa, as pessoas entram numa espécie de organização espaço-temporal que podemos chamar de "sagrada", por ser tão diferente do espaço e do tempo que normalmente vivenciamos. O motorista do nosso exemplo viu-se de repente num espaço e num tempo interiores (o efeito da câmara lenta que descreveu) muito diferentes do pânico e do medo que sentiu. Esse espaço "sagrado" é algo que os homens guiados pelo Mago conhecem bem. Eles conseguem até deliberadamente entrar nesse "espaço", como os magos ritualísticos que traçam seus círculos mágicos e recitam palavras mágicas. Eles se colocam nesse espaço ouvindo certas músicas, dedicando-se a um hobby, fazendo longas caminhadas pelo bosque, meditando sobre certos temas e figuras mentais, e através de vários outros métodos. Quando estão nesse espaço sagrado interior, podem ter contato com o Mago; podem sair lá de dentro vendo o que precisam fazer em relação a um problema e sabendo como agir.

Acreditamos que as diversas formas como o Mago tem aparecido na história e como ele aparece hoje entre os homens são meros fragmentos de uma imagem secundariamente una. Esse Mago primordial existente nos homens manifestou-se de maneira mais plena no que os antropólogos chamam de xamã. Nas sociedades tradicionais, o xamã era o curandeiro, aquele que restituía a vida, que encontrava as almas perdidas e que descobria as causas ocultas dos infortúnios. Era quem devolvia a totalidade e a plenitude do ser tanto aos indivíduos como às comunidades. Na verdade, a energia do Mago hoje continua tendo o mesmo objetivo último. O Mago, e o xamã como seu expoente humano mais pleno, visa a plenitude do ser para todas as coisas, através da aplicação piedosa do conhecimento e da tecnologia.

O Mago da Sombra: o Manipulador e o "Inocente" Negador

Por mais positivo que seja o arquétipo do Mago, como todas as outras formas potenciais de energia masculina amadurecida, ele também tem um lado da sombra. Se esta era é a do Mago, é também a do Mago da Sombra bipolar. Basta apenas lembrar o problema cada vez maior dos lixos tóxicos envenenando e destruindo o meio ambiente do nosso planeta. Os "esfregões e baldes" do aprendiz de feiticeiro proliferam enquanto se escancara o buraco na camada de ozônio, os oceanos devolvem os nossos dejetos, a fauna e a flora perecem (muitas espécies em total extinção), as florestas tropicais brasileiras vêm abaixo, não só destruindo o sistema ecológico no Brasil, mas ameaçando também a capacidade de todo o globo terrestre de produzir oxigênio suficiente para manter a maioria das formas de vida. Foi o Mago da Sombra que nos deu os dias mais tenebrosos da Segunda Guerra Mundial, não apenas a tecnologia dos campos de extermínio, mas também a espada do juízo final que continua pendendo sobre as nossas cabeças. O domínio da natureza, função própria do Mago, vem atacando às cegas, e com resultados incalculáveis, que já estamos começando a sentir. Por trás dos serviços de propaganda, dos comunicados à imprensa controlados, da censura das notícias e dos comícios políticos artificialmente orquestrados está o rosto do Mago como Manipulador.

O pólo ativo do Mago da Sombra é, de certo modo específico, uma "Sombra do poder". O homem sob essa Sombra não guia os outros, como faz o Mago; dirige-os por caminhos escuros. O seu interesse não é iniciar os outros gradualmente — em níveis que sejam capazes de integrar e dominar — a vidas melhores, mais felizes e satisfatórias. Ao contrário, o Manipulador manobra as pessoas retendo as informações que poderiam ser úteis ao bem-estar delas. Cobra caro por qualquer pequena informação que

dá, que costuma ser apenas o suficiente para demonstrar a sua superioridade e o quanto ele sabe. O Mago da Sombra não é só distante, também é cruel.

Lamentavelmente, pode-se ver um bom exemplo disso nas nossas escolas de pós-graduação. Vários alunos — inteligentes , talentosos e esforçados — nos contaram suas experiências com o Mago da Sombra no relacionamento com os professores. Em vez de se aproximarem do Mago adequadamente e dessa forma orientarem a iniciação desses jovens no reino esotérico dos estudos avançados, esses homens habitualmente atacavam seus alunos, procurando arrasar com o entusiasmo deles. Infelizmente, essa cena se repete com muita freqüência em todos os níveis das instituições educacionais — do jardim da infância à escola de medicina, do ginásio às escolas técnicas profissionalizantes.

Muitos homens envolvidos na prática da medicina moderna revelam essa Sombra de poder também. Todos sabem que quem ganha melhor na medicina é o especialista, aquele que é iniciado nas áreas refinadas do conhecimento. Há, sem dúvida, muitos médicos especialistas sinceramente interessados no bem-estar de seus pacientes. Mas um grande número deles não lhes revelam detalhes importantes sobre as suas doenças. Especialmente no campo da oncologia, é comum os médicos reterem informações importantes que permitiriam aos pacientes e à família destes se prepararem para os sacrifícios do tratamento e para a possibilidade da morte. Além disso, os elevados custos da medicina – especialmente de equipamentos e métodos estrangeiros – são um testemunho da ganância, não só de poder (o poder que o conhecimento secreto dá a quem o possui), mas também de riqueza material, de que são vítimas os homens possuídos pelo Manipulador. Esses homens estão usando seus conhecimentos secretos em seu próprio proveito primeiro, e só depois em benefício dos outros, talvez.

A crescente complexidade das leis e a linguagem cifrada dos processos e documentos legais — sejam quais forem as outras finalidades que possam ter — proclamam claramente ao público: "Nós, advogados, temos acesso a um conhecimento oculto que pode ou não acabar com você. E depois que lhe cobrarmos uma taxa exorbitante por nossos serviços, você poderá ou não beneficiar-se da nossa magia."

Com muita freqüência, também, no consultório, o terapeuta oculta uma informação que o cliente precisa para melhorar seu estado e, sutilmente, ou nem tanto, comunica-lhe: "Sou guardião da grande sabedoria e do conhecimento secreto, a sabedoria e o conhecimento que você precisa para ficar bom. Eu os possuo. Tente tirá-los de mim. E, por falar nisso, deixe o seu cheque com a secretária ao sair."

Essa retenção e esse segredo com o propósito de engrandecimento pessoal podem ser vistos também em "Madison Avenue". A manipulação em massa da psique do público pelos anunciantes , para alimentar a ganância e a vaidade das empresas para as quais trabalham, usando a mentira, revela um distanciamento cínico do reino das relações verdadeiras, que é ponto por ponto tão destrutivo e interesseiro como qualquer coisa feita pelo serviço de propaganda dos governos totalitários. Com a utilização hábil de imagens e símbolos que agradam às feridas de seus companheiros humanos, esses charlatães chacoalharam as contas e agitam as penas do praticante de magia negra, o feiticeiro do mal, o bruxo do ritual vudu.

O homem sob o poder do Manipulador não magoa apenas as outras pessoas com o seu cínico distanciamento do mundo dos valores humanos e com as suas tecnologias subliminares manipuladoras,
magoa a si mesmo também. É o homem que pensa demais, que se afasta da sua própria vida e não a vive. Fica preso na teia dos prós e contras, nas decisões que tem que tomar e se perde num labirinto de reflexões tortuosas de onde não consegue sair. Tem medo de viver, de "saltar para a batalha". Só consegue ficar sentado na sua pedra, pensando. Os anos passam. Ele se espanta vendo que o tempo se foi. E acaba lamentando uma vida estéril. É um voyeur, um aventureiro da poltrona. No mundo acadêmico,

é aquele homem minucioso, preocupado com detalhes. Com medo de tomar a decisão errada, não decide coisa alguma. Com o seu medo de viver, tampouco consegue participar da alegria e do prazer que as outras pessoas sentem na vida que vivem. Se ele se retrai do contato com as outras pessoas, e não compartilha o que sabe, acaba sentindo-se isolado e sozinho. Na medida em que magoa os outros com o seu conhecimento e a sua tecnologia – em qualquer campo e de qualquer forma – afastando-se da convivência com outros seres humanos, ele isola a sua própria alma.

Há vários anos, houve uma história da Ttvilight Zone (Zona do crepúsculo) sobre um homem possuído dessa maneira pelo Mago da Sombra. Ele gostava de ler e se julgava superior aos seus semelhantes. Rejeitava as tentativas que as outras pessoas faziam para conhecê-lo e levá-lo a dividir o seu considerável conhecimento. Então aconteceu uma guerra nuclear, e esse homem foi o único ser humano vivo que sobrou na terra. Em vez de ficar arrasado com isso, ele ficou exultante e correu para a biblioteca mais próxima. Encontrou o prédio em ruínas e milhares de volumes espalhados pelo chão. Feliz, inclinou-se para examinar a primeira pilha de livros, e deixou cair os óculos no meio do entulho. As lentes se partiram.

Sempre que nos afastamos, que não nos relacionamos, que retemos algo que sabemos que poderia ajudar outras pessoas, sempre que usamos o nosso conhecimento como uma arma para humilhar e controlar os outros, ou para nos gabarmos às custas do nosso status ou riqueza, estamos identificados com o Mago da Sombra como Manipulador . Estamos fazendo magia negra, prejudicando-nos da mesma forma que às pessoas que poderiam beneficiar-se da nossa sabedoria.

O pólo passivo da Sombra do Mago é o que estamos chamando de Ingênuo, ou "Inocente". O "Inocente" é o que sobrou, na passagem da infância para a idade adulta, do pólo passivo da Sombra da Criança Precoce – o Palerma. O "Inocente" também. Ele quer o poder e o status que tradicionalmente pertencem ao homem que é mago, pelo menos nas áreas socialmente aprovadas. Mas não quer assumir as responsabilidades do verdadeiro mago. Não quer compartilhar e ensinar. Não aceita a tarefa de ajudar os outros da maneira cuidadosa e gradual que constitui uma parte necessária de qualquer iniciação. Não quer cuidar do espaço sagrado. Não quer saber, e certamente não está interessado em fazer o grande esforço necessário para adquirir perícia na contenção e canalização de poder de maneira construtiva. Quer aprender apenas o suficiente para tirar dos trilhos quem está fazendo esforços compensadores. Afirmando solenemente a inocência de seus motivos ocultos, o homem possuído pelo "Inocente", "bom demais" para fazer ele mesmo um esforço, bloqueia os outros e tenta derrubá-los. Enquanto o Trapaceiro prega peças em parte para revelar a verdade, o "Inocente" oculta essa verdade para conquistar e conservar o seu próprio status precário. Enquanto o Trapaceiro visa o esvaziamento necessário da nossa grandiosidade, o Mago da Sombra, tanto como Manipulador quanto como "Inocente", trabalha para nos esvaziar, quando esse esvaziamento é não só desnecessário como prejudicial.

As motivações ocultas do "Inocente" surdinam-se da inveja de quem age, vive e quer compartilhar. Como ele inveja a vida, também tem medo das pessoas que irão descobrir a sua falta de energia para viver e lançá-lo do alto do seu vacilante pedestal. O distanciamento e as "atitudes comoventes", as observações deflatoras, a hostilidade diante das perguntas, até a perícia acumulada, tudo destina-se a encobrir a verdadeira desolação interior e ocultar do mundo a sua real irresponsabilidade e inércia.

O homem possuído pelo "Inocente" comete o pecado da inércia e o pecado da omissão, mas oculta os seus motivos hostis atrás da parede impenetrável de uma falsa ingenuidade. Esses homens são traiçoeiros e dissimulados. Não nos permitem envolvê-los frontalmente com a nossa energia do Guerreiro. Defendem-se das nossas tentativas para enfrentá-los, mantendo-nos assim desequilibrados ao nos fazer por um processo infindável de dúvidas quanto ao que intuímos do comportamento deles. Se desafiamos a sua "inocência", quase sempre reagem com uma perplexidade capaz de arrancar lágrimas e nos deixam na

mão. Às vezes até nos sentimos envergonhados por lhes termos atribuído motivos indignos e chegamos à conclusão de que somos paranóicos. Mas não vamos conseguir escapar da sensação constrangedora de termos sido manipulados. E, com essa sensação, teremos detectado o pólo ativo da Sombra do Mago por trás da cortina de fumaça da sua "inocência".

O Acesso ao Mago

Se estivermos possuído s pelo Manipulador, estaremos nas garras da Sombra do poder do Mago. Se sentirmos que perdemos o contato com o Mago na sua plenitude, seremos apanhados no pólo passivo desonesto e negativo da sua Sombra. Nesse caso, não teremos muita noção da nossa própria estrutura interior, da nossa própria tranqüilidade e lucidez. Não teremos um sentimento de segurança interior, e não confiaremos em nossos processos mentais. Não seremos capazes de nos distanciar de nossas emoções e problemas. Tenderemos a vivenciar um caos interior e ficar vulneráveis às pressões externas, que nos jogarão de um lado para o outro nas mais diferentes direções. Agiremos com os outros de maneira passiva-agressiva, mas diremos que somos inocentes de qualquer intenção perversa.

Uma das coisas mais difíceis de fazer como conselheiro ou terapeuta é conseguir que os clientes separem seus Egos de suas emoções sem, ao mesmo tempo, reprimi-las. Há um exercício psicológico realmente bom para isso; chama-se focalização, criado por Eugene Gendlin. Pedimos aos nossos clientes que, quando perceberem o início de uma emoção forte– terror, inveja, ira, desespero –, se sentem numa poltrona de "observação" e, conforme os sentimentos forem surgindo, imaginem que os estão empilhando no meio da sala. Cada um deve ser colocado na pilha cuidadosamente, depois disso podemos voltar a nos sentar e observar o sentimento – a sua cor, o seu forma toe as suas nuances emocionais . Pedimos aos clientes que olhem bem seus sentimentos – sem julgá-los nem menosprezá-los, mas observando-os. "Ah, você está aí novamente! É esta a sua cara!" Se os sentimentos estão no meio da sala, onde o Ego pode vê-los, não estão sendo reprimidos . Então, quando a força deles acaba, pedimos aos clientes que os mandem embora.

O que esse exercício faz é ajudar o cliente a reforçar a sua comunicação com a energia do Mago. É ele que observa e pensa. É o Mago que possibilita ao Ego empilhar os sentimentos ordenadamente. As energias emocionais, assim contidas, acabam perdendo a força. Finalmente, o Ego fortalecido pode ser capaz de pegar essa energia emocional bruta e transformá-la em formas úteis e vivificantes de expressão do Si-mesmo.

Um outro exercício ajudou um jovem a ter acesso à sua energia do Mago. O rapaz era aterrorizado quase todas as noites por sonhos em que ciclones avançavam sobre ele. Imensas e escuras nuvens afuniladas vinham na sua direção enquanto ele se encolhia agachado sob uma árvore no quintal da casa em que morava quando criança. Não tinha idéia do que isso significava. No decorrer da terapia, compreendeu que o seu inconsciente, através desses sonhos com ciclones, estava retratando a sua raiva infantil. Os pais eram alcoólatras e ele ficara com a responsabilidade de administrar a casa e cuidar deles. E não só isso, fora usado sexualmente várias vezes por um dos tios. A raiva infantil era enorme, e estava revelando-se nos sonhos com toda a sua intensidade. As tormentas irrefreáveis que tumultuavam os campos interiores desse rapaz estavam dilacerando a sua vida pessoal e profissional. Sentia-se profundamente deprimido.

Como o rapaz tinha um certo talento artístico, o terapeuta sugeriu-lhe que desenhasse os ciclones.

Em seguida, deveria desenhar os ciclones numa cápsula revestida de chumbo, de modo que a sua raiva

ficasse girando como uma espiral magnética num gerador de eletricidade. Depois deveria desenhar fios e transformadores saindo da cápsula e indo para os postes de iluminação nas ruas, para as casas e fábricas – tudo que precisasse dessa energia.

Não demorou muito, a vida do rapaz começou a mudar. Ele teve força para largar o emprego. Sempre quisera trabalhar com teatro infantil. De repente, sem ele esperar, começaram a surgir ofertas para esse tipo de trabalho. A enorme energia da sua raiva infantil em estado bruto, agora contida e canalizada para as "luzes" e "fábricas" da sua vida atual, funcionava como uma central elétrica para o seu novo modo de viver. A "magia negra" da sua raiva caótica e selvagem era agora a "magia branca" da "eletricidade", "iluminando" a sua vida.

O que o terapeuta fez, ao sugerir que ele desenhasse foi possibilitar que o cliente recorresse ao Mago na sua plenitude para conter e canalizar emoções primárias. Se estivermos comunicando-nos corretamente com a energia do Mago, estaremos acrescentando às nossas vidas pessoais e profissionais uma dimensão de clarividência, de profunda compreensão e reflexão acerca de nós mesmos e dos outros, além de habilidade técnica na forma de lidar externa e internamente com as forças psicológicas. Ao entrarmos em contato com o Mago, precisamos regular essa energia com os outros três arquétipos dos modelos de masculinidade amadurecida. Nenhum deles, como vimos, funciona bem sozinho; temos que combinar o Mago com a preocupação do Rei em ser generoso e gerador, com a capacidade do Guerreiro de agir de maneira decidida e corajosa, e com a relação profunda e segura do Amante com todas as coisas. Estaremos canalizando os fluxos de energia em benefício dos seres humanos e, quem sabe, da elevação de todo o planeta.

CAPÍTULO OITO
O Amante

As Cavernas dos Elefantes, numa ilha no mar de Omã, na costa de Bombaim, na Índia, mesmo de longe compõem uma visão espetacular. São os "Templos da Perdição" sinais da história de Indiana Jones. Localizam-se na encosta de uma montanha íngreme coberta por uma densa floresta cujas árvores descem até a beira d'água. Os macacos correm entre a vegetação rasteira e se balançam, gritando e guinchando no topo das árvores.

Uma vez lá dentro, o conjunto de cavernas-templo abrem-se num esplendor misterioso e sombrio. E ali, iluminada por centenas de velas bruxuleantes, erguendo-se na penumbra, talhada na rocha viva, esta uma enorme representação do grande falo do deus hindu Xiva, Criador e Destruidor do Mundo. A imagem é tão forte, tão carregada de energia — vital para os fiéis, que dia e noite a caverna-templo zune com o vaivém de milhares de peregrinos e ecoa com seus cantos. O fiel é envolvido num clima de total fascinação por essa representação do masculino divino e reage com um abafado "sim" de reconhecimento.

Os gregos antigos tinham um deus, Príapo, cujo falo era tão grande que ele precisava carregá-lo num carrinho de mão. Os egípcios reverenciavam o deus Osíris na forma de um pilar djed. Nos tradicionais festejos da fertilidade, os japoneses ainda dançam com imensos falos artificiais para invocar as forças procriadoras da natureza.

O pênis ereto, não há dúvida, é um símbolo sexual. Mas também é um símbolo da própria energia vital. Para os povos antigos, o sangue era o veículo do espírito, da energia, da alma. E o sangue sustentando o pênis ereto era o próprio espírito na carne. A energia vital – sempre divina – ingressava no mundo profano da matéria e da vida humana, O resultado dessa união do humano com o divino, do mundo com Deus, era sempre criativo e energizante. Dela se originavam novas vidas e formas, novas combinações de oportunidades e possibilidades.

Há várias formas de amor. Os antigos gregos falavam de ágape, o amor não erótico, que a Bíblia chama de "amor fraterno". Falam de eros tanto no sentido restrito de amor fálico ou sexual, como no sentido mais amplo do amor como a necessidade de ligar e unir todas as coisas. Os romanos falavam de amor, a união total de um corpo e uma alma com outro corpo e outra alma. Essas e todas as outras formas de amor (em parte, variações das primeiras) são a expressão viva da energia do Amante na vida humana.

Os junguianos muitas vezes usam o nome do deus grego Eros, quando falam da energia do Amante. Usam também o termo latino libido. Com esses termos, referem-se não apenas aos apetites sexuais, mas ao apetite pela vida em geral.

Acreditamos que o Amante, seja qual for o seu nome, é o padrão energético primor dial daquilo que poderíamos chamar de força, entusiasmo e paixão. Vive através da grande fome social que nossa espécie tem de sexo, alimento, bem-estar, reprodução, adaptação criativa diante das dificuldades da vida e, basicamente, de compreensão das coisas – sem os quais os seres humanos não resistem. O impulso do Amante é de satisfazer essas necessidades.

O arquétipo do Amante também é fundamental para a psique porque é a energia da sensibilidade ao ambiente externo. Expressa o que os junguianos chamam de "função de sensação", a função da psique treinada em todos os detalhes da experiência sensorial, a função que observa as cores e as formas, os sons, as sensações táteis e os cheiros. O Amante também monitora as texturas mutantes do mundo psicológico interior conforme ele vai reagindo à entrada das impressões sensoriais. É fácil ver o valor desse potencial energético para a sobrevivência de nossos longínquos ancestrais roedores, que lutavam para

continuar num mundo perigoso.

Seja qual for o seu cenário primitivo, como o Amante se revela nos homens hoje em dia? Como ele nos ajuda a sobreviver e até a prosperar? Quais as suas características?

O Amante na Sua Plenitude

O Amante é o arquétipo da representação e da "exibição", da encarnação saudável, do estar no mundo dos prazeres sensuais e no próprio corpo sem sentir vergonha. Assim, o amante é profundamente sensual – sensualmente consciente e sensível ao mundo físico em todo o seu esplendor. O Amante se relaciona com tudo e com todos, atraído através de sua sensibilidade. Esta o leva a sentir-se compassiva e empaticamente unido com eles. Para o homem que tem acesso ao Amante, todas as coisas se ligam entre si de forma misteriosa. Ele vê, como dizemos, "o mundo num grão de areia". É a consciência que sabia, muito antes da invenção da holografia, que na verdade vivemos num universo "holográfico" — em que cada parte reflete a outra numa união imediata e solidária, A energia do Amante não apenas vê o mundo num grão de areia. Ele sente que é assim que as coisas são.

Um menino começou a fazer psicoterapia por insistência dos país, que o achavam muito "estranho". Ele passava muito tempo sozinho, diziam eles. O que o garoto relatou, quando lhe perguntaram a respeito da sua suposta "estranheza", foi que costumava caminhar pela floresta até achar um lugar isolado.

Sentava-se no chão e ficava observando as formigas e outros insetos percorrerem seus caminhos sinuosos através da grama, das folhas secas e das outras plantinhas. E então, disse ele, começava a sentir que o mundo é como as formigas. Imaginava-se uma delas. Sentia as sensações que elas tinham subindo nos seixos (para ele, rochas imensas) e equilibrando-se precariamente nas extremidades das folhas.

Talvez ainda mais impressionante foi ele dizer que era capaz de se sentir como o líquen das árvores e o limo frio e úmido dos troncos caídos. Ele vivenciava a fome e a alegria, o sofrimento e a satisfação, de todo o mundo animal e vegetal.

Esse menino, na nossa opinião, tinha um forte acesso ao Amante. Possuía instintivamente uma empatia com o mundo das coisas ao seu redor. Talvez estivesse realmente sentindo, como acreditava, a real vivência dessas coisas.

Achamos que o homem que tem acesso ao Amante está aberto a um "inconsciente coletivo", talvez ainda mais amplo do que o proposto por Jung. O inconsciente coletivo junguiano é o "inconsciente" de todos os seres da espécie humana e contém, como disse Jung, as lembranças inconscientes de tudo o que já aconteceu na vida de todas as pessoas que já viveram.

Mas se, conforme afirmou Jung, o inconsciente coletivo parece ser ilimitado, por que parar por aqui? E se ele for amplo o bastante para abranger as impressões e sensações de todos os seres vivos? Talvez abranja o que certos cientistas chamam hoje de "consciência primordial" até das plantas.

A idéia de haver uma consciência universal reflete-se no personagem Obe Wan Kanobe, de Guerra nas estrelas, que é profundamente sensível e empático em relação a toda a galáxia e percebe qualquer mudança sutil na "Força". Os filósofos orientais dizem que somos como ondas na superfície desse vasto oceano. A energia do Amante está em contato íntimo e imediato com essa ligação "oceânica" subjacente.

Junto com a sensibilidade a todas as coisas internas e externas vem a paixão. O contato do Amante não é basicamente intelectual. Ele acontece através do sentimento. Os anseios primordiais são para todos nós emoções incontroláveis, pelo menos interiormente. Mas o Amante sabe disso muito bem. Estar próximo do inconsciente significa estar perto do "fogo" — do fogo da vida e, em nível biológico, do fogo dos processos metabólicos geradores de vida. O amor, como todos sabemos, é "quente", quase sempre "quente demais".

O homem sob a influência do Amante quer tocar e ser tocado. Quer tocar tudo física e emocionalmente e quer ser tocado por tudo. Não reconhece fronteiras. Deseja externar a ligação que sente com o mundo interior, no contexto de suas emoções intensas, e com o mundo exterior, no contexto dos relacionamentos com as outras pessoas. Em última análise, quer vivenciar o mundo das experiências sensuais em sua totalidade.

Ele possui o que se conhece como consciência estética. Vivência tudo, não importa o que seja, esteticamente. Tudo na vida é arte para ele e evoca sentimentos de nuances sutis. Os nômades de Kalahari são Amantes. Estão em harmonia estética com tudo o que os cerca. Percebem centenas de cores no seu mundo deserto, nuances sutis de luz e sombra e tonalidades que para nós são apenas castanho ou bronze.

A energia do Amante, saciando-se da Criança Edipíana, é também a fonte da espiritualidade — especialmente daquilo que chamamos de misticismo. Na tradição mística, que fundamenta e está presente em todas as religiões do mundo, a energia do Amante, através dos místicos, intui a Unidade básica de tudo o que existe e busca ativamente vivenciá-la no cotidiano, enquanto ela ainda residir num homem mortal, finito.

O mesmo garoto que era capaz de se imaginar uma formiga também relatou o que nos pareceu ser o início de uma experiência mística. Ele descreveu uma sensação estranha que sentiu em certos momentos, durante um acampamento de verão para rapazes. Uma vez por semana, eles eram acordados no meio da noite e conduzidos por caminhos sombrios, na densa escuridão da floresta, até uma clareira, onde assistiam a uma representação de músicas e danças dos antigos índios americanos. Esse menino disse que muitas vezes, enquanto caminhava em fila atrás dos outros garotos da sua cabana, sentia uma necessidade quase incontrolável de abrir os braços e voar no meio da escuridão, sentindo as árvores penetrando no seu "corpo espiritual" sem dor, apenas com um sentimento de êxtase. Disse que era como se ele quisesse ser "um" com o Mistério do escuro desconhecido e com a floresta noturna, ameaçadora, porém estranhamente tranqüilizante. Esse tipo de sensação é a que os místicos das religiões do mundo inteiro descrevem quando falam do desejo de se tornarem Um com o Mistério.

Para o homem em contato com o Amante, quase tudo na vida é vivenciado assim. Embora sinta a dor do mundo, sente também uma grande alegria. Talvez conheça, por exemplo, o prazer de abrir uma caixa de charutos e aspirar os aromas exóticos do tabaco. Talvez seja sensível à música. Talvez aprecie muito o som misterioso da cítara indiana, o crescendo de uma grande sinfonia ou o som ascético dos tambores árabes.

Talvez escrever seja uma experiência sensual para ele. Perguntamos aos escritores por que, em geral, têm necessidade de fumar quando se sentam diante de suas máquinas de escrever. A resposta foi que o cigarro relaxa, abrindo os sentidos para as impressões, sentimentos e nuances das palavras. Fumando, eles se sentem profundamente ligados ao que chamam de "a terra" ou "o mundo". Interior e exterior unem-se num todo contínuo, e eles conseguem criar.

As línguas — os diferentes sons e os significados sutis das palavras — serão abordados através da avaliação emocional do Amante. Outras pessoas aprendem-nas mecanicamente, mas os homens em contato com esse arquétipo chegam a elas através do sentimento.

Mesmo as idéias muito abstratas, como as filosóficas, teológicas ou científicas, passam pelos sentidos. Alfred North Whitehead, o grande filósofo e matemático do século XX, deixa isso claro nos seus escritos, ao mesmo tempo técnicos e profundamente sensíveis, até sensuais. E um professor de matemática avançada contou ser capaz de sentir, como ele disse, o que é a "quarta dimensão".

O homem profundamente ligado com a energia do Amante vivência o seu trabalho e as pessoas que trabalham com ele através da sua consciência estética. É capaz de "ler" as pessoas como se fossem um livro. É com freqüência terrivelmente sensível às mudanças de humor dessas pessoas e consegue perceber seus motivos ocultos. Essa experiência pode ser realmente muito penosa.

O Amante não é, portanto, apenas o arquétipo da alegria da vida. Sendo capaz de se sentir em unidade com os outros e com o mundo, também sente necessariamente a dor deles. As outras pessoas podem ser capazes de evitar o sofrimento, mas o homem em contato com o Amante tem que passar por ele. Sente a dor de estar vivo — por si mesmo e pêlos outros. Aqui, temos a imagem de Jesus chorando — por sua cidade, Jerusalém, por seus discípulos, por toda a humanidade — e tomando para si as penas do mundo como o "homem que sofre acostumado com a dor", como diz a Bíblia.

Todos nós sabemos que o amor traz sofrimento e alegria. A nossa percepção de que essa é uma verdade profunda e inalterável está arquetipicamente fundamentada. São Paulo, no seu famoso "Hino ao Amor", que proclama as características do amor autêntico, diz que ele "suporta tudo" e "resiste a tudo". E assim é. Os trovadores do final da Idade Média na Europa cantavam a intensa "dor de amor", que simplesmente é um aspecto inevitável do seu poder.

O homem sob a influência do Amante nega-se a parar diante dos limites socialmente criados. Enfrenta a artificialidade dessas fronteiras. A sua vida é quase sempre não-convencional e "abagunçada" — o estúdio do artista, o gabinete do intelectual criativo, a mesa do chefe "dinâmico". Conseqüentemente, como ele se opõe à "lei", nesse sentido amplo, vemos atuando na sua vida de confrontos com o convencional a velha tensão entre sensualidade e moralidade, entre amor e dever, entre, como Joseph Campbell descreve, poeticamente, "amor e Roma'* — "amor" significando a experiência da paixão e "Roma", o dever e a responsabilidade diante da lei e da ordem.

A energia do Amante, assim, opõe-se totalmente — à primeira vista, pelo menos — às outras energias do masculino amadurecido. Seus interesses se opõem às preocupações do Guerreiro, do Mago e do Rei quanto aos limites, à contenção, à ordem e à disciplina. O que é verdadeiro na psique de cada homem vale também para o panorama histórico e cultural.

Antecedentes Culturais

Na história das nossas religiões e das culturas que delas fluem, podemos ver a tensão entre o amante e os outros arquétipos do masculino amadurecido. Cristianismo, judaísmo e islamismo — as religiões chamadas morais, ou éticas —, todas perseguiram o Amante. O cristianismo vem ensinando, de forma mais ou menos coerente, que o mundo — o próprio objeto de devoção do Amante — é mau, que o Senhor desse mundo é Satanás e que ele é a serem dos prazeres sensuais (sendo o sexo o mais importante deles) que os cristãos devem evitar. A igreja opôs-se muitas vezes aos artistas, inovadores e criadores. No fim do Império Romano, quando a Igreja começou a ter poder, uma das primeiras coisas que fez foi fechar os teatros. Logo em seguida, fechou os prostíbulos e proibiu as exibições de arte pornográfica. Não havia lugar para o Amante; não, pelo menos, na sua expressão erótica.

Seguindo a prática dos antigos hebreus, a Igreja também perseguiu os médiuns, pessoas que, juntamente com os artistas e outros, vivem muito perto do inconsciente imaginativo e, portanto, do Amante. Eis aqui a serem da queima de bruxos e bruxas na Idade Média. Alguns deles , no que se referia à Igreja, não eram apenas médiuns — isto é, profundamente intuitivos e sensíveis às impressões do mundo interior de sentimentos matizados —, mas eram também adoradores da natureza. Como a igreja rotulava como maligno o mundo natural, acreditava-se que os bruxos e as bruxas eram adoradores de Satanás, o Amante.

Até hoje, muitos cristãos ainda se escandalizam com o único livro realmente erótico da Bíblia: os

Cânticos de Salomão são uma série de poemas de amor (baseados nos antigos rituais da fertilidade cananeus) e são pornográficos no melhor sentido da palavra. Descrevem o amor — a ligação física e espiritual — entre homem e mulher. A única maneira de esses cristãos moralistas aceitarem os Cânticos é interpretando-os como uma alegoria do "amor de Cristo pela igreja".

Não se pode banir os arquétipos nem fazer de conta que não existem. O Amante retornou sorrateiramente ao cristianismo como misticismo cristão, através das imagens românticas e sentimentais de um "doce Jesus, meigo e suave", e através do hinário. Se pensarmos um pouco nas conotações eróticas de hinos como "No jardim", "O amor ergueu" e "Jesus, amante da minha alma", para mencionar apenas alguns, poderemos ver o Amante colorindo uma religião essencialmente ascética e moralista com a sua irreprimível paixão.

O amor entre o Pai e o Filho no dogma da Trindade é muitas vezes descrito em termos quase libidinosos. E o próprio dogma da encarnação proclama a fecundação "histórica" de uma mulher humana por Deus e, através da união dos dois, a relação íntima e permanente de Deus com todos os seres humanos. É a presença do Amante na experiência mística e no pensamento teológico cristãos que fundamenta a visão ambivalente, mas ainda assim sacramental da Igreja em relação ao mundo material.

Mas, com tudo isso, a Igreja cristã no seu todo permanece hostil ao Amante. Entre os judeus, ele não se saiu muito melhor. No judaísmo ortodoxo, o Amante, projetado nas mulheres, ainda é desvalorizado. Os livros de orações judaicos tradicionais ainda abrangem, como parte do serviço matinal preliminar, a frase "Abençoado sejais, Senhor, Nosso Deus, Rei do Universo, que não me fizestes mulher". E no judaísmo, conta a história, Eva foi quem pecou primeiro. Essa calúnia contra as mulheres e, por ilação, contra o

Amante com o qual ela é associada, arma o palco para a idéia judaica (e mais tarde cristã e muçulmana) da mulher como a "sedutora" que atua para desviar os homens piedosos dos seus caminhos de busca da "santidade".

As mulheres islamitas têm sido notoriamente desvalorizadas e oprimidas. O islamismo é uma religião que se baseia no aspecto ascético da energia do Guerreiro. Mas também não baniu o Amante. O paraíso muçulmano após a morte aparece como o território desse arquétipo. Lá, tudo que o muçulmano santo negou e reprimiu na sua vida terrena lhe é restituído sob a forma de um banquete eterno, servido por lindas mulheres, "huris de olhos negros".

O hinduísmo é diferente; não é uma religião moralista nem ética no mesmo sentido das religiões ocidentais. Sua espiritualidade é muito mais estética e mística. Ao mesmo tempo que celebra a Unidade de todas as coisas (em Brama) e a união humana com Deus (em Atmã), deleita-se num universo de formas e prazeres sensoriais.

O devoto hindu tem muitos deuses e deusas para conhecer, muitas formas e cores exóticas, meio animais, meio humanas, plantas e até pedras, todas representando as múltiplas e sensualmente luxuriantes formas do Um, aquele que está por trás de tudo, derramando o seu infinito amor e paixão. O hinduísmo celebra o aspecto erótico do Amante, encarnado divinamente nos seus poemas de amor sagrados (o Kama Sutra, por exemplo) e nas excitantes formas de certas esculturas existentes nos templos. Se você pensa que Rei, Guerreiro, Mago e Amante são fundamentalmente opostos, uma visita ao templo hindu de Konarak vai corrigir essa impressão. Em Konarak, deuses e deusas, homens e mulheres, aparecem voluptuosamente em todas as posições sexuais concebíveis, num êxtase de união uns com os outros, com o universo e com Deus.

Nesse contexto, um homem de trinta e poucos anos, sentindo-se sufocado e estéril no trabalho e na sua vida pessoal, veio fazer análise. Era contador e estava sentindo-se cada vez mais desligado do dia-a-dia de cifras e números. Sentia-se cercado pelos códigos de comportamento que fazem parte de várias

dessas profissões "correias", como ele definiu. Sentia-se desligado, segundo disse, das "confusões e dificuldades da vida real". Era evidente que ele não estava em sintonia com o Amante interior.

Nisso, teve um sonho que chamou de "O sonho da jovem indiana". Estava na índia, um lugar a que nunca dera muita atenção antes. Caminhava por ruas miseráveis, infestadas de ratos. O que primeiro o impressionou foram as cores — tons de azul, alaranjados, branco, vermelho e castanho. Depois foram os odores — perfumes e especiarias exóticas, juntamente com o fedor dos dejetos humanos e do lixo em decomposição. Subiu por uma escada pouco firme até um apartamento no segundo andar e ali encontrou uma jovem indiana, suja, mas radiantemente bela vestida com trapos. Amaram-se num colchão manchado e imundo no chão.

Ao acordar, sentiu-se animado, cheio de vigor e alegre como nunca. Descreveu o sentimento como uma espécie de "espiritualidade". No sonho, sentira a presença de "Deus" como um ser sensual, exótico, que desfrutou com ele o ato sexual. Foi uma revelação, e ele passou, com grande proveito para si próprio e suas parceiras sexuais, a ter acesso às energias masculinas amadurecidas do Amante.

Que estilos de vida manifestam mais claramente o Amante? Há dois tipos principais — o artista (em geral) e o médium. Pintores, músicos, poetas, escultores e escritores estão quase sempre "em linha direta" com o Amante. O artista tem fama de pessoa sensível e sensual. Para ver isso, basta olhar as figuras carregadas de luz de Gauguin, as cores cintilantes dos impressionistas, os nus de Goya, as esculturas de Henry Moore. Basta ouvir o misticismo melancólico das sinfonias de Mahler, o Jazz "cool" do grupo Hiroxima ou os poemas sensuais e ondulantes de Wallace Stevens. As vidas pessoais dos artistas são tipicamente, talvez estereotipicamente, turbulentas, confusas e labirínticas — cheias de altos e baixos, casamentos fracassados e, com freqüência, uso de drogas. Eles vivem muito perto do poder abrasador do inconsciente criativo.

De uma forma semelhante, os médiuns autênticos também vivem num mundo de sensações e "vibrações", de intuições profundas. A sua percepção consciente, como a do artista, está extraordinariamente aberta à invasão dos sentimentos e pensamentos das outras pessoas e do reino tenebroso do inconsciente coletivo. Parecem mover-se num mundo que se oculta por trás, ou debaixo, de um outro, de diurno bom senso. Desse mundo misterioso recebem imagens de grande horror e beleza, e pistas quanto ao que está realmente acontecendo com as pessoas — muitas vezes sob a forma de palavras audíveis, ondas de sentimentos fortes, cheiros inexplicados, sensações de calor e frio, inacessíveis às pessoas em geral. Podem até receber impressões acerca do futuro. Todos esses homens que fazem sucesso "lendo" cartas, folhas de chá e mãos estão tendo acesso ao Amante, que une todas as coisas interiormente, que até une o futuro com o presente.

O homem de negócios que tem "palpites" também está em contato com o Amante. O mesmo ocorre com todos nós, quando temos premonições e intuições sobre pessoas, situações e o nosso próprio futuro. Nesses momentos, a unidade subjacente das coisas nos é revelada, mesmo de forma mundana, e somos atraídos para a energia do Amante, que nos liga à realidade que normalmente não percebemos.

Qualquer empenho artístico ou criativo, e quase todas as profissões buscam a criatividade nas energias do Amante, da agricultura à corretagem da Bolsa de Valores, da pintura de paredes à programação de softwares.

Assim são os connoisseurs, aqueles homens que realmente apreciam comidas finas, vinhos, tabacos, moedas, artefatos primitivos e uma grande quantidade de outros objetos materiais. Assim são os aficionados. Os aficionados por trens a vapor sentem uma afinidade sensual, quase erótica, com esses "falos" negros e lustrosos. O amante de automóveis que quer "aquele" Corvette; o admirador de carros usados que gosta de tocar e cheirar, procurando a beleza e os defeitos por baixo da ferrugem e do interior

maltratado; o fã de um certo gênero literário ou grupo de rock — todos esses estão em contato com o Amante. O especialista em cafés e chocolates; o antiquário que trata com carinho um vaso Ming, revirando-o nas mãos — o Amante está manifestando-se em todos eles. O pastor que anima seus sermões com imagens e histórias, que "pensa com o coração", como diziam os índios americanos, em vez de usar apenas a cabeça está em contato com o Amante. O arquétipo canta através dos seus sermões. Todos nós, quando paramos de agir e nos deixamos apenas ser e sentir, sem a pressão de realizar, quando "paramos para cheirar as rosas", estamos sentindo o Amante.

Naturalmente, nós o sentimos com intensidade nas nossas vidas amorosas. Na cultura em que vivemos, em geral esse é o meio mais comum de comunicação com ele. Muitos homens vivem pela emoção de "estarem apaixonados" — isto é, estarem sob o poder do Amante. Nesse estado de consciência estático, que atinge até os mais calejados, encantamo-nos com a nossa amada e a enaltecemos em toda a sua beleza de corpo e alma. Através da nossa união física e emocional com ela, transportam-nos ao Mundo Divino do êxtase e do prazer, por um lado, e do sofrimento e da dor por outro. Juntamo-nos aos trovadores exclamando: "Conheço as agonias do amor!" O mundo inteiro parece-nos diferente, mais vivo, mais claro, mais significativo, as conseqüências não importam. Isso é obra do Amante.

Antes de entrarmos na análise do lado da sombra do Amante, queremos considerar a velha questão da monogamia versus poligamia e promiscuidade. A monogamia nasce do "amor", na forma do sentimento em que homem e mulher se dão um ao outro exclusivamente — corpo e alma. Revela-se no mundo mitológico nas histórias do deus egípcio Osíris e sua esposa Ísis, e do amor do deus Cananeu Baal por sua esposa Anath.

Na mitologia hindu, há o amor eterno entre Xiva e Parvati. E na Bíblia, vemos o amor paciente de Javé por Israel, "sua noiva". A monogamia ainda hoje é o nosso ideal, pelo menos no Ocidente. Mas o Amante também se expressa através da poligamia, de uma série de monogamias ou da promiscuidade. Na mitologia, manifesta-se no amor do hindu Krishna pelas gopis, as mulheres vaqueiras. Ele ama todas plenamente, com toda a sua infinita capacidade de amar, de forma que cada uma se sente especial e importante. Na miologia grega, Zeus tem muitos amores, tanto no mundo divino quanto no humano. Na história da humanidade, esse disfarce do Amante manifesta-se nos haréns reais, vistos pelo olhar monogâmico com tanto horror e, ao mesmo tempo, tanta fascinação. Acredita-se que o faraó egípcio Ramsés II tinha mais de cem esposas, sem falar nas inúmeras concubinas. Os reis bíblicos Davi e Salomão tinham grandes haréns com mulheres maravilhosas e, como vemos em The King and I (O rei e eu), o rei do Sião também. Até hoje certos muçulmanos ricos mantêm várias esposas e concubinas. O Amante manifesta-se em todos esses arranjos sociais.

O Amante da Sombra: O Viciado e o Impotente

O homem que vive num dos pólos da Sombra do Amante, como o que vive em qualquer uma das formas da sombra das energias masculinas, está possuído pela mesma energia que poderá ser para ele uma fonte de vida e bem-estar — se tiver acesso a ela de forma adequada. Mas, enquanto ele estiver possuído pelo Amante da Sombra, a energia funciona para a sua destruição e para a destruição das pessoas que o cercam.

A pergunta mais urgente e que o homem que se identifica com o Amante Viciado faz é: "Por que tenho que restringir a minha experiência sensual e sexual deste vasto mundo, um mundo que contém prazeres infinitos para mim?"

Como o Viciado possui o homem? A característica fundamental e mais profundamente perturbadora do Amante da Sombra é a sua desorientação, que se revela de várias maneiras. O homem possuído pelo Amante da Sombra fica literalmente perdido num mar dos sentidos, não apenas "em crepúsculos" ou "em

sonhos". Bastam as mais leves impressões do mundo exterior para puxá-lo para fora do centro. Ele cai na solidão do apito de um trem no meio da noite, na devastação emocional de uma briga no escritório, na sedução das mulheres que encontra pela rua. Puxado primeiro para um lado, depois para outro, ele não é dono do seu próprio destino. Cai vítima da sua própria sensibilidade. Funde-se no mundo de visões, sons, odores e sensações táteis. Podemos pensar aqui no pintor Van Gogh, que se perdeu nas suas tintas e telas e no violento dinamismo das estrelas noturnas que pintava.

Há o caso de um homem sensível demais que não podia suportar a menor claridade que fosse no seu quarto à noite, que literalmente enlouquecia com o barulho nos outros apartamentos do prédio e que, ao mesmo tempo, era um compositor talentoso. Não conseguia impedir que melodias e letras de músicas ficassem misturando-se aos seus pensamentos. Ouvia-as com clareza. Na tentativa desesperada de manter sua vida com pelo menos um mínimo de estrutura, escrevia centenas de lembretes dirigidos a si mesmo e os guardava em todos os cantos da casa — nos espelhos, sobre a cama, na mesinha de centro, no batente das portas. Corria freneticamente de um lado para outro, tentando cumprir todas as obrigações. Sua vida era um caos de sensibilidade excessiva. Perdera-se nos seus próprios sentidos.

Outro homem estudava hebraico numa escola noturna. Possuído pelo Amante Viciado, ele abordava a língua com sensualidade, deliciando-se com cada um dos estranhos caracteres e sentindo profundamente cada som e as sutis nuances das palavras. Acabou chegando a um ponto em que se viu totalmente absorvido pelos seus sentimentos e não aprendia mais nada. Não conseguia ter o distanciamento necessário para a memorização. Perdeu a energia para assimilar nem que fosse uma só palavra a mais. E embora tivesse começado como primeiro aluno da turma, logo passou a ser um dos últimos. Não estava controlando e dominando a língua; ela o controlava. Tornou-se um viciado em hebraico, uma vítima dos sentimentos que descobrira ali. Ficou perdido.

Um sujeito era apaixonado por carros antigos que custavam mais do que ele ganhava. Ficou cada vez mais fascinado — "perdido" na beleza luzidia deles, esquecendo o buraco nas suas finanças —, até que um dia a "dura realidade" bateu à sua porta e ele viu que estava falido. Teve que vender seus queridos carros para pagar suas dívidas.

Existe a história de um artista que pegou o último dinheiro que tinha em casa, que a mulher precisava para comprar o leite das crianças da semana seguinte, e gastou em lápis cera e pastéis para usar num trabalho que estava fazendo. Ele amava a esposa e os filhos. Mas, como disse, sentia-se totalmente compelido a expressar a sua arte. Perdeu-se nela; e acabou perdendo a família. Há histórias de personalidades supostamente viciadas – pessoas que não conseguem parar de comer, beber, fumar ou usar drogas. Um jovem fumante inveterado recebeu o aviso de seu médico para que parasse, ou seria candidato a um câncer no pulmão. (Já estava mostrando os primeiros sinais de alerta.) Embora quisesse viver, simplesmente não conseguia parar, tamanha era a satisfação sensual que os cigarros lhe proporcionavam. Morreu, de fato, fumando até o fim, perdido no vício químico e emocional do tabaco.

Essa desorientação revela-se, também, na maneira como o Viciado vive pelo prazer do momento apenas e prende o indivíduo numa teia de imobilidade de onde ele não consegue escapar. É o que o teólogo Reinhold Niebuhr definiu como "o pecado da sensualidade". E o que os hindus chamam de maya

— a dança da ilusão, a dança inebriante (viciante) das coisas sensuais que encanta e escraviza a mente, aprisionando-nos em ciclos de prazer e dor. O que acontece quando somos apanhados nas labaredas do amor, consumindo-nos na agonia e no êxtase de nossos próprios desejados, é que não conseguimos desencarnar, dar um passo atrás, agir. Somos incapazes, como se diz, de "tornar tino". Não conseguimos nos desligar e distanciar de nossos próprios sentimentos. Muitas vidas se arruínam porque as pessoas não conseguem libertar-se de casamentos e relações destrutivas. Sempre que nos sentirmos presos a um

relacionamento viciante, é melhor termos cuidado, porque as chances são bem grandes de termos nos tornado vítimas do Amante da Sombra.

Na sua desorientação — interna e externa —, a vítima do pólo ativo do Amante da Sombra está eternamente inquieta. É o homem que está sempre procurando alguma coisa. Não sabe o que está procurando, mas é o cowboy no final do filme cavalgando sozinho em direção ao crepúsculo, em busca de uma outra aventura, de uma outra emoção, incapaz de se aquietar. Tem uma fome insaciável de experimentar alguma coisa indefinida que existe do outro lado da colina. É impelido a ampliar as fronteiras, não do conhecimento (porque isso o libertaria), mas da sensualidade, não importa a que custo para o homem mortal, que necessita terrivelmente, como todos os mortais, apenas ser feliz. É James Bond e Indiana Jones, amando e partindo para amar novamente, e de novo partindo.

E aqui vemos a síndrome de Dom Juan, e encontramos novamente a questão monogamia/promiscuidade. A monogamia (embora não de uma forma simples) pode ser vista como o produto do enraizamento profundo e da centralidade de um homem. Os seus limites não são as leis externas, mas sim as suas próprias estruturas internas, o seu próprio senso de tranqüilidade e bem-estar masculinos, e a sua satisfação interior. Mas o homem que fica mudando de mulher, procurando compulsivamente alguma coisa que ele nem sabe o que é, é alguém cujas estruturas internas ainda não se solidificaram. Como ele mesmo está fragmentado por dentro, não centrado, a integridade ilusória que pensa existir no mundo das formas femininas e das experiências sensuais o carrega de um lado para o outro.

Para o Viciado, o mundo apresenta-se como fragmentos torturantes de um todo perdido. Preso na linha de frente, ele não consegue ver a retaguarda. Preso à "infinidade de formas", como dizem os hindus, é incapaz de ver a Unidade que lhe traria a calma e o equilíbrio. Vivendo no lado finito do prisma, só consegue perceber a luz nos tons deslumbrantes, porém fragmentados, do arco-íris.

Essa é uma outra maneira de se falar daquilo que as religiões antigas chamavam de idolatria. O Amante viciado, inconscientemente, investe os fragmentos finitos da sua vivência dos poderes da Unidade, que ele jamais vivenciará. Essa atitude revela-se também no interessante fenômeno das coleções de objetos pornográficos. Os homens dominados pela energia fragmentada do Viciado, com muita freqüência, juntam coleções imensas de fotografias de mulheres nuas e depois as classificam em "seios", "pernas", etc. Em seguida, colocam os "seios" um ao lado do outro e se divertem comparando-os. Fazem o mesmo com as "pernas" e os outros particulares da anatomia feminina. Encantam-se com a beleza das partes, mas não conseguem sentir a mulher como um ser total física e psicologicamente, e certamente não como uma unidade de corpo e alma, uma pessoa completa com quem poderiam ter um relacionamento íntimo e humano.

Existe nesta idolatria uma pretensão inconsciente, porque o homem mortal que pensa assim vivencia nessas imagens a infinita sensualidade do Deus que as fez em toda a sua variedade, e que se compara com os fragmentos da criação assim como com o seu todo. Esse homem, capturado pelo Amante Viciado, identifica-se inconscientemente com Deus como Amante.

A inquietação do homem sob o poder do Viciado é uma expressão da sua busca de sair da teia-de-aranha. O homem possuído pela teia de maya se contorce, se resolve, lutando freneticamente para sair do mundo. "Parem o mundo, que eu quero descer!" Mas, em vez de tomar o único caminho que existe, ele se agita e piora a situação. Ele se debate na areia movediça e só faz afundar.

Isso acontece porque ele acha que a saída é realmente afundar. O que o Viciado busca (embora não saiba) é o "orgasmo" máximo e contínuo, o "pico" máximo e contínuo. Por isso, ele vai de cidade em cidade, de aventura em aventura. Por isso, passa de uma mulher a outra. Cada mulher que ele tem o faz

confrontar-se com a mortalidade, a finitude, a fraqueza e as limitações dela, desfazendo-lhe assim o sonho de desta vez encontrar o orgasmo infindável — em outras palavras, quando o entusiasmo ilusório da união perfeita com ela (com o mundo, com Deus) se apaga, ele encilha o cavalo e sai em busca de renovação do seu êxtase. Precisa da sua "dose" de alegria masculina. Precisa, mesmo. Só não sabe onde buscar. Acaba procurando a sua "espiritualidade" numa carreira de cocaína.

Os psicólogos falam dos problemas que se surdinam da posse do homem pelo Viciado como uma "questão de limites". Para o homem possuído pelo Viciado, não há limites. Como dissemos , o Amante não quer ser restringido. E, quando ele nos possui, não suportamos que nos limitem.

O homem possuído pelo Amante Viciado é na verdade o homem possuído pelo inconsciente – o seu próprio inconsciente pessoal e o inconsciente coletivo. É dominado por ele como que pelo mar. Um homem sonhava sempre que corria pelas ruas de Chicago, escondendo-se atrás dos arranha-céus de uma onda imensa, quilométrica, que vinha do lago Michigan e ameaçava inundar a torre da Sear's. Todas as noites o seu sono era perturbado, não só por esse, mas também por um "mar" de sonhos. Seus limites, conforme se revelou, não bastavam para separar o Ego consciente e a força irresistível do inconsciente.

O inconsciente surgindo para ele como uma onda vinda do lago (lembrem-se do aprendiz de feiticeiro!) assemelha-se à imagem universal do inconsciente como "profundezas" caóticas da Bíblia, como oceano primordial dos antigos mitos da criação de onde emergiu o mundo masculino estruturado. Esse caos oceânico – o inconsciente – é, como vimos, concebido em muitas mitologias como feminino. É a Mãe, e representa a sensação claustrofóbica que o menininho tem de estar fundido com ela. O homem que sonhava com a onda estava na realidade sendo ameaçado pela irresistível força de seus problemas relacionados com a Mãe, não-solucionados. O que ele precisava fazer era resolver as suas estruturas do Ego masculinas fora do inconsciente "feminino". Precisava voltar à fase Herói do desenvolvimento masculino e matar o dragão da sua ligação excessiva com a mãe mortal e com a Mãe – a "Mãe todo-poderosa".

É exatamente isso o que o Viciado nos impede de fazer. Ele se opõe aos limites. Mas é desses limites, levantados com esforço heróico, que o homem possuído pelo Viciado precisa mais. Ele não tem que estar mais unido com as coisas. Já está muito. O que lhe falta é a distância e o desligamento.

Podemos ver, portanto, que o Amante da Sombra é um resíduo na idade adulta da absorção do Filhinho da Mamãe pela Mãe na infância. O homem sob o poder do Viciado ainda está dentro da Mãe, e luta para sair. Há uma cena fascinante no filme Misbima, em que o jovem Mishima é atormentado até a obsessão pela imagem de um Templo Dourado (a Mãe, o inconsciente). É tão belo para ele que chega a ser doloroso. E se torna tão terrível que para se libertar o jovem precisa queimá-lo. Precisa destruir a beleza "feminina" fascinante e encantadora que o afastaria da sua masculinidade, E ele a destrói.

Essa necessidade de se desligar do poder caótico do inconsciente "feminino", e de contê-lo, pode também ser em grande parte responsável por nossas perversões sexuais masculinas, especialmente as que se revelam na "servidão" e na violenta humilhação sexual das mulheres. Podemos considerar esses atos repulsivos, tentativas, como a de Mishima, de "amarrar", de repudiar para enfraquecer o irresistível poder do inconsciente em nossas vidas.

Se o desejo do Filhinho da Mamãe é tocar o que é proibido – isto é, a Mãe – e cruzar as fronteiras que considera artificiais – basicamente, o tabu do incesto –, o Viciado, saciando-se do Filhinho da Mamãe, tem que aprender a utilidade dos limites da maneira mais difícil. Tem que aprender que a sua falta de estrutura masculina, de disciplina, seus casos e seus problemas de autoridade lhe trarão inevitavelmente encrencas. Vai ser despedido dos empregos, e a esposa, a quem ama demais, vai acabar abandonando-o.

O que acontece quando sentimos que não estamos tendo acesso ao Amante na sua plenitude?

Estamos possuídos pelo Amante Impotente. Vamos viver a vida sem emoções. "Sentiremos" a esterilidade e a monotonia que o contador relatou. Descreveremos os sintomas que os psicólogos chamam de "afeto achatado" – falta de entusiasmo, de vivacidade, de vigor. Vamos sentir-nos apáticos e entediados. Talvez tenhamos dificuldade de acordar de manha e de pegar no sono à noite. Talvez percebamos que estamos falando em tom monótono. Que estamos cada vez mais distantes da família, dos colegas de trabalho e dos amigos. Talvez tenhamos fome, mas falte apetite. Talvez tudo comece a se parecer com a passagem bíblica dos Eclesiastes que diz: "Tudo é vaidade e correr atrás do vento" e "Não há nada de novo sob o sol". Em resumo, ficaremos deprimidos.

Pessoas normalmente possuídas pelo Amante Impotente sofrem de depressão crônica. Não se sentem ligadas aos outros e sentem-se desligadas de si mesmas. Vemos isso com freqüência nas terapias. O terapeuta é capaz de dizer pela expressão do rosto do cliente, ou pela sua linguagem corporal, que algum sentimento está querendo expressar-se. Mas, se perguntamos o que está sentindo, ele não tem a mínima idéia. Talvez diga: "Não sei. Só sinto uma espécie de nevoeiro. Uma névoa." Quase sempre, isso acontece quando ele está se aproximando de um material realmente "quente". Ergue-se um escudo entre o Ego consciente e o sentimento. Esse escudo é a depressão.

O desligamento pode atingir proporções sérias, conhecidas em psicologia como "fenômenos dissociativos", um distúrbio em que (dentre outras coisas) o paciente pode começar a falar de si mesmo na 3ª pessoa. Em vez de dizer: "Eu sinto" isto ou aquilo, ele dirá: "João sente isso." Talvez se sinta irreal. Talvez sua vida pareça um filme a que ele está assistindo. Esses homens estão séria e perigosamente possuídos pelo Amante Impotente.

Mas todos nós sabemos que, quando estamos deprimidos, nada nos motiva a fazer o que queremos ou temos que fazer. Acontece muito com os idosos. Os problemas físicos, o isolamento, a falta de um trabalho útil mergulha-os na depressão. O entusiasmo pela vida se vai. O Amante desaparece. Logo o idoso deixa de preparar as suas refeições. Acha que não há mais motivos para viver. A Bíblia diz que, "sem uma visão, o povo perece". É especificamente sem a imaginação e a visão do Amante que o povo perece.

Mas não é apenas a falta de uma visão que expressa o poder opressivo do Amante Impotente na vida de um homem. É também a ausência de um pênis ereto e ávido. A vida sexual desse homem se deteriorou; ele é sexualmente inativo. Essa inatividade sexual pode saciar-se-se de vários fatores – o tédio e a falta de êxtase com a sua parceira, a raiva reprimida no relacionamento, a tensão no trabalho, a preocupação com o dinheiro ou a sensação de estar sendo desvirilizado pelo feminino ou por outros homens em sua vida. Em conjunção com o Amante Impotente, esse homem regrediu ao estado Menino, pré-sexual, ou está canalizando o Guerreiro ou o Mago, ou uma combinação dos três. A sua sensibilidade sensual e sexual foi dominada por outras preocupações. Quando a sua parceira começa a exigir muito, ele se retrai ainda mais para o pólo passivo da Sombra do Amante. Nesse momento, o pólo oposto da Sombra arquetípica pode "resgatá-lo" lançando-o na busca do Viciado pela satisfação perfeita da sua sexualidade acima do universo mundano do seu relacionamento primário.

O Acesso ao Amante

Se estamos tendo acesso ao Amante corretamente e mantendo fortes as nossas estruturas do Ego, sentimo-nos relacionados, ligados, vivos, entusiasmados, compassivos, empáticos, energizados e românticos em relação às nossas vidas, metas, trabalho e conquistas. É o Amante, corretamente contatado, que nos dá um sentido – o que estamos chamando de espiritualidade. O Amante é a fonte do desejo de um mundo melhor para nós e para os outros. É o idealista, e o sonhador. É quem deseja que tenhamos fartura de coisas boas. "Vim para lhes dar a vida, para que possam tê-la em abundância", diz ele.

O Amante mantém as outras energias masculinas humanas, amorosas e relacionadas umas com as outras e com a verdadeira situação de vida dos seres humanos lutando num mundo difícil. O Rei, o Guerreiro e o Mago, como dissemos, harmonizam-se mutuamente muito bem. Isso porque, sem o Amante, estão todos essencialmente afastados da vida. Precisam desse arquétipo para energizá-los, humanizá-los e dar-lhes o seu objetivo último: o amor. Precisam do Amante para impedi-los de se tornarem sádicos.

O Amante também precisa deles. Sem fronteiras, no seu caos de sentimentos e sensualidade, precisa do Rei para definir por ele os seus limites, para lhe dar a estrutura, para ordenar o seu caos de maneira a poder ser canalizado criativamente. Sem limites, a energia do Amante torna-se negativa e destruidora. Ele precisa do Guerreiro para ser capaz de agir com decisão, para se destacar, com o corte afiado da espada, da teia da sensualidade imobilizante. Precisa do Guerreiro para destruir o Templo Dourado, que o mantém fixado. E precisa do Mago para ajudá-lo a se afastar das armadilhas das suas emoções, para refletir, ter uma visão mais objetiva das coisas, para se desligar – o bastante, pelo menos, para ver o quadro grande e vivenciar a realidade oculta sob as aparências.

Tragicamente, os incansáveis ataques à nossa vitalidade e "brilho" começam cedo. Muitos de nós reprimimos tanto o Amante interno que se tornou dificílimo nos apaixonarmos por qualquer coisa. O problema com a maioria de nós não é que nos apaixonemos demais, e sim que não sentimos essa paixão. Não sentimos a nossa alegria. Não nos sentimos capazes de estar vivos e de viver nossas vidas da maneira como queríamos quando chegamos aqui. Talvez até pensemos que os sentimentos e, em particular, nossos sentimentos são ônus incômodos e impróprios para um homem. Mas não renunciemos a nossas vidas! Encontremos a espontaneidade e a alegria de viver dentro de nós mesmos. Então, não só viveremos mais intensamente as nossas vidas, como permitirem os que outras pessoas vivam, talvez pela primeira vez em suas vidas.

CONCLUSÃO

O Acesso às Energias Arquetípicas do Masculino Amadurecido

Quando o Senhor das moscas, o clássico de William Golding sobre garotos ingleses abandonados numa ilha tropical, foi recentemente reescrito para o cinema, os críticos do novo filme perguntaram por que a história teve que ser refeita. Embora essa mais recente versão do romance de Golding não seja o que há de melhor em matéria de filme, a resposta é que essa obra, seja qual for a sua forma, fala direta e vigorosamente sobre a situação da humanidade neste planeta.

Pode ser que jamais tenha havido uma época em que os arquétipos do masculino amadurecido (ou do feminino amadurecido) fossem dominantes na vida humana. Parece que nós, como espécie, vivemos sob a maldição do infantilismo — e talvez sempre tenhamos vivido. Assim, o patriarcado é na realidade o "puerarcado" (isto é, o governo dos meninos), e talvez o nosso mundo humano tenha sido sempre um pouco parecido com a ilha de Golding. Mas, pelo menos lá havia estruturas e sistemas – rituais – para a evocação de um nível mais alto de maturidade masculina, o que não acontece via de regra em nosso mundo antissistemas, antirrituais e antissímbolos de hoje. Pelo menos, antes havia reis sagrados, em quem os homens do reino podiam projetar seu Rei interior e assim ativar em si mesmos essa forma de energia masculina. Certamente, bem ou mal, houve um tempo em que a energia do Guerreiro era ativa e eficiente para moldar a vida dos homens e as civilizações que construíam. E embora sempre prerrogativa de uns poucos, o Mago estava disponível para ajudar cada homem com seus problemas e dar à sociedade um certo controle sobre o imprevisível mundo da natureza. E o Amante também era tido em alta conta nas culturas que exaltavam videntes e profetas, pintores de cavernas e poetas.

Hoje, tudo isso mudou, substituído pela riqueza e o engrandecimento pessoal, a moeda do dia. Mas o nosso mundo é um mundo que precisa das energias masculinas amadurecidas com mais urgência do que nunca antes na história da humanidade. É uma estranha ironia que no momento em que a civilização parece aproximar-se da sua maior iniciação – passando de uma vida tribal fragmentada para uma outra mais integral, mais universal –, que justamente nesse momento os rituais que transformam meninos em homens tenham desaparecido do planeta. No momento exato em que é necessário à sobrevivência que se substitua a imaturidade pela maturidade – que os meninos se tornem homens e as meninas, mulheres, e que a grandiosidade ceda lugar à verdadeira grandeza – somos lançados de volta aos nossos próprios recursos interiores como homens, lutando sozinhos por um futuro mais sábio para nós e para o nosso mundo. Talvez tenha que ser assim. O processo evolutivo colocou dentro de cada homem os recursos poderosos dos quatro arquétipos masculinos e vem solicitando-lhes, em diferentes períodos da história da humanidade, que resolvam problemas difíceis e ousem o impensável – organizar leis a partir do caos, estimular enormes explosões de criatividade e produtividade (como as que produziram as primeiras civilizações), adquirir certa capacidade de controlar a natureza, tanto interior como exterior, e despertar afetuosa valorização e afinidade. Talvez esse processo de crescimento da nossa espécie seja também responsável pela radical internalização e psicologizarão dessas forças no homem moderno.

A nossa era é de individualismo no sentido mais profundo, bem como no mais superficial também. Sejamos, pois, indivíduos! Nutramos e acolhamos com alegria os grandes indivíduos – homens que irão, com a benevolência dos antigos reis, a coragem e decisão dos antigos guerreiros, a sabedoria dos magos e a paixão dos amantes, agir energicamente para assumir o desafio de salvar um mundo que está infeliz diante de nós. Há certamente necessidades globais e trabalho suficiente para manter ocupados todos os homens por todo o futuro previsível.

A nossa eficiência diante desses desafios está diretamente relacionada com a maneira como nós,

homens, enfrentamos os desafios da nossa própria imaturidade. Como nos transformaremos, de homens que vivem sob o poder da psicologia do Menino, em homens de verdade, guiados pelos arquétipos da psicologia do Homem, influirá de maneira decisiva no resultado da nossa situação mundial no momento.

Técnicas

Fizemos um ligeiro esboço das dimensões do problema neste pequeno livro. Delineamos as formas de energia amadurecidas e imaturas. Mostramos um pouco como elas interagem mutuamente e como surdinam-se umas das outras, nas suas formas da sombra e na sua plenitude. Abordamos algumas técnicas de acesso a elas. Nas páginas seguintes, examinaremos mais detalhadamente algumas dessas técnicas para voltar a estabelecer o contato adequado com os arquétipos da maturidade masculina.

O primeiro passo, para todos nós, é a autoavaliação crítica. Dissemos que não adianta perguntar se os aspectos negativos ou da sombra dos arquétipos estão revelando-se em nossas vidas. A pergunta honesta, realista, que nos devemos fazer é como elas estão se manifestando. Lembremos de que a chave para a maturidade, para sair da psicologia do Menino e passar à do Homem, é tornar-se humilde, ser dominado pela humildade. Humildade não é humilhação. Não estamos pedindo a nenhum homem que se submeta à humilhação por suas próprias mãos ou pelas mãos dos outros. Longe disso! Mas todos precisamos ser humildes. É bom lembrar que a verdadeira humildade consiste em duas coisas: a primeira é conhecer as nossas limitações, e a segunda é conseguir a ajuda que precisamos.

Tendo admitido que todos precisamos ser ajudados de alguma forma, vejamos agora três técnicas importantes para o acesso aos recursos positivos que estão nos fazendo falta.

Diálogo da Imaginação Ativa

Na primeira dessas técnicas, que a psicologia chama de diálogo da imaginação ativa, o Ego consistente dialoga com várias entidades inconscientes, outros enfoques conscientes, outros pontos de vista, que existem dentro de nós. Por trás desses diversos pontos de vista, às vezes de forma obscura, estão os arquétipos – nas suas configurações positivas ou negativas. Todo mundo dialoga consigo mesmo, mas em geral de forma ineficaz, quando "fala sozinho". Comenta-se, brincando, é claro, que "não tem nada de mais falar sozinho, desde que não se responda". Mas nós respondemos, sim. E o tempo todo. Damos respostas a nós mesmos, às vezes verbalmente, em voz alta ou dentro das nossas cabeças. Quase sempre, entretanto, respondemos a nós mesmos através de fatos e pessoas que "acontecem" em nossas vidas, sem que haja um desejo ou uma intenção consciente. Respondemos a nós mesmos através de um comportamento impulsivo que expressa um ponto de vista ou uma atitude que, conscientemente, nos repugna.

Todo homem já teve a experiência, por exemplo, de planejar o que dizer e fazer antes de ir para uma reunião importante, ou de sair disposto a criar um caso na oficina mecânica porque o serviço não ficou bem-feito, e então fazer e dizer uma outra coisa. Na reunião, planejou manter a calma e, com tranqüilidade e firmeza, apresentar o seu ponto de vista. Mas, quando os outros começam a se agitar, ele se vê de repente tentado, aos gritos, a calar os adversários. Na oficina, um funcionário inesperadamente simpático encurta o seu discurso e ele acaba baixando a cabeça, mesmo sabendo muito bem que o outro o está enrolando. Dois mil anos atrás, São Paulo, muito frustrado, se perguntava; "Por que faço o que não quero; e o que quero, não posso fazer?" E quando a cena, seja qual for, termina, dizemos a nós mesmos: "Não sei o que deu em mim!"

O que deu em nós, o que mudou nossas palavras e comportamentos ensaiados, é o que a psicologia chama de complexo autônomo, e por trás dele está o que chamamos de um pólo numa Sombra arquetípica

bipolar. Vale a pena enfrentar essas formas de energia rebeldes e muitas vezes negativas antes que elas nos façam dizer e fazer coisas de que nos arrependamos.

O diálogo da imaginação ativa é uma técnica importante para manter conversações, realizar reuniões de diretoria, pedidos de consulta com essas energias que usam a nossa cara, mas são eternas e universais. No diálogo da imaginação ativa, falamos com elas, entramos em contato com uma ou várias delas, e apresentam os o nosso ponto de vista. Então, ouvimos o que elas respondem. Quase sempre, é melhor fazer isso no papel, escrevendo os sentimentos e os pensamentos tanto do Ego como do "adversário", conforme eles vão surgindo, sem censurá-los. Como qualquer reunião de diretoria bem-feita, no mínimo temos que concordar ou discordar. Em situações extremamente hostis, temos que fazer uma pequena trégua, se possível, pelo menos temporariamente. Na pior das hipóteses, esse tipo de exercício nos ajudará a definir o adversário e colocar a maioria das cartas na mesa. Um homem prevenido vale por dois.

O exercício pode parecer estranho à primeira vista. Mas, em geral, basta alguns minutos escrevendo para se revelar a realidade dos outros pontos de vista existentes na psique de todos os homens. Pode ser que não aconteça nada no início. Mas, se persistir, você vai acabar tendo uma resposta. Elas às vezes são surpreendentes. Às vezes são tranquilizadoras. Mas surgem.

Um aviso: se durante esse exercício você deparar com uma presença realmente hostil, o que certos psicólogos chamam de perseguidor interno, pare tudo e consulte um bom terapeuta. Quase todos nós temos nossos perseguidores internos, assim como temos ajudantes internos. Mas talvez o perseguidor interno seja tão feroz que se torna necessário um apoio para continuar dialogando com ele. Se você desconfiar que vai encontrar alguma coisa desse tipo, é melhor invocar uma forma de energia arquetípica positiva antes de começar. (Falaremos da invocação a seguir.) Uma outra observação: é possível entrar em contato com mais de um outro ponto de vista. Trate o diálogo, então, como se fosse uma reunião de diretoria, e ouça o que cada um tem a dizer.

O que se segue é o exemplo de um exercício de diálogo de imaginação ativa. O homem que teve essa conversa com um de seus complexos (o Trapaceiro) estava tendo muitos problemas no trabalho porque era incapaz de controlar seus comentários críticos – a maioria baseados numa observação correta – sobre a incompetência administrativa. Ele se via ridicularizando o chefe diante dos colegas, não conseguia chegar na hora no trabalho, e era incapaz de conter a sua impaciência e desagrado nas reuniões, entrando ocasionalmente em confronto direto com o seu supervisor. O que se segue aconteceu quando ele se sentou para tentar um contato com fosse lá o que fosse que o estava fazendo comportar-se daquela maneira. ("E" é o Ego, 'T' é o Trapaceiro.)

E: Quem é você? (Pausa) Quem é você? (Pausa) O que quer? (Pausa longa) Seja quem for, está me arranjando encrencas.

T: E não é ótimo?

E: Ah, então tem alguém aí!

T: Deixa de ser besta. Claro que tem alguém aqui. Gostaria de poder dizer o mesmo de você. Parece que não pensa.

E: O que está querendo comigo?

T: Deixe-me pensar. (Pausa) Você sabe o que eu quero seu idiota. Quero fazer você sofrer.

E: Por quê?

T: Por quê? (Debochando) Porque é divertido. Você se acha tão dono de si. Imagine se for despedido! Gente, vai ser engraçado!

E: Quem é você?

T: Meu nome não importa. O importante é que estou aqui.

E: Por que quer me fazer sofrer? Qual a graça?

T: Porque você merece ser infeliz. Eu sou infeliz.

E: Por que você é infeliz?

T: Pelo que você me fez.

E: Que eu fiz a você?
T: É, seu idiota.

E: O que foi que eu fiz?

T: Você não liga para mim, não adianta fingir.

E: Eu ligo, eu quero ligar.

T: Claro, porque está se sentindo mal.

E: Tudo bem. Vamos entrar num acordo.

T: Não, não vamos. Você tem que ser despedido.

E: Não vou deixar você fazer isso.

T: Tente me impedir!

Depois de mais acusações mútuas e manifestações de desconfiança, o Ego e essa imagem interior, que era o arquétipo do Trapaceiro vestindo a própria identidade da sombra do homem, teve início uma conversa séria.

T: Você reprime seus verdadeiros sentimentos em relação às coisas – todos os seus sentimentos. Você é um dissimulado. Eu sou os seus verdadeiros sentimentos. Às vezes quero me zangar, e outras quero ficar bem contente! E você fica aí fingindo, bancando o superior. Qualquer superioridade que você tenha está em mim. Eu sou você realmente!

E: Quero ser seu amigo. E... preciso que você seja meu amigo. Você não é eu. Tenho meus pontos de vista, e preciso que você me escute. Mas vou mudar. Ao mesmo tempo, não posso deixar que você fale o que pensa no trabalho. Se eu passar fome, você também passa. Estamos juntos nisso, você sabe.

T: Tudo bem. Mas vai ter que prestar atenção em mim. As férias estão chegando, e quero ir para algum lugar este ano. Vinho, mulheres e música! Então, você vai ter que me comprar roupas e uma passagem para algum lugar... eu gostaria de uma região tropical! E mais uma coisa... não se choque... quero que alguém me leve para a cama!

E: Combinado. E você vai parar de me pressionar no trabalho, ou vamos ter férias permanentes.

T: A idéia era essa. Forçar você a tirar férias de alguma forma. É só não voltar atrás.

E: Não volto.

T: Então está combinado.

Muitas vezes, o diálogo com os "adversários" interiores – em geral formas de energias masculinas imaturas – abranda muito o poder deles. O que querem – como todas as crianças – é ser notados, respeitados e levados a sério. E têm direito a isso. Uma vez respeitados, e seus sentimentos levados em conta, não precisam mais atuar em nossas vidas.

O conflito terminou amigavelmente. E o que antes era um não-relacionamento tornou-se uma nova fonte de equilíbrio na vida desse homem. O seu Trapaceiro tinha finalmente desinflado o seu Ego – e fez isso para forçá-lo a satisfazer aspectos da sua personalidade que ele ignorava. Uma imagem que começou como um perseguidor interno transformou-se num amigo para a vida inteira.

Neste outro exemplo de diálogo da imaginação ativa, o Ego do homem atuou como juiz entre dois aspectos conflitantes da personalidade dele, um mostrando a influência da energia do Herói imatura e o outro, o Amante. Os dois arquétipos não chegavam a um acordo sobre como tratar a mulher na vida do homem. O Herói queria conquistá-la, enquanto o Amante queria apenas se relacionar com ela numa base de afeto mútuo. O diálogo se deu assim. ("E" é o Ego, "H" é o Herói e "A", o Amante.)

E: Calma, vocês dois. Temos um problema. Gail quer ir para o Brasil pular carnaval, sem a gente.

Você, Herói, quer lhe dar uma bronca e um ultimato: desistir da viagem e vir a Chicago visitá-lo, ou esquecer o relacionamento. E você, Amante, quer deixá-la ir e continuar amando-a apesar de tudo. Portanto, temos que chegar a uma conclusão.

H: Ela está sendo egoísta! Como sempre está tentando me dominar com seus desejos impulsivos. Ela não liga para mim. É perigosa. E para me relacionar com ela, eu é que vou ter que ditar as regras.

A: Sim, mas aí perde a graça. Ela precisa querer estar com a gente, de outra forma não adianta. Eu a amarei independentemente do que ela faça. Meu amor por ela é muito grande; se tentar prendê-la, você vai acabar com um amor verdadeiro.

H: Não me vem com esse romantismo idiota! Talvez você queira ficar calado e engolir isso, mas eu não consigo! Como você pode pensar em viver com uma mulher tão egoísta e impulsiva?

A: Porque, egoísta e impulsiva ou não, ela é a mulher que eu amo.

H: Mas não há segurança com essa mulher!

A: Também não há segurança em forçar alguém a fazer o que você quer, contra os desejos dela. O amor existe apenas pelo simples prazer de amar.

H: Talvez você consiga viver com o simples prazer, mas eu não. Venço a teimosia dela ou morro tentando.

A: O que vai morrer é o relacionamento!

E: Tudo bem. Cada um apresentou o seu ponto de vista. Agora, temos que chegar a um acordo. Parece-me que os dois estão com a razão, mas exageram. O Herói está certo ao estabelecer limites razoáveis para o relacionamento e ao reconhecer os nossos próprios limites, aquilo com que nos sentimos satisfeitos. Gail ir ao Brasil em vez de vir a Chicago não dá para agüentar. E o Amante está certo em não querer acabar com o relacionamento e em querer respeitar os limites e desejos de Gail. Mas, Amante, você tem que entender que o amor humano tem limites. Ele não é ilimitado. Pode ser que o amor seja. Mas o que podemos agüentar não é. Então, vamos estabelecer limites e amar Gail ao mesmo tempo.

Como o Herói, sob a influência do Amante, foi capaz de transformar o seu medo e a sua raiva em coragem e capacidade de estabelecer limites – uma coisa que na realidade ela estava procurando –, Gail não foi para o Brasil e está amadurecendo no relacionamento. E a psique dividida do homem está se tornando íntegra.

Invocação

Uma segunda técnica, nós chamamos de invocação. Desta vez temos acesso aos arquétipos masculinos na sua plenitude como formas de energia positiva. Ela também pode parecer estranha de início. Mas um minuto de reflexão nos dirá que fazemos isso o tempo todo. Todos nós vivemos nossas vidas psicológicas invocando involuntariamente, na maioria dos casos, imagens e pensamentos que podem ou não nos ser úteis. Nossas mentes estão apinhadas de visões, sons e palavras, muitos dos quais indesejados. Para confirmar isso, feche os olhos um momento. As imagens vão aparecer no escuro e os

pensamentos, apenas audíveis para o ouvido "interno", povoarão a sua mente. Se o diálogo da imaginação ativa é um meio consciente, concentrado, de conversar consigo mesmo, a invocação é um meio consciente, concentrado, de despertar imagens que você quer ver. A imaginação afeta profundamente o nosso estado de espírito, as nossas atitudes, a maneira como vemos as coisas e o que fazemos. Os pensamentos e imagens que invocamos são, portanto, importantes na nossa vida. É assim que se faz a imaginação concentrada, ou invocação:

Se possível, encontre tempo e um lugar tranqüilo, clareie a mente o máximo que puder e relaxe – mais uma vez, o máximo que puder. (Não recomendamos exercícios de relaxamento demorados como necessários neste processo, embora eles possam ser úteis.) Focalize uma imagem que tenha ao mesmo tempo figuras mentais e palavras faladas (na sua cabeça, pelo menos). É bom ficar olhando algum tempo as imagens do Rei, do Guerreiro, do Mago e do Amante. Use essas imagens nas suas invocações. Digamos que você encontrou a figura de um imperador romano no seu trono – a fotografia da cena de um filme, quem sabe, ou uma pintura. Durante o exercício, coloque diante de você essa figura. Enquanto relaxa, converse com ela. Chame o Rei dentro de você. Procure fundir com ele o seu inconsciente profundo. Perceba que você (como um Ego) é diferente dele. Na sua imaginação, faça do seu Ego um servo dele. Sinta a sua calma e força, a benevolência equilibrada dele em relação a você, o cuidado dele com você. Imagine-se diante do trono dele, tendo uma audiência com ele. Na verdade, faça uma "oração". Diga-lhe que precisa dele, que precisa da sua ajuda – do seu poder, do seu favor, da sua disciplina, da sua hombridade. Conte com a generosidade dele.

Um jovem começou a fazer análise porque estava se sentindo muito desligado do seu lado erótico. Simplesmente não conseguia fazer um contato "químico" com as mulheres. Queria mais que tudo encontrar uma mulher que o amasse, com quem pudesse ter uma vida sexual excitante, uma mulher com quem pudesse se casar. Parte da terapia consistiu em ler tudo o que pudesse sobre o deus grego do Amor, Eros, especialmente a história de Eros (cupido) e Psique, e depois rezar para que Eros o ajudasse a se sentir sensual e atraente. Logo depois que o rapaz começou suas invocações dessa imagem do Amante, foi fazer um cruzeiro. Nele, conheceu, inesperadamente, uma mulher linda, que achou que ele era o homem mais bonito e másculo que ela já conhecera. Ela estava sentindo o recém-descoberto Eros que existia dentro dele, que revestia toda a sua personalidade de força e brilho. Ela até lhe disse: "Você é lindo como um deus!" Durante várias noites, eles se amaram apaixonadamente no mar, foi a experiência sexual mais fantástica da vida dele. Os dois continuaram a se ver após a viagem, e um ano depois estavam casados, com um bebê a caminho. Ele atribuiu essa vida nova e mais gratificante às suas imagens e invocações do Amante.

Um outro homem estava sendo perturbado pelas colegas de trabalho por causa das suas atitudes másculas e autoconfiantes. Ele encontrou forças numa pirâmide de cristal que tinha sobre a mesa. (A forma da pirâmide, como vimos, é um dos símbolos do Si-mesmo masculino). Sempre que se sentia oprimido, fazia exercícios de respiração durante um minuto. Virava-se para a pirâmide e a imaginava dentro dele, no peito. As ondas dos ataques à sua masculinidade quebravam-se contra as faces do prisma, tentando fragmentá-la. Mas sempre recuavam, perdendo a fúria. A situação no trabalho não melhorou, mas ele foi capaz de manter o equilíbrio, a calma e a concentração a maior parte do tempo, enquanto procurava um ambiente melhor para trabalhar. No meio de um dia agitado, esse homem não podia ritualizar plenamente a sua invocação. Mas muitos homens, na solidão do final da noite ou das primeiras horas da manhã, conseguem fazê-lo. Às vezes até acendem velas e queimam incenso diante de uma imagem do arquétipo, reverenciando-o de uma forma antiga, porém muito adequada.

O que estamos sugerindo se compara ao que as religiões sempre chamaram de oração, quando ela

era acompanhada do ritual de acesso ao deus. Longe de serem ídolos, os ícones da Igreja Ortodoxa Grega e as estatuas do Catolicismo Romano servem para focalizar uma imagem da forma de energia que o fiel está invocando. A imagem do santo ou de Deus pode fixar-se de tal forma na mente de um homem que ele não precisa mais da representação gráfica à sua frente para sentir as energias que fluem dela.

Homens Admiráveis

Seguindo a mesma linha, temos a técnica da admiração. Homens amadurecidos precisam admirar outros homens, vivos ou mortos. Precisamos especialmente estar em contato com homens mais velhos a quem possamos ter como modelo. Se não houver nenhum disponível pessoalmente, temos que ler suas biografias e nos familiarizar com suas palavras e ações. Eles não precisam ser perfeitos, porque a perfeição – a realização do homem totalmente íntegro – jamais será alcançada. O movimento em direção à integridade é possível, porém, e cada homem é individualmente responsável por ele. É precisamente para os nossos pontos fracos, onde nossas psiques estão possuídas pêlos pólos de um sistema de sombra arquetípica, que precisamos invocar, através da admiração ativa, as forças que nos faltam, mas que podem ser apreciadas em outros homens. Se precisamos de mais energia do Guerreiro em nossas vidas, podemos vir a conhecer e apreciar a alma guerreira do faraó egípcio Ramsés II, do chefe zulu que se lançou com seus homens, tão corajosamente, contra o exército britânico na revolta zulu no século XIX, ou do General Patton. Se precisamos de um melhor contato com a energia do Rei, podemos estudar as biografias de Abraham Lincoln ou de Ho Chi Minh. Se precisamos de mais Amante, podemos admirar a energia de Leo Buscaglia.

A questão é que as imagens e os pensamentos que invocamos determinam, em grande medida, não só como as coisas nos parecem, mas como elas realmente são. Uma mudança no nosso acesso interior aos arquétipos do masculino amadurecido causará uma mudança nas circunstâncias externas e oportunidades em nossas vidas. No mínimo, a mudança no mundo interno vai melhorar em muito a nossa capacidade de lidar com circunstâncias difíceis e acabar tirando vantagem delas – em nosso benefício, daqueles a quem amamos, das nossas empresas, das nossas causas e do mundo.

Há um ditado quanto a isso: "Cuidado com o que você pede, pode acabar conseguindo!" O muito proclamado poder do pensamento positivo é, pelo menos em parte, verdadeiro, mais do que a maioria de nós pensa. Assim, embora avaliemos criticamente a nossa posição no relacionamento com as energias masculinas e embora estejamos empenhados num diálogo tanto com os aspectos positivos quanto com os aspectos da sombra dessas energias, precisamos também invocar os arquétipos em sua plenitude de forma deliberada e focalizada.

Agir "Como se"

Há ainda uma outra técnica para se ter acesso aos arquétipos do masculino amadurecido que merece uma rápida menção, porque é tão óbvia que pode passar despercebida. Baseia-se na comprovada técnica de o ator tentar "entrar no personagem" quando ele não sente o personagem. Essa técnica chama-se o mágico "se" de Stanislaviski. Nesse processo, se não consegue sentir o personagem que está no script, o ator começa a agir como ele. Movimenta-se e fala como o personagem. Age "como se. No palco, o ator age com realeza, mesmo que tenha acabado de ser despedido ou abandonado pela mulher! "O espetáculo continua", e outras pessoas dependem de ele representar o seu papel bem. Então você pega o seu script, lê á fala do rei, senta no trono e age como rei. Não demora muito, acredite ou não, vai estar sentindo-se um rei.

É um tanto esquisito, mas quando se precisa ter mais acesso ao Amante, por exemplo, e o pôr-do-sol não tem interesse, vale a pena sair e dar uma olhada nele. Forçar-se a ver a beleza. Até dizer a si mesmo: "Olha só os tons de laranja e vermelho, e a transição sutil do azul para o roxo." Logo, por mais estranho que pareça, vai ver que está interessado em ver o sol se pondo.

Se precisa ter mais acesso ao Guerreiro, pode começar saindo da frente da televisão uma noite dessas e se forçando a abrir a porta e dar uma caminhada lá fora. Pode decidir-se a enfrentar a pilha de contas a pagar sobre a escrivaninha. Levante-se. Mexa-se. Comece a fazer alguma coisa. E logo, para seu grande espanto, vai perceber que está sendo mais guerreiro em muitas áreas da sua vida.

Se é necessário um acesso mais consciente ao Mago, a próxima vez que alguém vier a você em busca de sua sabedoria, aja como se realmente tivesse alguma. Faça de conta que tem algo útil e inteligente para dizer. Obrigue-se a realmente ouvir essa pessoa. Tente tirar da cabeça a sua agenda e realmente concentrar-se no problema que ele ou ela está lhe apresentando. Depois, o mais ponderadamente possível, entregue a essa pessoa toda a sabedoria acumulada na sua vida que puder. Todos nós temos muito mais sabedoria do que pensamos.

Uma Última Palavra

Neste livro preocupamo-nos em ajudar os homens a assumir a responsabilidade pela força destrutiva das formas imaturas da masculinidade. Ao mesmo tempo, é evidente que o mundo esta super-povoado não só de homens imaturos, mas também de menininhas tirânicas e prepotentes fingindo que são mulheres. É hora de os homens – sobretudo os ocidentais – pararem de aceitar a culpa por tudo que está errado no mundo. Tem havido uma verdadeira guerra contra o sexo masculino, que chega ao ponto de uma total demonização dos homens e difamação da masculinidade. Mas as mulheres não são mais inerentemente responsáveis nem maduras do que os homens. O Tirano da Cadeirinha Alta, por exemplo, aparece em todo o seu esplendor em ambos os sexos. Os homens não devem ficar se desculpando pelo seu sexo, como sexo. Devem preocupar-se com o amadurecimento e a administração desse sexo e do mundo mais amplo. O inimigo de ambos os sexos não é o sexo oposto, mas sim a grandiosidade infantil e a divisão do Si-mesmo dela resultante.

Uma última palavra de incentivo: qualquer processo transformador, como a própria vida, exige tempo e esforço. Fazemos o nosso "dever de casa" do lado consciente, e o inconsciente, com seus recursos poderosos, responderá, se abordado da maneira correta, às nossas perguntas, necessidades e feridas com meios geradores e curativos. A luta pela maturidade é um imperativo psicológico, moral e espiritual que vem do Imperador Chinês que existe dentro de cada homem.

Joseph Campbell, no seu último livro, A extensão interior do espaço exterior, pede um despertar universal para um tipo de iniciação que se tornaria o ponto de reagrupamento de noções humanas mais profundas de responsabilidade e maturidade. Iniciação, da maneira como falamos, é realmente uma questão de explorar o âmbito externo de nosso espaço interno. Queremos juntar nossas vozes às dos muitos homens que, através da história, contra enormes dificuldades, com suas vidas e seus ensinamentos, exigiram um fim para o reino do Senhor das Moscas – a apocalíptica fantasia do fim do mundo numa demonstração final de raiva infantil. Se os homens contemporâneos forem capazes de assumir a tarefa de suas próprias iniciações, passando de Menino para Homem, com a mesma seriedade com que o fizeram nossos ancestrais tribais, talvez testemunhemos o fim do inicio da nossa espécie, em vez de o início do fim. Talvez passemos entre os tormentosos Cila e Caríbdis da nossa grandiosidade e do nosso tribalismo chauvinista e avancemos para um futuro tão maravilhoso e gerador como os retratados nos mitos e lendas que o Rei, o Guerreiro, o Mago e o Amante nos legaram.